

A Farsa
de Raul Brandão

AO GRANDE POETA

GUERRA JUNQUEIRO

I

– Ai que ma levam! ai que ma levam!

Uma nuvem desce da serra: arrastam-se os rolos pelas encostas pedregosas e depois as baforadas espessas abafam de todo a vila. E noite, cerração compacta, névoa e granito, formam um todo homogêneo para construir um imenso e esfarrapado burgo de pedra e sonho. Pastas sobre pastas de nuvens álgidas, que a noite transforma em crepes, amontoam-se na escuridão, O granito revê água. E sob a chuva ininterrupta, sob as cordas incessantes, a vila, envolta na treva glacial, parece lavada em lágrimas...

– Ai que ma levam!

E o único grito que irrompe do escuro, lúgubre, aflitivo, raspado. Depois o silêncio, a mudez concentrada da noite, a nuvem negra coalhada sobre as ruínas da vila toda lavada em lágrimas. Só aquele grito ressoa na praça solitária. A torre da Sé deformou-se: o granito aliado à névoa de mistura com a noite, abriram arcarias, alongaram as portas e fizeram dos restos da muralha antiga um tropel caótico. É um amálgama de realidade e pesadelo, trapos de nuvens e palácios desmedidos. A escuridão remexe. Não se sabe bem onde o sonho acaba e começa a matéria, se é uma cidade desconforme, sepulta em treva e lavada em lágrimas, ou meia dúzia de casebres e uma torre banal. Uma luzinha alumia um Cristo aflitivo na abóbada de pedra sustentada por quatro arcos ogivais. Mas a luz treme à ventania, os arcos balouçam, a abóbada estremece, e, ao repelão do vento, grandes sombras esvoaçam, afundando-se no negrume. Há uma sufocação, um espanto, o terror de que a candeia se apague, e só fique o nada, a escuridão imensa e compacta e o grito raspado – Lá a levam! lá a levam!... – É como a última claridade dum barco de naufragos, tragado sem remissão no redemoinho dum indefinido oceano polar. Adivinha-se a porta da igreja, uma golfada de tinta, e o telingue-telingue eterno duma fonte – o choro baixinho daquela escuridão cerrada. A luz estrebucha. Se o vento a sumisse levaria consigo o último sinal de vida. Ficava apenas na noite infinita, impenetrável e revolta, o grito de angústia:

– Ai que ma levam!

As palavras saem duma casa incrustada na Sé. Dentro, numa sala, expõem num caixão o cadáver duma mulher magra, de cera, com flores baratas de papel na cabeça e no seio ressequido.

Agarrado ao esquife alguém berra, sacudido de desespero, como um farrapo ao vento. Em vão. A morta continua a sorrir, com os dentes arreganhados e um lenço apertado no queixo, numa imobilidade pétreia. Fora a noite, a invernia brava, dentro a morte e aquela dor suprema e inútil...

– Ai que ma levam! ai que ma levam!

Na sala pegada, de tecto abaulado, um candeeiro de petróleo alumia outras figuras. São as visitas de enterro: velhas, dois homens, um padre, todos de negro, hirtos e solenes, em roda, nas cadeiras da sala e no canapé de palhinha. De quando em quando uma boca mastiga no escuro. A luz bate-lhes de chapa, ilumina-os como retratos: certos pedaços de fisionomia ressaltam, avançam, outros recuam na sombra. As figuras cerimoniais são disformes, lembram caricaturas, e os traços exagerados exprimem egoísmo, avareza e secura. Ouve-se o raspar das unhas na seda preta dos vestidos. Uma voz soturna afirma: – Deus lá sabe, na sua misericórdia infinita... – E outra acode logo, num tom esganiçado e importante: – Resignemo-nos perante os seus decretos...

São palavras da regra, que soam falso, sempre as mesmas. As outras mulheres ajeitam-se, suspiram e tomam a quedar-se num longo silêncio enfastiado. O homem no quarto ao lado, seguro ao esquife como um naufrago a uma tábuca, soluça, e aquela dor

que não cessa indigna e exaspera as velhas. Não podem suportá-la. Todas trazem vestidos de aparato, com vidrilhos, e mitenes enfiados nos dedos ósseos.

A mobília da casa é uma embirrenta miscelânea de cacos doirados de casquinha, um canapé, arcas, cadeiras puídas, mesas de mogno com ignomínias expostas: cães de vidro e bordados de croché. No canapé as velhas empertigadas e os homens esperam, sem terem mais que dizer. Tudo aquilo, seres e coisas, exprime banalidade e secura e ao mesmo tempo certa grandeza. Pressente-se que as existências se fizeram de mil pequenos nada acumulados. À luz do petróleo os olhos encovam-se-lhes, a dureza sobressai e aumenta. As mãos lívidas e secas, cheias de engelhas, deformadas pelas exostoses, são poemas de maldade e de astúcia. Parecem de mortos e tão afiadas como as da crueldade. O gordo, do lado da porta, todo sebo, que cabeceia e dormita, é o Belisário escrivão – finura e crápula, vestidas de negro. Resfolga. Enriqueceu à custa de penhoras e desgraças. Há almas assim, sempre ocupadas por esta mira – o oiro. Todo ele por dentro é papelada e ronha. Está tão habituado a processos, que, mesmo sem necessidade, cisma em tranquibérnias. Apertar alguém, esmagá-lo, reduzi-lo pouco e pouco à última angústia, à pior extremidade, é para ele um gozo estranho. Sente uma enorme satisfação em perder os que caem nas unhas, em os levar por complicadas fórmulas até à máxima pobreza, metido na sombra, rabiscando papel selado, e vendo, minuto a minuto, o seu sonho tornar-se realidade. A seu lado está a Felícia, presidente honorário das *servas de Deus*, associação instituída para que ninguém possa morrer sem confissão. É uma velha magra, austera e ríspida. Remexe de contínuo a boca enorme. Tem a maxila inferior saliente e os seus gestos são decisivos. Quando fala ordena. Os passos rangem-lhe ao atravessar as salas. Põe e dispõe. Nas sacristias temem-na: nomeia e demite padres, e entra como uma rajada nas existências alheias, revolvendo tudo, derrubando tudo. Conversa baixinho com a Patrícia, viúva gorda e banal, que expõe no peito volumoso e mole, num medalhão do tamanho duma almofada, o retrato do marido morto e um caracol do seu cabelo tingido. Cheira a banha. Perto dela outra velha, inquieta e rancorosa, discute com o padre:

– Até a gente devia mostrar satisfação quando nos morre uma pessoa de família...

– Conforme... – resmunga o sacerdote.

– Porque a dor é uma afronta a Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu para nos salvar.

E todas as velhas, ao santo nome de Deus, logo descolam à uma os traseiros do canapé.

– É contrariar-lhe os seus desígnios! – conclui a Patrícia com importância e cólera.

– Mas, minha rica senhora – observa o eclesiástico – Deus é bom, Deus compreende que as criaturas são de frágil barro. Todos neste mundo estamos sujeitos a fraquezas.

– Pois, quanto a mim, é um escândalo! – exclama, e volta-se para as outras bem alumiada pela luz.

É a amiga mais íntima da Felícia. Juntas são temíveis. Nenhum doente lhes escapa. Esperam, espiam, compram os criados, intrigam e caem-lhes em cima, à hora da morte, pregando-lhes Deus, o inferno e as labaredas eternas. Alguns protestam. Debalde: as *servas de Deus* não desanimam, nem os largam. Rezam extensas ladainhas em livros encapados de negro, sentam-se dia e noite à cabeceira dos leitos, pregam, choram, chamam em altos gritos pela misericórdia infinita e subjagam-nos afinal, aterram-nos, matam-nos às vezes – mas sempre salvos.

A Felícia persegue até à última, com furioso rancor, os heréticos, seus inimigos pessoais. Chegara a odiar o filho por ser ateu e a expulsá-lo de casa. Nunca lhe

perdoara, nem à hora da morte, a sua irreligião. Recusara-se a entrar no quarto onde ele agonizava e nem o próprio confessor conseguira arrancar à dureza daquele coração o perdão do desgraçado, que minutos antes da morte bradava em altos gritos pela mãe. Arrastara-se depois descalça nas procissões, deixando marcado a sangue nas lajes da vila o rasto de seus pés. Por orgulho não confessava nem a si mesma o remorso que crescia com os anos e com a aproximação da morte.

As velhas sabem tudo que se passa na vila. Farejam os escândalos clericais e correm logo à diocese a denunciá-los ao arcebispo, que as teme como à praga. Na casa da Adélia ha uma contínua roda-viva: vão lá à tarde todas as criadas da vila rezar o terço. E ela indaga, rebusca, espiolha o que se passa nas casas de fora e nas consciências alheias. E suspira:

– Ai não morro sem ver outra vez a Santa Inquisição!

A um canto estão outras mulheres e alguns homens nulos, um empregado da Câmara muito meticoloso, sempre vestido de negro. Seu crânio pontiagudo reluz como um espelho.

Do céu barrado continua a desabar a fastidiosa chuva e a ventania abala as vidraças. A vida é um inferno de banalidade e toda aquela segura pesa sobre o pobre homem, que continua a gritar fincado no caixão:

– Lá a levam! lá a levam!...

– Então, então, meu amigo?... Vamos!

– Todos têm de passar por este transe!

– Está no Céu! Resigne-se! então!...

As velhas, imponentes nos seus vestidos de aparato, bocas somílicas e cuias de retrós dizem, só dos lábios para fora, as mesmas palavras vás. A luz do candeeiro quebra-se na careca reluzente do empregado camarário e a essa claridade as figuras parecem deformadas e monstruosas.

– Tudo tem limites – intervém com indignação a Adélia – até a dor. Resigne-se, seja cristão!

– Não há nada pior que não acatar os decretos do Altíssimo.

De quando em quando, uma velha ergue-se e vai em bicos de pés ver a morta. O caixão está no meio do quarto, com duas tochas ao lado e o crucifixo à cabeceira. Entram, espargem o cadáver de água benta e saem logo enojadas. Ao lado do esquife a Candidinha vela, sentada e embrulhada no xale coçado, figura de túmulo de guarda ao cadáver. Não diz palavra. As vezes do corredor escuro irrompe outra criatura, toda em lágrimas: é a criada, a Joana. Traz uma criança ao colo. Mas afastam-na logo, levam-na de rastos, e ela lá vai com a pequena nos braços, aos gritos:

– Minha menina! minha menina que fica sem mãe!...

O cadáver apodrece, murcha entre as rosas de papel: lembra um passarinho num esquife enorme. Os olhos são duas manchas na palidez da face ressequida; os dentes arreganham-se por entre os lábios roxos... E as velhas fogem com o lenço no nariz, exclamando sem convicção:

– Está no Céu!

Só a Candidinha, embrulhada no xale, sem bulir, espera.

– Está no Céu, senhor Anacleto e meu respeitável amigo – consola o padre e conclui: – O que não tem remédio, remediado está...

E ele, sem querer ouvir, abraçado ao caixão:

– Deixem-me! deixem-me!...

Então o padre, ferido no seu orgulho, diz-lhe com severidade:

– Basta! Homem, isso até lhe fica mal! É um pecado. Lembre-se do que Cristo sofreu para nos salvar! – E aponta o céu. Arrancam-no enfim dali, numa explosão de

lágrimas.

Ao pé daquela dor sincera toma maior relevo a secura e a banalidade dessas mulheres, que só temem a Religião e, sobretudo, o Inferno. Perto do cadáver entre os móveis doirados que parecem mais reais – com a ventania imensa lá fora – todas estas figuras banais avolumam como figuras de tragédia: os ventres inchados parecem mais inchados ainda, as máscaras mais cansadas, e mais negras as bocas sem dentes que remoem.

– Ai que ma levam!...

Tinha morrido na véspera. Nas últimas horas do dia nublado, ao sentir-se trespassada pelo pior frio, o da morte, chamara para junto de si a irmã, a Candidinha, uma mulher insignificante, envolta num xale gasto. Pelos vidros coa-se a luz baça do crepúsculo. Fora choram. A velha traça o xale, e a boca aumenta-lhe, avivam-se-lhe as rugas.

– A minha filha, peço-te... – diz-lhe a outra.

E entrega-lhe um maço de cartas.

A velha não responde. Um silêncio glacial. Na luz, que atravessa, antes de entrar no quarto, a espessura da água esverdeada, a Candidinha esboça um gesto de garra que se contrai. E a moribunda repete:

– Olha por ela... Tu sabes tudo.

A velha hesita; depois vai de súbito à porta e fecha-a de repelão. Transfigura-se: dum jacto sai daquela mulher amachucada e insignificante, uma figura de aço e ódio. Curva-se sobre a irmã e fala-lhe baixinho ao ouvido.

– Hã?...

Não se ouve, mas tais palavras lhe diz que um suor de aflição cobre-lhe o suor da agonia. Senta-se e depois de a ter encarado cai para sempre, de chofre. Aquilo dura um minuto e um século. Ao pé da morte abre-se-lhe um abismo de desespero. A velha debruça-se sobre o cadáver, com o xale tombado aos lados como asas disformes, e numa sofreguidão repete palavras sobre palavras precipitadas – para que a outra não vá sem as ouvir. Entra a sombra pelos vidros embaciados: um último estertor e a moribunda queda-se, com espanto nos olhos e lágrimas arrancadas a um coração já frio. A velha encarniça-se:

– Ouviste? ouviste? ouviste?...

Prega a um cadáver, como quem fala para dentro dum túmulo. Quer contar-lhe tudo e não tira os olhos dos olhos vidrados da outra, que a escuta inteiriçada e fria. Morre vendo nos últimos minutos, não a mulher banal, com quem se habituara a lidar, mas outra desmedida e seca, atroz. Só descobre a verdade gélida quando penetra, transida de desespero e sem boca para gritos, no mistério da morte. Os olhos vítreos exprimem, porém, tal horror, que a Candidinha continua a falar, como se ela escutasse ainda:

– Ouviste? ouviste? ouviste?...

Do túmulo não se protesta. A morte é muda – não há horror que a transa. A Candidinha pode enfim desabafar, e as palavras sucedem-se-lhe na boca encostada ao ouvido daquele corpo, ressequido e murcho como o dum passarinho.

– Ouviste? ouviste? ouviste?... – não cessa a velha de pregar.

Cerra-se de todo a noite e ainda o monólogo continua. Na escuridão as asas do xale sacodem-se, imensas como as da Morte...

– Ai que ma levam! ai que ma levam!...

A essa hora o caixão afunda-se na treva, levado a trouxe-mouxe pelos galegos de

fumo negro no chapéu. Vão aos bordos e a névoa agiganta-os e deforma-os. Ao clarão das tochas o caixão parece a tumba dum gigante. Nem o esquife de Heine, nem a barca onde coubesse toda a desventura humana. Cheio de lágrimas levaria um mar – e no entanto os galegos só acarretam um corpo mirrado de passarinho. Mas, como a névoa tudo aumenta, aquele enterro é caricato e lúgubre, e ao mesmo tempo formidável. Dá uma impressão dolorosa e pícara, sob as cordas ininterruptas de água, através da vila toda lavada em lágrimas. Lá a levam! Lá a levam!...

Os anos passaram indiferentes e vão, como o tempo que é um segundo, um século ou uma eternidade. As mesmas estrelas na abóbada infinita, o rolar sem fito do mundo, pedras que se esboroam, gritos, dores, lágrimas – dores sem resultado, lágrimas que se perdem na terra, gritos que se não ouvem a cem passos de distância...

Passaram-se os anos inúteis, e as velhas continuam a reunir-se no mesmo casinholo, tão triste que parece habitado pela desgraça, e o sr. Anacleto, estancada a dor, preso ao balcão, sentado e quieto como o piloto duma frota macabra, a vender os caixões que lhe atravancam a loja.

– Caixões para mortos? Há-os de todos os preços...

– Mostre...

– Veja V. Ex^a este de mogno, marca acreditada... Dourado, rico, óptimo... – É sua filha a morta?

E fixa os olhos inexpressivos na cara do freguês, que pergunta:

– E mais barato?

E ele indiferente e monótono:

– Também temos... sortido... Preço razoável... – E afaga outro esquife. – Casquinha... Não lho aconselho, porém. ‘Tem inconvenientes... primeiro apodrece logo, segundo...

E, como o freguês sufoque de pranto, interroga-o com a mesma cara empedrada:

– Sempre é sua filha a morta?

– É!

– Pois vai bem servido com este, palavra de cavalheiro. Mais caro, mas de dura. Obra de primeira qualidade. A sua morada? Nada de incómodos, manda-se a casa do freguês.

E fica a ruminar palavras sem nexos na loja de granito: – V. Ex^a... – grande abatimento... – minha filha... – ex.^{mo} freguês...

Há existências inúteis, para quem a vida se reduz ao estreito âmbito formado pelas paredes que as cercam. Vivem por hábito. Sabem apenas exprimir-se com seis palavras rançosas. São um misto de papelada, de números, de ideias estúpidas e vãs, de frases gastas e falsas. – Obra de primeira... – a minha filha... – ex.^{mo} freguês... – Pode a dor revolver o mundo, que a máscara de pedra do sr. Anacleto nem diante da catástrofe se altera. Sucedem-se os dias e os anos; sucedam-se os séculos, que o velho não bole de entre os caixões, na loja de granito solitária; estoire embora o planeta com os seus risos e as suas lágrimas, que, se num caco ficar de pé a vila – perdida e submersa entre os vagalhões da serra – ele continua sem sobressalto nem pasmo a vender os mesmos esquifes, com a mesma cara de estanho. À noite sobe e assiste à reunião das velhas; de madrugada, desce, embrulhado no *zézinho*, para ouvir a missa das almas.

Há criaturas assim: todas banalidade – e inesgotável emoção. Porque este velho gasto e reles, amarfanhado, só pensa na filha. Não sabe o que lhe há-de dizer. É grotesco. Pára diante dela, com a cara inexpressiva e os cabelos já brancos e pergunta:

– Hei-de ser a tua mãezinha, queres?

– Quero.

E fica suspenso a olhá-la, sem saber dizer mais palavra. Depois acrescenta:

– Eras tão pequenina... O que lhe custou a deixar-te! Mas eu hei-de ser a tua mãezinha...

E lá vai para a necrópole, sentar-se entre rumas de esquifes, com a pena atrás da orelha e os olhos espantados, o livro aberto diante de si: – ex.^{mo} freguês... – caixões de segunda qualidade... – data tantos...

A Joana criou-a, e passa horas a olhá-la, embebida. É pobre, humílima, sem lar, nunca teve filhos e pegou naturalmente a amá-la e a dar-lhe a sua vida.

– Minha menina! minha menina!...

De mãos postas, não se cansa de a olhar.

– Deixa-me, aborreces!

A vida no casinholo é sempre a mesma. Os dois velhos, a criança – e à noite a Felícia, a Adélia, a Candidinha.

No entanto há ali duas figuras que se entendem: uma o Anacleto; a outra a Joana, feia e estúpida – por fora carcassa reles, por dentro piedade a jorros. Unem-se no mesmo amor. Compreendem-se, ambas grosseiras, ambas sem quase saberem exprimir-se. Os dias são monótonos. Vêm os invernos e depois a montanha envolta em cerração ressurgente esplêndida, por entre os telhados. Só os hábitos, a casa, as velhas não mudam. A Joana é estúpida – e quase santa. Mãos calosas e sujas, olhos pequenos enevoados de lágrimas, uma pieira cómica na garganta e sobre isto tal emoção, que acodem, só de vê-la, as lágrimas aos olhos.

– Minha menina!

– Vai-te embora! Aborreces-me!

Não passa, é certo, duma criada, duma pobre sem lar. Andou sempre de casa em casa, vestida de grossa lã e com as pernas cascosas à mostra: de seus olhos pequeninos transborda a piedade. Afeiçoa-se – põem-na na rua. E ela lá vai para outra casa, calada e humilde. Nunca teve filhos e por isso mesmo – é sestro – não encontra uma criança que se não deite a amá-la. Há patrões que a maltratam, vendo-a, velha e desleixada, apegar-se-lhes aos filhos e beijá-los. Ninguém faz caso da Joana. Há quantos anos ela anda assim de lar em lar, de casa em casa, de dor em dor! Sorri desdentada até para os pequeninos que encontra ao abandono na rua.

Já não se queixa nem se atreve por fim a tocar nas crianças das casas onde serve. Espreita-as. A vida ressequiu-a criou cabelos brancos a cuidar dos outros, a amar os outros, a dedicar-se, a sofrer – e a ser posta na rua. As velhas, a Adélia, a Felícia, a Candidinha, metem-na, como a todos os pobres, na categoria – das *peessoas ordinárias*. Ela também não se importa. Olha extasiada para a sua menina. E sorri, mostrando a boca sem dentes, os olhos pequeninos alumiados de ternura postos em Sofia, de quem foi segunda mãe. Seu cabelo parece estopa; tem as mãos enormes e a pele gretada; cheira mal que tolhe. Não se atreve a, beijá-la. Queria uni-la ao peito seco e raso como as tábuas, mas a sua fealdade impede-a.

– E dizer que andei com esta menina ao colo!

– Deixa-me!

E Sofia cisma, olhando as andorinhas que tecem ninhos no beiral saliente. Vêm-se à mostra os barrotos descarnados. É uma criaturinha insignificante e feia, de boca enorme. Seus olhos são tristes, mas sua boca sorri e toda ela exprime humildade e inocência. Criada entre a Joana e o sr. Anacleto, nada sabe da vida. As velhas de tempos a tempos dizem dela: – Meu Deus, como esta rapariga se tem posto feia! – Cisma lá no alto, no quarto, donde se vê a montanha imensa surgir de entre os muros ásperos da Sé e os telhados requeimados da vila: – Meu Deus, porque é que eu sou feia? – pronta a cair nas mãos da primeira pessoa que lhe fale com ternura.

E ao fundo na loja tanto caixão para mortos! Há-os de todos os tamanhos e feitios, pequeninos e disformes. Há-os lúgubres, que só levam lágrimas para a terra, e os que acarretam mentiras –leves como penas, pesados como chumbo. Uns que transportam a desgraça, a aflição, a dor e o ódio. Tudo que faz agitar o homem sobre este solo que calcamos, exaspero, sonho a que não basta o planeta, fé, lágrimas que tombaram às levadas, tudo cabe entre quatro tábuas de pinho. A tragédia e a farsa, a ambição, infâmias e remorsos, a Vida enfim, lá vai ter sua última morada. Tantos caixões! uns como barcos, outros pequeninos como folhas, leves como penas, pesados como chumbo. Tanto caixão! tantos gritos!...

II

As velhas estão juntas na sala. Banalidade, hábitos, gestos indiferentes. São criaturas egoístas e secas que se cumprimentam e odeiam: a Candidinha embrulhada no trapo, calada e hirta, com o filho, o Antoninho, ao lado; o Anacleto sem dizer palavra; a figura caricata da criada; e a rapariguinha inocente, feia e triste. E quase as mesmas palavras, os mesmos ditos, a mesma bisca – que a morte um dia interrompeu – jogada sobre o porão onde os caixões esperam como bocas abertas na velha casa incrustada na Sé, batida da ventania, sob os frígidos aguaceiros, que descem da serra, corda atrás de corda.

Mas há ocasiões na vida em que as figuras humanas adquirem uma expressão extraordinária. Basta que outra luz as ilumine diferente daquela em que estamos habituados a vê-las. Às vezes basta uma palavra – e descobrimos um mundo novo que nos surpreende. O hábito é uma grande coisa: sem o hábito a gente morria de pavor...

Esta noite, à luz do candeeiro, a sala afigura-se-me um aquário com bichos disformes pousados no fundo. Pelas paredes a sombra alastra e sobe pelo tecto como braços de algas monstruosas e encova-lhes os olhos sem expressão tornando-os maiores e mais fixos; suas bocas enormes remoem como ventosas e a cara empedrada do Anacleto torna-se mais dura e mais impenetrável como a dum ídolo que presidisse àquela reunião de bichos temerosos. A história destes seres, o hábito e a inveja – que é toda a história da vila há dois mil anos – revela-a o claro-escuro melhor que nos quadros de Rembrandt, deformando os tipos, exagerando-lhes as papeiras e os gadanhos, avolumando-lhes as barrigas inchadas, os seios engelhados e todas as deformidades com ferocidade e grotesco, até ao ponto de nos mostrar a nu almas trágicas de monotonia e rancores – até ao ponto de vermos remexer lá no fundo do poço animais gelatinosos, que vivem na água esverdeada sonhando na presa e remoendo sempre o sumidouro das bocas horríveis e frias como as dos cadáveres. A Sombra é um grande pintor.

Se a rajada levasse o que a cova leva e desfaz a matéria – e ficasse de pé o que é eterno, talvez recuássemos de espanto diante de tipos desconhecidos, de sentimentos desconhecidos, de almas nuas na sua beleza ou na sua esplêndida hediondez. Aquele casebre de granito enegrecido pelo tempo, há muitos anos que abriga os mesmos dramas. Cada figura traz recalçado e escondido sob um aspecto banal o seu sonho. Já a morta é pó, a criança cresceu, as velhas recurvaram e azedaram: só a pedra não mudou nem o tempo eterno: o ódio acumulou-se. Soou a hora: a catástrofe desaba e no entanto a Felícia, a Patrícia, as outras continuam como sempre, escravas do hábito, a reunir-se todas as noites de inverno. Os queixos agitam-se, estremecem as mãos, mais secas; o Anacleto a um canto ressona, e a Candidinha imutável embrulha-se no xale e atende... Segreda a Sofia, como se lhe repetisse uma frase de há muito anos: – Ouviste? ouviste? ouviste?... – E o velho relógio de parede, *rape que rape*, tosse de quando em quando as horas no escuro, marcando o estúpido tempo. E de quando em quando, no silêncio sente-se passar a lufada e desabar o enxurro.

– Não se quer confessar – dizia Adélia, a propósito de alguém que está na agonia.

– Manda-se lá o padre Júlio.

– Já lá foi e nada. Morre impenitente.

– Vou eu lá – diz a Felícia.

Calam-se e olham-na surpreendidos. Ela explica:

– Alguma coisa tenho de fazer para que Deus me perdoe os meus pecados. Deus é grato a quem salva uma alma.

– Deus perdoa tudo.

– Tudo não. Amanhã vou falar com ele. Talvez o convença e Deus me perdoe os meus grande pecados.

Ainda Deus é o menos – o pior é o Diabo. Com o frio da velhice vem o terror da morte, levantam-se todos os fantasmas esquecidos e a figura do Diabo avulta e enche todo o horizonte. Se elas pudessem matar o Diabo com o cabo duma vassoura! Talvez em tempo esse senhor fosse apenas uma palavra e mais nada – talvez alguma o julgasse enganar e ele se deixasse enganar... Mas agora o juiz severo carrega o sobrolho e o Diabo só espera que elas morram... Todas têm de dar contas a Deus. Uma cometeu talvez um crime, outra não fez o bem nem o mal, outra deixou morrer o filho sem lhe perdoar nem à hora da morte... E a morte como uma ventania já levanta e sacode todo o pó esquecido que deixaram pelo caminho da vida...

Há um instante de silêncio em que suspiram de angústia. Depois tornam a dizer as mesmas banalidades. E no fundo da loja (nestes momentos todas elas os vêem) os caixões vazios esperam – leves como penas, pesados como chumbo.

Às terças aziagas aparece desde tempos remotos no casinholo lúgubre essa velha desmemoriada e ridícula, sempre com o Antoninho pela mão. Lembra uma ave molhada e sem penas aos pulinhos na sala. Esvoaça-lhe o xale e traz o chapéu à banda. Todos a acham sobremodo estúpida e cómica, com o filho agarrado às saias, o olhar desorientado e vago e um aspecto reles.

– Lá vem a Candidinha!

– Oh que praga!...

E ela irrompe:

– Filhas, venho numa freima. Imaginem o que me havia de acontecer... Filhas!

Ao vê-la, desatam a rir-se dessa figura amolgada pela desgraça, com o chapéu depenado e um riso postiço em que mostra os dentes todos cariados. É uma espécie de bobo que toda a gente escarnece e a quem se atira uma côdea por ser pobre e, sobretudo, por ser inofensiva e estúpida. Diante da velha podem-se contar as aflições, as chagas, as misérias, os exasperos – tudo. Ela não ouve. Dai a minutos, troca as palavras, com um riso forçado, aos pulinhos pela casa, de xale esfarpado a rasto.

Se estamos aborrecidos pelas contrariedades da vida, toca a insultar a Candidinha, a descompô-la, a amesquinhá-la. A sua miséria, a sua abjecção, a sua fome consolam-nos das nossas próprias desgraças. Tudo nela é efectivamente grotesco, até a narração aflita – com esgares e o chapéu ao lado – que costuma fazer da sua amarga existência para os outros se rirem.

– Conta alguma coisa para a gente passar um bocado da noite...

– Ontem, filhas, deitei-me sem comer. Tinha uma coisa na boca do estômago a roer... Uma ferida... E eu sem saber o que era! Sou tão estúpida que nem me lembrava o que tinha!...

E em volta todos à uma gargalham da velha pelintra, que arrasta a sua desgraça pelas casas de fora, contando a este e àquele o que sofre, rasteira como os cães e rebaixando-se ainda mais para lisonjear as vaidades alheias.

Se estão de mau humor, recebem-na com pedras na mão, despedem-na, batem-lhe com as portas na cara, e ela lá se vai com o estômago vazio e o Antoninho atrás.

– É para aprender!

A velha leva, nas aflições, as pratas para o prego, paga os juro, faz os recados melindrosos que se não confiam às criadas.

– Pode-se-lhe entregar. tudo. Oiro em pó que seja!...

– É porque é uma estúpida!

E a Candidinha anda e torna, sempre com a mesma figura arripiada de tragédia, o

velho xale esverdeado ao vento e um sorriso abjecto na boca. O Antoninho cresceu, com as calças muito curtas, amarelo e esguio. Nunca chora nas casas de fora. Recita versos, para que os outros, no fim do jantar, se riam dele e da mãe. As vezes surpreendem na velha um olhar duma secura atroz – esguicho de ódio logo reprimido. Todos emudecem transidos.

– Tu em que estás a pensar, ó Candidinha?

– Ó filhas!... Desculpai! esta cabeça!...

E dá uma explicação confusa.

Dizem-lhe, nas imensas noites de inverno:

– Ó Candidinha, conta p'ra aí misérias...

E logo a velha faz mais uma vez a narração da sua vida. Enchem-na de escárnio.

– Agora o Antoninho que recite, para a gente estar entretida.

E o choninhas, de pé numa cadeira, diz versos sem mexer os braços, hirto e solene.

– Esta Candidinha sempre tem mais graça!

– É estúpida!

– Coitada! Coitada!

– Modos de levar a vida. Lá vai enchendo o papo!...

– Mas sempre rapa cada fome!

E durante anos e anos todos acharam aquela mulher esgalgada e seca, de chapéu ao lado e xale verde esgarçado, insignificante, ridícula e sobretudo estúpida.

– Lá vem a Candidinha...

– Oh que praga!

Tem dias certos de aparecer. No *dia da Candidinha* quase sempre estão de mau humor.

– Ela aí vem!

– Isso não falha. Tem sempre fome aquele diabo!

– Tenho notado – diz com importância a Felícia – que esta gente pobre nunca está doente. Não se lhes pega nada, nem uma dor de barriga! A coisa ruim não acontece desastre!... Só eu cá ando com os meus padecimentos há tantos anos!... Há muito que conheço esta Candidinha e nunca a vi queixar-se senão de fome.

Um dia que Sofia bate no Antoninho, a velha ergue-se colérica;

– Bate-lhe! Bate-lhe tu nela, filho! Só sabes chorar! Bate-lhe!

Mas o Anacleto, que por acaso está de mau humor, grita:

– Bate o quê? quem é que bate? Cale-se! Para que é que se lhe mata a fome? Não seja desagradecida. Olha a grande coisa!... Que é que a minha filha fez ao seu pequeno? Uma graça! Minha rica, precisa de aprender... E se lhe não serve, rua, que é a sala dos cães! Na minha casa não dá vossemecê leis. Vem-lhe agora a soberba, a vossemecê que não tem onde cair morta? Saiba ocupar o seu lugar. A senhora é pobre, não é? Pois então seja humilde – que a humildade fica bem a quem não tem um pataco de seu. Mata-se-lhe a fome – está bem... Mas seja agradecida. Sofre? Pois tem de sofrer, que mais sofreu Nosso Senhor Jesus Cristo para nos salvar. Para que é que eu sou rico? É para a aturar à senhora?... E vá, de pequenino, habituando seu filho a sofrer; crie-o para o que ele tem de vir a ser... Ou o que é que a senhora imagina?...

E a velha trémula, aconchegando o xale ao peito raso, com um sorriso verde e o Antoninho pela mão, acode logo:

– Não chores, filho... Nós somos muito agradecidos aos nossos benfeitores.

– Vossemecê não se faça atrevida, ouviu?...

– Às vezes é a fome que me transtorna o miolo...

Nesse dia, a Candidinha não quer jantar. Parte, com a boca fechada, o Antoninho

pela mão e o xale a esvoaçar na noite.

– Filho, não chores... – diz-lhe. – Pega lá uma côdea... É o nosso jantar.

E as velhas na sala murmuram:

– Esta Candidinha está a fazer-se soberba... E o pobre soberbo. Não há nada pior. Até a gente perde a vontade de dar esmola aos necessitados.

Esta criatura insignificante fala pelos sete cotovelos com suspiros, ais, banalidades, para esconder, uma mixórdia confusa e sem nexos. Para ocultar o quê? Babuja, beija agradecida as mãos dos benfeitores e pronuncia palavras duvidosas, que deixam a gente cismática. Os olhos fecham-se como à procura dum sonho, que só ela, no meio da sala, entrevê. Acontece surpreenderem-na falando sozinha.

– Coitada, não diz coisa com coisa!...

A gente pobre precisa, na verdade, de se abaixar, mas ela exagera a sua abjeção: parece que goza em se sentir mais reles, em se amesquinhar a seus próprios olhos.

– Dêem-me a esmolinha! a esmolinha! – intercede.

– Oh filha, tu não precisas de pedir com esses modos!

– Então que sou eu senão uma pobre? A vossa caridade é que me vaie.

E cerra os olhos para que não adivinhem o ódio. Outras vezes mete-se de propósito na cozinha com as criadas.

Um dia uma velha maldosa, visita da Felícia, surpreende-a a comer restos com sofreguidão.

– Esta Candidinha é que te vale... tens aqui uma boa criada.

E a Felícia acode:

– A Candidinha não é uma criada, é parente.

Mas ela áspera, de pé, com um olhar estranho:

– Então que sou eu senão uma criada? – e muito agradecida...

A visita ao sair diz para a Felícia:

– Ai não a estragues, filha, não a estragues com mimos!... Os pobres querem-se como o que são... – E fechando a mão, conclui: – Aperreados!...

A fome faz rir, a desgraça faz rir. Ponham uma máscara à dor, desengoncem-na como um palhaço de feira, que a multidão cobre-a de chufas. A velha é um trapo arrastado por todos os desesperos – e as lágrimas, a miséria, a catástrofe, ainda a tornam mais cómica. Não tem grandeza nenhuma. É inofensiva e, sobretudo, estúpida. Confunde a pelintrice e a amargura. A narração das suas desgraças começa no choro e acaba por gargalhadas.

É certo que esta mulher podia fazer muito mal. Sabe alguns segredos: diante dela ninguém se retrai: mostram-se-lhe todas as chagas – como se mostram aos cães. É que ela é, sobretudo, desmemoriada e estúpida. Passa fome. Podemo-la matar à fome. – Ninguém faça caso da Candidinha, que não vale a pena!...

Sempre desgraças! sempre misérias! Ela com a eterna lamúria, um bucho sôfrego e disforme – e os outros ricos, felizes, repletos. – Coitada! coitada! é uma estúpida! Mal sabe ligar as palavras – e já repararam para o riso idiota que traz afivelado na boca?

Decerto às vezes a figura – não sei porquê – lembra logo desastres. Arripia. Quando mastiga, aquela bocarra negra faz aflição, e às terças aziagas um calafrio irrompe com ela portas dentro... É certa. Nunca falha o diabo! Mas a gente precisa de fazer algum bem neste mundo, que é com o que se encontra no outro!... É parente, é velha, é um mau hábito: dê-se-lhe, portanto, de comer. Demais, é humilde, faz recados. Às vezes chega até a ser utilíssima. Ouve tudo o que se lhe quer dizer – palavras de cólera e de desprezo. Até as criadas a tratam pior do que mal, tratam-na de resto. – É uma estúpida, coitada!...

Ora eu bem sei que todos nós somos mais ou menos actores para levarmos a vida a termo. Tudo na natureza cumpre o seu destino com gravidade – só o homem é histrião. Apenas conheço duas maneiras de triunfar na existência: pela força, num áspero combate, ou pela manha aproveitando os defeitos dos outros. O triunfo para ela era uma còdea, e, para a obter, tinha de explorar a vaidade, o orgulho, as más qualidades da outra gente. Desengonçava-se para comer, amesquinhava-se para comer, fazia-se estúpida para comer.

A gente é humilhada na vida? – Gosta também de calcar e lá estava a Candidinha a propósito. Ter, de quando em quando, diante dos olhos aquela velha caricata e rota, sentir piedade, rir da abjecção – é mais que útil, é necessário. Conforta. A infâmia dos outros consola das nossas próprias infâmias.

– Mal dos pobres! mal dos pobres!

Mãe e filho surgem à porta: as velhas, agarradas às cartas, nem sequer erguem os olhos. Apenas a Patrícia murmura com desdém: – É a Candidinha... – e tudo torna ao silêncio. O Antoninho, calvo e magro, senta-se no escuro, a mãe agacha-se ao pé de Sofia e o relógio de parede tosse – *rape que rape* – as horas imutáveis... Durante alguns anos mãe e filho tinham desaparecido da vila. Um dia voltaram, ela mais consumida e gasta, mais magra, ele esverdeado e calvo, falando sempre baixinho. Cobriam-nos de chascos. – Vêm para comer. Foram escorraçados... – Mas a Candidinha pela abjecção, pela humildade, pelo ar pelintra, desorientado e cómico, desarmou todas as más vontades, sofrendo todos os sarcasmos para não morrer à fome. Já afinal se dizia, com piedade: – Esta Candidinha fazia falta... – E a banalidade imensa cobrira, amortecera todas as arestas. Correrá o tempo, e o hábito desgastará até as cóleras mais resistentes.

Seca, esgaldada, com as mãos metidas debaixo do xale, a Candidinha fica horas e horas ao pé de Sofia. Fala-lhe. Não se pode fixar a baba pegajosa com que a velha a envolve, as pequeninas frases, as palavras murmuradas ao ouvido, o rodar em torno dela, como uma aranha que constrói uma teia. A sua conversa amolece e escorre. Edifica dia a dia, cautelosa, frase que avança, palavra que recua...

Para se preparar uma infâmia é necessário quase tanta grandeza como para ganhar uma vitória. Os anos tinham passado e ela calada; podia vir a morte e surpreendê-la na sua mudez. Andar mascarado uma hora é fácil, mas a vida inteira, entre a espionagem de criaturas desconfiadas e maldosas, é quase um heroísmo. Enganar as velhas exige uma tenacidade, uma energia, um carácter de ferro. Às vezes emprega-se mais esforço num pequeno nada que numa desmedida empresa; gasta-se tanta tenacidade num caso fútil como numa obra imensa... Quanto mais nessa comédia que dura há anos – desconhecida, apagada, perdida numa terra de província, entre quatro estúpidos tabiques! quanto mais nesse sonho que só se satisfaz com gritos! A velha fizera um cálculo feroz: casar Sofia com o filho. E não desperdiça um minuto, uma ocasião, um pormenor.

Ri baixinho – e depois repete:

– Mal dos pobres, filha! mal dos pobres...

– Oh tia!...

– Tu sim que estás uma flor! Quem te há-de gozar!...

A Patrícia fala baixinho às outras e as suas mãos brancas remexendo no escuro lembram aranhas pacientes.

– Você corta!

A velha, ao pé de Sofia, mastiga palavras e depois põe-se a falar num jacto: a bocarra remói, seus olhos parados de cobra não se despegam dos olhos de Sofia. Em baixo está a loja atulhada de caixões, bocas e bocas à espera de desgraça, de gritos, de catástrofes... – Corte!... – ouve-se. – E aquilo perturba-a, entontece-a, derranca-a.

– Quem há-de gozar esse corpinho de fada?... – torna a velha. – Se tu ouvisses, filha, como ele fala de ti... Não pensa noutra coisa – mas é pobre... Ouviste? Ouviste? – E a estas palavras os restos dum cadáver ainda estremecem no sepulcro.

Aquilo dura noites e noites – dura anos, até que Sofia se perde. A velha atira-a para os braços do filho. Mas ninguém suspeita. Ela sofre, as outras continuam a jogar a bisca sórdida e – mal dos pobres! – exclama a Candidinha, nessa noite, ao entrar na sala com o filho ao lado. Cada fio dessa teia cautelosa representa um esforço, um cálculo, uma vitória. Ninguém deu por isso. O tempo passou sem vestígios: hoje, como dez anos atrás, a sala é a mesma, as velhas as mesmas, idênticos os ódios – e o tédio idêntico. Parece que há séculos se conservam curvadas sobre as cartas sebatas, ao clarão imobilizado do candeeiro. As coisas não se transformaram nem gastaram. O pó cobre os móveis intactos e os cães de vidro sobre os crochês das mesas. Entre o dia de hoje e outro longínquo a diferença não existe. Tudo se fez com uma lentidão pasmosa. A Candidinha cismou dias antes de pronunciar uma palavra, preparou-se meses para dar aquele passo. Mas as figuras, inalteráveis como as pedras, dir-se-ia que não têm uma ruga a mais e que o hábito as conserva na sala escura, vestidas de negro, como se fossem retratos. Vê-se como sempre o grupo das velhas, o perfil seco da Felícia, a sua boca rancorosa, de lábios finos, as mãos batidas da claridade, agarrada às cartas; o olhar vazio da Patrícia; repetem-se os mesmos trechos de conversa banal:

– Chove, hã?

– Lembra-me sempre o dilúvio universal.

– Logo temos de aproveitar uma aberta...

De que valem gritos? Ao fundo, no porão, a traça rói indiferentemente os esquifes de 1ª classe, dourados, ricos, com galões e forros de seda branca, ou os de pinho barato, quatro tábuas sem plaina, cobertas à pressa de paninho preto, e na casa lúgubre, sob a enxurrada imensa, continua-se a jogar a bisca. Só ela sofre. Quatro paredes, os mesmos hábitos, as mesmas frases rançosas. Sofia olha sem ver, quase cega pelas lágrimas, atónita, aquela figura que lhe surge agora pela primeira vez na vida de entre esse mundo apagado.

– Trinta! É uma rolha!...

– Olhem como ela canta nas vidraças!

O sr. Anacleto cabeceia, embrulhado no *zézinho*, a Joana aparece à porta com a candeia na mão, magra, rota e desleixada como um esfregão de cozinha; e a Candidinha curva-se sobre Sofia para lhe perguntar baixinho: – Ouviste? ouviste? ouviste?...

Sofia está grávida.

E agora? agora?...

Aos dezoito anos começa a amargar a vida. Não a conhece ainda e já se alimenta de lágrimas.

– E agora? agora?

Descalça, com os pés nus no lajedo, para que lhe não sintam os passos, espera-o à porta numa brusca madrugada de inverno. A claridade mal rompe a cortina espessa da chuva: a essa luz esverdeada de subterrâneo, as bâtegas fustigam o granito em ondas sucessivas. Precisa de alguém a quem se ater. O frio traspassa-a. Fora a enxurrada esturpe, e o vento passa enovelando a água. Oh o que lhe queria dizer! Nem sabe. Vêm-lhe gritos à boca, golfadas de dor – mas só lhe saem as mesmas palavras repetidas: – E agora? agora?

E rapidamente, enquanto o Anacleto e a Joana ouvem a primeira missa, a das almas, trocam no portal um curto e desesperado diálogo:

– Mas então? então? Fala!

O Antoninho fita-a, e ela, embrulhada no xale, treme de frio e dor. Ele hesita:

- Então... não sei...
- Mas então agora?...

E encosta-se à parede, sacudida de choro. Fora a água corre: o vento abala a porta. Ele faz um gesto, encolhe os ombros:

- Pões-te a chorar? Fazes bem! Com lágrimas é que estamos servidos!
- Deixa-me!
- Chora. Se isso te alivia...

E ela numa explosão de choro:

– A minha desgraça! que desgraçada sorte a minha!... Enganaste-me! mentiste-me!

- Sabes tu que mais!...– exclama ele aborrecido, sem palavras para lhe dizer.
- Vou-lhe contar tudo.
- A quem?
- A meu pai...
- Vai – diz logo decidido. – Queres-lhe dizer? Mata-o!
- Oh meu Deus!...

Sofia sobe a escada. Deita-se com o cobertor sobre a cabeça e chora, chora, num estertor, com as mãos fincadas na boca para que a não ouçam, até que fica esvaída de lágrimas, esquecida de si mesmo e inerte.

A desgraça é negra. É uma queda sem mão que nos ampare. Fartam-se as bocas de gritos, cegam-se os olhos de chorar – e o buraco trágico e estúpido sempre à espera de mais lágrimas. A desgraça pesa e esmaga. Pior: absorve-nos; impele-nos para desgraças maiores. A mão férrea que um dia nos toca, deixa para sempre vestígios impressos e um calafrio que não passa mais. O sabor a infortúnio guarda-se para toda a vida, não na boca, mas na alma; a negrura álgida traspassa-nos dum frio pior que o da morte. Olhar pela primeira vez a desgraça apavora. É um estonteamento, um caos, mas até na desgraça se restabelece o equilíbrio. Chama-se a isso o hábito da desgraça.

Sofia tem sempre a seu lado aquela voz: – Ouviste? ouviste? ouviste? – E depois o jacto de infâmia:

– Sabes lá, não te aflijas, menina! No melhor pano cai a nódoa! A mim em nova, sucedeu-me o mesmo fracasso...

E ri, a velha ri: sacode-a um riso que vem de dentro e que tem raízes no sonho que lhe transtorna por momentos a fisionomia. É ainda um riso baixo, que mal se atreve, prenúncio de outro maior, cheio de fel e triunfo. A Candidinha ri...

Muito longe, num mundo que já a não interessa, perdem-se as outras figuras: velhas em volta duma mesa, o senhor Anacleto, a sala abaulada, o vento a sacudir as vidraças. Perto a velha sórdida, embrulhada no xale, esfrega as mãos como duas tábuas uma contra a outra.

– São coisas que sucedem e quando a gente mal se precata... Leve o diabo paixões! Não chores, filha, que escusa ninguém de o saber...

– Que sorte!

– Não te aflijas, que estragas esse palminho de cara. E não confesses o teu erro, que escusa ninguém de o saber. Vais comigo para a quinta e aquilo é um descampado... Ouviste? ouviste? ouviste?...

Palavras! De que serve falar à desgraça, discutir com a dor? Dez horas no relógio rouco e lá no fundo a loja atulhada de caixões, de 1ª classe, ricos, ótimos: de 2ª classe, reles esquifes de madeira barata – pequeninos e enormes, leves como penas, pesados como chumbo... A desgraça deita-lhe as mãos, sacode-a e transforma-a: aquele mundo já a não impressiona. Arredou-se, perdeu-se, não a interessa, nem a prende, é uma fantasmagoria. Resta-lhe a dor e a Candidinha, que com o eterno xale esfarpado, a mão

afiada no ar e o riso amargo na boca, se transmuda numa figura que enche o quadro sem relevo. Conta-lhe as rugas, nota-lhe particularidades que se salientam com uma precisão enorme. O xale parece que tem vida, o chapéu sem penas não é ridículo – apavora. E as velhas querem espiá-la... Hirtas, secas, maldosas, aí vão sentar-se à roda da sala, à espera que desate aos gritos. A Candidinha a seu lado não cessa: – Ouviste? ouviste? ouviste? – Sofia olha transida: nunca vira a desgraça e sente-se palpada por suas mãos de ferro. Da banalidade, dos hábitos, das palavras sobre palavras inúteis, do casinholo de pedra, irrompe o quer que é de desconhecido e grande, que ela própria não compreende. A dor bate-lhe à porta, descarnada e imensa. Seus peitos são secos, seus olhos de aço. Até ai não passara duma criaturinha insignificante, de vida inútil: vai agora alguém acompanhá-la até o túmulo. Estava em riscos de ter aquela mesma existência estúpida: horas monótonas, a casa de granito, o sr. Anacleto, a criada, frases repetidas, a felicidade e o asco. A dor salva-a. Gritar é viver: despedaçam-se e revolvem-se dentro em nós todas as raízes; enche-nos a boca todo o fel do mundo; os olhos todo o amargor do mar salgado – mas o que há em nosso ser de inútil some-se e a alma engrandece. Só pela dor se vive. – Ouviste? ouviste? ouviste?...

Sob qualquer fútil pretexto a Candidinha e o filho a levaram daí a dias para a serra. Levaram-na e desde essa hora aziaga nunca mais se fartou de chorar. Tanto caixão para mortos – e nenhum a quis. Uns pequeninos como berços, outros pesados como naus e onde caberia toda a desgraça humana. E todos à uma enjeitaram a sua desventura!...

III

Véspera de S. Nicolau e toda a população na rua: uma mixórdia de grotesco e de caligens, de lama e gritos, de gestos confusos e de novelos pastosos que se acastelam lá no alto e barram o céu de horizonte a horizonte em pesadas cortinas sobrepostas. Vem a cerração e a chuva pegada e tão miúda que amolece o granito Das ruas irrompem sucessivos magotes, num clamor de inferno. Na noite ressoam gritos, urros, e clarões de archotes revoloteiam tornando-a mais densa e profunda: fisionomias e gestos surgem de repente como aparições e logo se somem no pez. É uma mescla de negrume e fogo, de braços que se agitam, de doida ventania e chuva cuspinhenta. Os tambores rufam sem interrupção – dir-se-ia que o planeta estoira farto de sonho inútil – e do nada, iluminados a vermelho, brotam bamboleando e somem-se logo sem aparência de realidade, o arco medievo e a mole rendilhada da Sé, para depois a novo clarão ressurgirem só por momentos com a abóbada, o Cristo, as colunatas e os fantásticos recortes de muralha e sombras que tomam corpo e se amontoam nos vastos fundos onde o clarão não penetra. Uma derrocada em tropel, um jacto vivo de escuridão, um burgo de sonho entrevisto que o vento leva consigo.

A turba avança, a praça trasborda: há milhares de bocas que gritam ao mesmo tempo. Aquele mar humano oscila, cresce, clama e dispersa-se. Quando os archotes se apagam, fica só a noite e o ruído; avivam-se os fogaréus e voltam a entrever-se as faces, as bocarras abertas pelos risos estúpidos, rasgados de orelha a orelha.

– S. Nicolau! S. Nicolau!...

É, na véspera da festa, o dia das *posses*, em que desde tempos imemoriais certas famílias estão na obrigação, que a população não perdoa nem perde, de dar, uns castanhas, outros lenha, vinho, pão, uma árvore. Forma-se o cortejo. Já estrondeiam os primeiros compassos da charanga, que desce a rua a passos marciais, archotes à frente. Um reboliço, mais berros, rufos desesperados, uivos, maltas que desaguam de outras vielas recônditas e a multidão que oscila e se espria até à muralha da igreja. Em cima a abobada negra do céu goteja lama e as névoas arrastam-se lentas e esponjosas, bambinela atrás de bambinela, pegam-se às paredes e deformam-nas, desagregam-se, suspendendo-se nas arestas do granito como grandes farrapos de luto. Os uivos redobram. O mesmo pé de vento parece que fez redemoinhar a canalha e galopar no céu os grossos novelos de fumo.

– A câmara! aí vem a câmara!...

Pendões balouçam-se, inclinam-se como velas sacudidas pelo temporal, a que se agarram meia dúzia de náufragos. Logo mais alto, se ouvem os clamores e a charanga ataca as primeiras notas dum marcha de guerra. Abre o cortejo o presidente do município, imponente e grave, com o pendão erguido; seguem-no, solenes, o Pinheiro Careca e outros tipos cerimoniosos, de sobrecasaca e chapéu alto, sob a chuva incessante. Há um vaivém: a mó de gente empurra-se e rodopia, mas organiza-se afinal o cortejo, depois de desordens e protestos; das tabernas irrompem os últimos matulas de suíças; e o céu todo lama desce, desaba, imenso, gelado e fétido, sobre a triste humanidade. Fúnebre, lá consegue o Testa, de cara rapada e olho em alvo, abrir a marcha com o pendão erguido ao vento.

O Careca pega com sofreguidão a uma borla, a charanga segue a passo cadenciado, e por último os magotes anónimos e confusos.

– S. Nicolau! S. Nicolau!...

E tudo aquilo, mar de uivos, treva, archotes, homens e fêmeas, urros e clarões, jorro desordenado e imenso, se engolfá nas ruas estreitas, numa interminável e

ensurdecidora bicha. Aqui e além o fogaréu dum archote: dum lado a casaria, do outro a muralha antiga, compacta e bárbara, a que a noite dá dimensões monstruosas.

A Candidinha atravessa a praça sem ver nem ouvir. Repelem-na, e ela segue absorta o seu caminho. Fala sozinha, ri, as mãos contraem-se-lhe. Vai para o gozo, vai para o ódio. Tantos anos calada e calcada, de boca espremida, atrás da côdea!... E agora vê o seu sonho de pé – também eu o vejo na atmosfera que a envolve... Se não fosse aquele sonho tinha cortado a língua com os dentes, se não fosse aquele sonho quase realizado que se lhe acumula sobre a cabeça, esvoaçando em farrapos como os farrapos das nuvens. É uma coisa disforme que na noite negra se entranha na caligem e a persegue projectada nos ares. Pode enfim desabafar! Ri, corta a multidão, hirta, de negro, a saia esgarçada e o xale ao vento. Não vê, não ouve. Arranca pela primeira vez a máscara, mostra-se, grita cara a cara o seu ódio. E ri, corta a multidão – e ri.

Na sala estão os dois, o sr. Anacleto e a velha frente a frente; ele dormita, ela de pé, do outro lado da mesa, espera e goza. Vai falar! vai falar! – diz lá por dentro. E seu coração bate como um tambor à carga.

Sobre as duas figuras, a velha hirsuta, formidável, impiedosa, o velho gasto e empedrado, incide de chapa a luz do candeeiro. E a mesma sala embirrenta de sempre, os mesmos móveis puídos; sobre o pano da mesa o cão de vidro olha esgazeado; a um lado o canapé e à roda as cadeiras doiradas de casquinha...

Um minuto e só se ouve o coração da velha aos baques.

– Hã? – diz ele.

– Hã?... – range a velha.

– A minha filha, há? a minha filha quando torna?

Ainda a Candidinha com esforço se contém.

– No melhor pano cai uma nódoa...

– Hã?

– Não se aflija. Tudo se repara com o casamento, e você é rico.

Ele não compreende.

– Eu estou pobre.

– Pobre!

– Estou pobre. Tudo me tem corrido torto. Estou talvez em vésperas de falência.

A minha filha que volte. Vamos mudar desta casa.

– Mas então você está pobre?! Você está pobre?!

– Traga-me a minha filha.

São tantas as palavras que lhe acodem à boca que a velha não sabe por onde principiar. Resfolga. E o cenário banal, onde as velhas há anos jogam a bisca, assiste àquela farsa. Nas paredes impregnadas de tédio enfileiram-se as cadeiras doiradas por cima, reles por baixo. A luz ilumina as figuras – o Anacleto estúpido, a Candidinha enorme e trémula. Foi tudo inútil? Torna a bater o coração da velha, que já se não contém:

– Hã?... – E respira sôfrega como se todo o ar da terra lhe não bastasse. – A sua filha... a sua filha... – E de súbito num ímpeto: – Estou até aqui, sabes? Estou farta de pedir côdeas!

E tira o xale dos ombros, como quem arranca a pele. Fica enorme, seca como a própria secura.

– Hã?...

Ele não compreende: está afeito a ver uma Candidinha de comédia, pedinchona e ridícula, que se descompõe e despede, e a quem por caridade se mata a fome.

– Hã? – torna.

E ela baixo, sôfrega, desesperada, endireitando-se, com outra voz, rouca, raspada, furiosa:

– Tu que imaginas? tu que imaginas?... Isto era só ter regalos, mandar, atirar a cõeada aos cães?... Isto era só calcar a estúpida, desprezar a estúpida?... Estou farta, meu rico, de ser uma escrava de pedir esmola... – E prega: – Estou farta! estou farta!

Mas não sabe, não pode exprimir tudo. É um montão de coisas imensas, desconexas, acumuladas, um jacto de cólera e de infâmias que não pode romper para a luz. E ele olha sem compreender ainda aquela figura imensa. Então ela mais baixo exclama:

– A tua filha não é tua filha! Precisavas de o saber... A tua mulher enganou-te! A tua filha enganou-te! Era isto que eu te queria dizer. Vim aqui de propósito para to dizer. Podes ir buscá-la quando quiseres... Queria-to dizer pelo que tenho sofrido toda a minha vida – e sem poder abrir bico... Eu a fazer recados como um cão – e tu a dares-me esmola, hein? O meu filho desprezado e com fome e a tua filha no quente, hein? A tua mulher enganou-te, tenho aqui as cartas... Há anos que as trago aqui no peito a escaldar-me, a remoer dia e noite – sempre...

Em redor assiste àquele drama o cenário de sempre: as mesmas paredes, a mesa onde as velhas jogam há muitos anos. O Anacleto não percebe ainda, mas ergue-se num espanto. Nem a dor no entanto é capaz de lhe transformar a fisionomia empedrada.

– A minha filha?! a minha filha?!

– Está grávida, sabes? Está grávida! Agora se queres vai buscá-la. Estou farta de comédia. Um ano, outro ano e a besta a sofrer... Desabafo! Pega as cartas, trago-as aqui!

Torna a bater o coração da velha, que repete numa sofreguidão:

– Estou farta! estou farta!

Atira com os papéis amarrotados para cima da mesa e sai, trágica e solene como o destino, com o xale a rasto. Vai-se e a porta em baixo bate com estrondo fazendo estremecer todos os caixões da loja. Traga-a a escuridão, some-a a lufada... Para o fundo um uivo mais alto e um clarão de incêndio.

O velho tomba esvaído, e tal é a dor que chega a sentir-se o embate do desespero sob a capa inteiriça de pedra. Há uma sufocação naquela alma: a princípio é o nada – como uma árvore a que cortassem de golpe todas as suas raízes. Um negrume pior que a aflição, pior que a dor. A morte. Não fala porque se lhe estrangulam na garganta todas as palavras; não grita porque não se lembra de gritar. Aquilo passa como uma impetuosa rajada revolvendo tudo, desordenando tudo, e há tal contraste entre as feições paradas e os olhos onde se lhe concentra o espanto, que a sua figura surrada atormenta e transe. O sr. Anacleto, que passou a vida a vender caixões para mortos, dá de súbito de cara com a realidade: a mulher atraíçoo-o, a filha está desonrada e perdida! Cai-lhe o queixo, agita os braços e rompe pela porta fora sem destino, com a cabeça descoberta, a gesticular. Não vê, não ouve, não sente. Fora a noite, na sua alma a voragem. Molha-o a chuva, o frio traspassa-o. Como é que se grita? Vêm-lhe à ideia palavras sem nexo, a loja e o negócio, e no entanto o coração estala-lhe. Para que é que se grita? E ainda não entende. – Veja este caixão, obra asseada... – isto não é fancaria... – ora repare... – é o último preço... E a dor revolve-o. – O sr. Anacleto nunca reparou nas lágrimas alheias: a morte fizera-se para vender caixões – 1ª qualidade, de cedro e mogno; 2ª qualidade, de pinho e casquinha, e últimos preços, caixotes vendidos por atacado, para os mendigos e pobres do hospital, grande abatimento... – A minha filha! – E lá segue aos encontrões pelas ruas. Atasca-se na lama sórdida, perde o *zézinho* em que se embrulhou durante tantos anos. – A má mulher! a má mulher!... – A canalha toma-o de repelão, traga-o entre as muralhas estreitas, esmagado naquele oceano de cabeças. A chuva despega-se do céu, enlameia-o, pegajosa e fétida. A turba ulula aos arrancos. Noite, lama, um inferno que

apanha e leva também outro fantasma imenso, a velha que atravessa a vila sem ver nem ouvir, perseguida por um cortejo de ideias, de sonho, de exaspero que a envolve e a funde na caligem. O burgo medievo com o castelo no alto e as muralhas desdentadas abrangendo as ruelas fétidas. De quando em quando um buraco, um postigo, um pano intacto, que na sombra redobra de espessura, alumiado pelos clarões dos archotes. Granito – granito sólido, boeiros de treva, mais treva acastelada – e a multidão que corre para um saque, desvairada, aos gritos, com os archotes em punho e as bocas escancaradas... Escuridões longínquas remexem. A névoa envolve e traspassa, a chuva cai sobre a pedra e as ruas envolvendo tudo de fumaceira e mistério. E à medida que vão passando aos urros, o quadro desfila a negro e vermelho, os prédios, os becos, uma praça esganada entre muralhas que se perdem no céu, boeiros que esguicham mais gente e que se afundam na treva, coisas disformes que pertencem à noite e farrapos engrandecidos e misturados de névoa que transformam a vila num burgo de pesadelo, quase alucinatório: são escadinhas que sobem até ao céu; é a quina duma torre toda ensanguentada à luz dos fogaréis, que bamboleia e recua para a treva; é um novelo de casaria que estremece e avança, avivando-se pormenores que logo se perdem; é outra fiada de casebres que surgem como palácios monstruosos e lá no fundo uma calçada a rever água que vai acabar num poço subterrâneo; são nuvens esgarçadas que flutuam sobre o clarão dos archotes, tomadas duma vida estranha. O burgo parece enorme, o milhar de pessoas que se agita uma enorme multidão desorientada e as nuvens crepes a rasto para o luto duma catástrofe universal.

Por fim um jorro humano estaca diante dum prédio emudecido e escuro, os clamores e a música cessam e a bicha, depois de ondular, atende ansiosa. Novelos sobre novelos as nuvens continuam lá em cima a sua desordenada e eterna correria sem fito.

O pendão camarário oscila, há um baque, e, grave como quem cumpre um rito, o Testa destaca-se do grupo e avança limpando da careca o suor das grandes solenidades. Diante do prédio, no silêncio e na noite, três vezes chama:

– Cucusio! cucusio! cucusio!...

Nada. Ninguém responde, e um frémito percorre a turba que espera sempre, milhares de cabeças erguidas no ar, as bocas abertas como peixes diante da casa negra e cerrada. Para o fundo no negrume outros, e mais outros envoltos na escuridão, atendem também como quem espera um milagre. E ouve-se no silêncio a chuva cair, miúda, pegajosa, eterna. Pela fresta duma janela lá se escoia por fim uma ténue claridade – e ao fundo estremece, silenciosa e compacta, a canalha comovida e atenta, até que, avançando com imponência mais dois passos, o Testa, como quem invoca, implora e ordena, torna:

– Cucusio!...

Sente-se abrir o postigo do prédio e uma voz comovida responde afinal ao apelo:

– Pronto, meus senhores, cá está o Cucusio!...

E logo assoma ao peitoril do primeiro andar, alumiado pela chama vacilante da vela, um monstruoso traseiro – como, desde tempos imemoriais, é obrigação daquela família, na véspera do santo, transmitida religiosamente de pais para filhos, mostrá-lo à vila. A charanga ataca o hino, os tambores ao mesmo tempo rufam, os urros estrugem, o pendão oscila levado pelo Testa, no alto daquela onda, e o sr. Anacleto corre sem ver nem ouvir, desorientado. Anda – e por fim, lá longe, a uma esquina, topa na escuridão com uma figura que mal se destaca da treva, como um farrapo arrancado à própria noite. Come a ferrugem o aço, corrói a desgraça as criaturas. Olha-o surpreso, como se pela primeira vez na vida se lhe deparasse um ser humano. E pára atónito. Sem saber porquê, sem razão plausível, o velho estaca... É uma rapariga, envelhecida pelos tratos: adivinha-se-lhe a palidez, a fome e as lágrimas. É na verdade um farrapo de sonho todo

transido de dor. O sr. Anacleto detém-se atordoado diante da mão que rompe do escuro e implora.

– Que é? que queres?

– A desgraça.

– A desgraça, hã?... Que desgraça!?!...

Remexe nos bolsos, fixa um momento a pobre que nem sequer responde. Cala-se. Já, de atascada na dor, não tem forças para gritar. Parece posta ali de propósito para ele compreender a vida, parece que a criou a noite e lha mete pelos olhos dentro. E um farrapo que se põe a gemer baixinho, um farrapo criado pela dor e que já não pode com a dor, e que anda de mão em mão, como se a vida fosse para ser desprezada e calcada. O sr. Anacleto, que passou seus dias a vender caixões para mortos, pela primeira vez tem a compreensão da desgraça. Quer dizer não sei o quê e não pode. Não sabe. A outra espera molhada até aos ossos.

Nem talvez esta figura exista. Criou-a ele na imaginação e nela vê reflectido o futuro da filha. A desgraça? que é a desgraça que reduz os seres a esta expressão atormentada, que os reduz a gritos e a sonho, dando-lhes ao olhar não sei o quê que nos enche de remorsos? Talvez nem esta figura exista...

– Que desgraça? de que desgraça é que me vens falar nesta noite de lama e uivos, que eu não compreendo bem, com figuras que me parecem fantasmas?...

– Pior que a fome...

– Mas fala! fala! diz-me tudo... Eu agora posso ouvir tudo... As piores coisas.

Mas a outra só geme baixinho, como se o gemido viesse de muito longe – ou de dentro do coração do sr. Anacleto, que passou a vida a vender caixões para mortos...

– Dinheiro, hã?

Dá-lhe à pressa todo o dinheiro que traz consigo mas a outra não diz nada... Não é dinheiro que ela quer. Agora entende tudo... Volta atrás, aperta-a com desespero nos braços, beija-a na testa e foge a chorar como um doido. Só agora compreende, porque sofre, e toda a extensão da desgraça... Lá vai no escuro, com os braços erguidos, a clamar:

– Filha! minha filha!...

Entra assim na escuridão cerrada, sob o aguaceiro que desaba do céu. Tropeça, cai de borco com os braços para diante e estatela-se na lama, que lhe bebe as últimas lágrimas.

IV

A Candidinha fora criada ao bafo da desgraça. O ódio mirra-a. Morar toda a vida com a desgraça, seca: por isso a velha é de pedra e ódio. Com cinquenta anos de fome e de catástrofe tem os cabelos negros e o coração de ferro. Para dar têmpera ao aço mergulha-se na água: a sua alma endurece-a com inveja e lágrimas. Já em pequena a irmã era o miminho e ela o tresogo. Nunca a pudera ver. Mais tarde escarnecia-a:

– O teu pão dão-to os mortos!

Sonhara em ser rica como a outra e perdera-se: tinham-na abandonado com um filho e era ela que lhe dava as sopas, às escondidas do Anacleto. E assim, vira todos os seus sonhos convertidos um a um em amargura e farrapos. Começou a andar pelas casas de fora com o eterno xale esverdeado e o Antoninho pela mão, atrás de esmolas, vivendo uma prodigiosa vida interior, assistindo na sua alma a um espectáculo sem par. As palavras de sarcasmo que lhe vinham do coração, transformava-as logo em baba. A irmã era feliz, e a Candidinha não tinha pão que desse ao filho – eis a realidade – quando à filha da outra não faltavam mimos.

– Tudo se transforme em veneno no teu corpo!

Sente ódio pelo mundo; ódio por ser pobre, pelas côdeas que outros comem, pelos risos, pelas felicidades alheias mais somenos! Curva-se de rastos, adúltera e má como as cobras, e de tanto odiar dói-lhe às vezes o coração: acocora-se a um canto, com os joelhos à boca, sonhando em minas e desastres.

– Vive de mortos! vive de mortos!... – exaspera-se.

Um dia, tanto espia a desgraça que a desgraça desaba. A irmã, depois duma paixão, tomba no sepulcro, que o remorso abriu para a adúltera. O sr. Anacleto ignora o drama e com a filha unida de encontro ao peito, arranca-se-lhe dos braços, lavado em lágrimas. A Candidinha, inteiriça, não a larga até o último estertor. Regala-se de remorsos! sustenta-se de dor! E de si para si repete:

– O estúpido! Se eu me pusesse a falar! se eu quisesse falar!...

E ri-se sozinha. Falem-lhe de ilusões que logo a velha, com a mão afiada surgindo de entre o xale rebate:

– Poesias! Neste mundo de enganos só há ser rico ou ser pobre! E mal dos pobres!...

Redobram OS maus tratos, atiram-lhe as esmolas, e ela curva-se e anda com o xale rapado, a saia esgarçada e o filho pela mão, de porta em porta. Despedem-na e lá torna, sonhando catástrofes e infâmias.

– Oh a desgraça não me servir! não estar a desgraça na minha mão!..

Se fosse sozinha, sem o filho, morreria de fome, atirada para um canto, com a boca bem cerrada para não pedir, depois de dizer bem alto o ódio que a mina. Há quantos anos contém aquela torrente esbraseada, que lhe sobe aos ímpetos até a boca, incha, trasborda e que logo reprime!... Ah, se fosse sozinha preferia engolir a língua a pedir esmola!

– Pudesse eu! pudesse eu!

E lisonjeia-os, aflita e abjecta. Em dias certos vêem-na aparecer, de negro, dizendo a todos os que odeia, a todos os que quer ver bem atascados na dor:

– Vivam! vivam!...

O seu riso soa a ódio, os seus beijos deixam baba, OS seus modos são refalsados e hipócritas. Quem lhe dera morder as mãos que se lhe estendem!... E diz a Sofia:

– O que nos vale são os benfeitores. Tu, sim, filhinha, que estás uma flor!

E de si para si:

– Ainda sejas mais desgraçada que as mulheres da vida!

Aquele salafrário, de orelhas despegadas do crânio, teve sempre junto de si a velha a pregar-lhe:

– Neste mundo só o dinheiro pode tudo, ouviste?

Já em pequenino no colégio o desprezavam e batiam-lhe por ser pobre. As calças que trazia davam-lhas por caridade; os mestres ensinavam-no por caridade; a velha que o ia buscar vivia de esmolas. Fizera-se mau e hipócrita. Beijava agradecido as mãos dos ricos que O escarneciam e tinha vergonha da mãe.

– Ó mãe...

– Hã, filho?

– Não me venha buscar ao colégio.

– Porquê, filho?

– Porque aqueles meninos riem-se de vossemecê.

A velha quer-lhe como à vida, como ao ódio. Talvez o seu filho pudesse um dia vingá-la, calcar aos pés todos os benfeitores. Para. isso o cria. Esse ser gelatinoso, alimentado de côdeas, e representando desde que se conhece a comédia da esmola agradecida, é mais que um filho, é a alma da Candidinha. Encharcou-o de rancores. Insufinou-o o ódio. Podem calcá-la à vontade: serve-lhe de pedestal. Está pronta a dar por ele o corpo à terra e a alma ao Diabo. Construiu-o de restos e dum amor extraordinário, dum amor que gerou nas noites de mudez e de sonho.

– Se eu pudesse esganava um! Não faças caso... Deixa estar que inda hás-de ser rico e rires-te deles. Hão-de ter o pago!...

Contar o quê? Esta vida de exasperos e contrariedades mesquinhas, que desgasta lento e lento como a água às fragas? A raiva de estorcegar, quando tinha de babujar, desprezada e escarnejada, e o sonho inútil, que a deixa tonta e de olhar esgazeado?... Quem tivesse génio para narrar o drama entre a mãe e o filho! Ela conta-lhe as aflições, a fome, os maus tratos – a comédia e a tragédia; as horas amargas atrás da côdea, a humilhação, a máscara da estupidez encobrendo a infâmia. Seca-o; dentro desse pequeno, de orelhas despegadas do crânio, amarelo e hirto, há já uma velha, de xale rapado, a pregar catástrofes, farta de hipocrisia e de esmolas.

Ao deitá-lo, a Candidinha senta-se ao seu lado no catre. Às vezes tem-lhe dado o único pedaço de pão que há em casa; pega-lhe nas mãos para lhas aquecer e conversam. O pequeno interroga-a, a Candidinha responde, traçando gestos no escuro. Diálogo amargo entre o filho já crescidinho e a mãe gasta e desesperada:

– Olha o padrinho... É um canalha. Matou a mulher.

– E não foi preso?

– Se ele é rico! Os ricos podem tudo, filho. Neste mundo tudo é mentira, só o dinheiro é que é verdade.

– E a gente é pobre, não é?

– É, filho, é... O que eu passo para te sustentar! Estou farta. Dão-nos os restos, os sobejos... Deus os faça desgraçados.

– Mas, á mãe, eles que são mais do que nós?

– São ricos.

– Mas são nossos parentes, não são?

– Isso são.

– E como o ganharam?

– Sei lá! Roubaram-no! E tratam-nos pior que cães. Que ganas eu tenho, quando me dão a côdea, de os ver por baixo como a gente!... Se eu pudesse dar esmolas, não dava esmolas a ninguém. Havia de me rir das aflições dos outros.

– Os meninos ricos do colégio também me batem.

– Morde-lhes, filho.

– E os ricos não repartem?

– Os ricos dão esmola, mas é para rebaixar a gente.

– Os ricos são maus?

– Como as pedras. Ninguém neste mundo se importa com as desgraças dos outros, senão para se consolar. Cada um por si. E quem tem dinheiro tem tudo. Este mundo é de quem mais apanha e o céu é de todos. – Às vezes também diz: – Este mundo é uma bola, partido ao meio dá duas gamelas. – Às vezes também ri – e o seu riso mete medo.

Ele cisma encolhido e transido. E a mãe ao lado clama horas e horas: esvazia a cólera todo o dia represa. Sozinha à noite com o filho conta-lhe o que surpreendeu em casa dos parentes – amargura e lágrimas. – Eles também choram, que é o que vale! Eles têm dinheiro e o dinheiro consola de tudo. – E não cessa de lhe lembrar:

– Sustentei-te dos restos, criei-te com aflições e esmolas. Recorda-te disso toda a vida.

– Mas os outros são mais do que nós, mãe?

– Agora! Tu és melhor que os filhos dos outros. Tu és muito inteligente. Mas és pobre – e mal dos pobres! Chorei noites e noites a fio, por não te poder dar o que tinham os outros... O Anacleto, sabes?... é rico.

– Como o ganhou?

– Como o ganham todos, tirando-o à boca dos pobres.

– E o Belisário?

– Esse casou com uma velha rica e matou-a com desgostos. Foi bem feito. P’ra ela aprender, a estúpida! Não fosse tola! Nunca te cases pobre, ouviste? É tudo o que há de pior. Mulheres não faltam. Arranja uma muito rica.

– E o pai não era rico?

– O teu paizinho morreu sem te perfilhar e os parentes deitaram logo a mão ao dinheiro. Roubaram-nos.

– Mas então rouba-se assim?

– Quem tem dinheiro pode tudo. As justiças estão sempre do lado de quem tem dinheiro, e contra os desgraçados. E ainda por cima fazem escárnio da gente. Deixaram-nos a pedir. Mas hão-de amargá-las, hão-de ser mais desgraçados do que nós! O filho da tua tia morreu no hospital. Tem chorado lágrimas de sangue. Finge que és amigo dela mas não perdoes, ouviste? Se a gente se mostra como é, põem-nos logo na rua. Cabeça baixa e andar p’ra diante, senão não se apanha nada. Faze-lhe muitas festas, mas se um dia lhe puderes fazer mal, não lhe perdoes...

– Mas eles dão-nos de comer, pois dão?

– Dão, mas é côdeas; dão por vaidade, por esmola, filho. Matam-nos à fome, para sermos agradecidos, para nos poderem dizer tudo, para que a gente seja humilde.

– E a gente não lhes pode fazer mal?

– Por ora não. Mas quem sabe? A roda da fortuna às vezes desanda e talvez um dia tu lhes possas matar a fome aos filhos. Tem-se visto muito. Tu hás-de vir a ser rico.

– Como, mãe?

– Em sendo grande. Dorme... Neste mundo o que vale é o dinheiro. Com dinheiro a gente ri-se de tudo, faz tudo quanto quer... Dorme.

– A gente hoje não jantou...

– Janta amanhã, cala-te. Dorme, que são horas.

– Não posso.

– Tens fome?

– Tenho, mãe.

– Esta fome que a gente passa, este frio que a gente rapa, hás-de fazê-lo um dia

amargar aos filhos dos outros, quando fores rico. A esta hora estão os meninos no quente, com a barriga cheia, e tu, meu filho, tens fome e frio!...

– E a gente torna amanhã a casa deles, pois torna? e finge que lhes quer bem?...

– Para um dia os poder morder.

E a velha tira dos ombros o xale rapado e embrulha-lhe OS pés. Toda a noite fica a seu lado, inteiriçada pelo frio e sonhando catástrofes... As vezes destrói a vila inteira.

E foi assim sempre desgraçada e calcada – a inveja e o ódio nunca lhe deixaram uma hora de paz. Deu-se a um homem para ser rica como as outras e ele ludibriou-a, deixando-a mais escarnejada e com um filho para criar. Morreu sem o reconhecer e a irmã, a Felícia, que herdou, atira de quando em quando, uma esmola ao filho bastardo. Os outros parentes nem o querem ver. Durante anos e anos anda pelos tribunais a disputar a herança de seu filho, cheia de requerimentos e papéis, desesperada e incansável. Lembra um palhaço com o chapéu sem penas e a saia emendada, em perpétuas correrias, do tribunal para casa, contando a quem a quer ouvir a eterna história da herança e o eterno sonho de riqueza. Os ratos do tribunal já a vêem surgir com pavor. Conhecem-na pela *Velha*.

– Aí vem a *Velha*!

A este grito de alarme os cartórios tremem, as portas cerram-se de pavor, os escrivães abalam, fecha-se a sete chaves O juiz. Porque ela é implacável e duma energia que nem diante dos sarcasmos recua. Sonha com a herança, só pensa na herança, no oiro do seu filho. Toda a gente na vila ouviu a habitual lamúria que ela narra a propósito de tudo, sem tom nem som, nas lojas e nas ruas, agarrando-se a quem passa, procurando interessar os indiferentes, com o filho pela mão e a pena esfarpada ao vento.

E não desanima. Espera horas, dias, semanas; esperaria séculos com a mesma fé heróica. Mete empenhos, cansa os procuradores, promete-lhes metade da fortuna.

– Porque eu tenho por mim a justiça! eu tenho do meu lado a lei!... – brada.

– Aí vem a praga!

E como ela não tem dinheiro pregam-lhe partidas. O seu xale verde é célebre, a sua figura exótica conhecida de todos os juizes: até os contínuos sabem a sua história desconexa.

– Tenho por mim a justiça!

Enquanto possui algum dinheiro, tirado á boca, pedinchado, arrancado a uns e a outros Deus sabe à custa de que humilhações, atendem-na, fingem servi-la, dão-lhe conselhos inúteis. Pedem-lho adiantado: «sem *preparos* não se consegue nada». A irmã e o sr. Anacleto amparam-na, mas como aquilo é um saco sem fundo, um vasto sumidouro, um dia ele, depois de se informar, opõe-se com energia:

– Nem mais um pataco! Isto da herança é uma santa história!

A Candidinha imagina logo uma perseguição. É para a perderem. Querem-na pobre e ao filho, por inveja, para a terem ali presa, miserável e calcada, sempre dependente. E repelem-na no momento – tinha-lho dito um contínuo do tribunal – em que o processo estava ganho e a questão vencida. Via já o oiro ali presente, a fortuna nas mãos. Era de propósito para a esmagarem. Nem assim desanima. Rompe pelos cartórios, esgaldada, persistente, feroz – ora com risos aduladores, ora numa lamúria sórdida, ora desorientada pelas insónias. Corre todos os advogados, todos os juizes, todos os homens de lei. O seu ódio transfigura tudo: as coisas afinal – para ela já não existem dúvidas – sucederam como as imagina. Confunde a realidade e o sonho. A irmã quere-a pobre, desgraçada, sujeita às sopas alheias que sabem a zinavre. Certifica-se de que a roubaram, de que lhe tiraram o dinheiro do filho e o pão da boca.

Durante anos e anos persiste, espera, anda pelos tribunais, com o filho pela mão; passa dias nos pátios húmidos. Quebra as relações com a irmã e a Felícia: – Roubaram-

me! – Não dorme. Gasta os últimos patacos, passa pela pior das misérias. Um dia afinal convence-se de que a luta é impossível – estão todos contra ela! – e abraçada ao filho pequeno, exclama vencida:

– Roubaram-te, filho! roubaram-te!...

Sucumbe e fica dias e dias sem sair da trapeira, a cismar; depois, abaixa-se, curva-se, finge-se idiota; seu riso soa mais falso e volta a casa da irmã e das velhas, pedinchando a côdea. Esconde o ódio; vive fechada com o seu sonho enorme, por fora uma velha pelintra, por dentro um horror sem limites.

– Vamos, filho, não há remédio, estás pobre! Os teus parentes roubaram-te!

Está pobre e os outros ricos. Tem de se sustentar, a si e ao filho, da caridade. Aquela alma de ferro encontra-se diante dum mundo atroz e suporta-o; diante da injustiça e aguenta-se. Pior: a Candidinha tem de ser submissa, senão matam-na à fome. Há-de obedecer às velhas ricas que lhe dão os penantes fora de uso e a côdea – de obedecer e de sorrir – senão matam-na à fome a ela e ao filho. É forçada a ver os outros meninos vestidos de macacos e o dela esfarrapado, e a fazer-lhes festas ainda por cima quando a sua vontade é estorcegá-los. – Peça já obediência! – intimam-na e ela sorri e curva a cabeça como um cão espancado a quem se faz uma festa.

– Estou até aqui... – E aponta a garganta. – Até aqui, ouviste? Tu, tu que estás a olhar p'ra mim? Nunca me viste? – Eu sou a Candidinha! Quem manda agora sou eu. Ah! a Candidinha é uma escrava, a negra? Diante da Candidinha pode dizer-se tudo, tudo! É uma estúpida... A Candidinha é pobre, pior que uma criada, pior que um cão, não é, Candidinha!...

Ri, com a saia enfunada, o xale caído, e o seu riso faz medo.

– Enche-se-lhe às vezes a barriga, mata-se-lhe a fome e ao filho, porque é uma estúpida. A Candidinha faz rir a gente... – E eu – eu! – e pára, endireita-se, seus olhos chispam – ia e vinha com frio e fome, a fingir-me esquecida e parva, para que todos se rissem de mim e nos atirassem a côdea. Tu tinhas pena? não tinhas – flor! – da Candidinha, que te beijava as mãos por não tas poder morder?

Pára diante de Sofia, com um riso que é a babugem de tudo o que cismou, de tudo o que sonhou...

E logo torna:

– Ah, minha rica, acabou-se! acabou-se tudo. Sufoco! Posso berrar, posso gritar tudo isto, tudo o que trago ca dentro ha tantos anos a remoer... Só tinha pena de ir para a cova com este segredo atravessado aqui. Não! eu não podia morrer sem desabafar. Nem a Morte se atrevia comigo! Não posso dizer de repente tudo isto, tudo o que trago cá dentro. Mas temos tempo, sossega... Eu dizia baixinho comigo: Um dia virá! a desgraça há-de chegar! Fartei-me de chamar a desgraça um ano, outro ano e a desgraça a fazer ouvidos de mercador. Todos felizes! só eu andava com este xale, a rir-me pelas casas de fora, com a barriga a dar horas. – Ó estúpida! – Que é! – Ó Candidinha! – Que é? – O estafermo! – Que é? – Eu era tudo porque precisava de matar a fome e de a matar a meu filho!... Quant'ê! Se fosse sozinha no mundo envenenava-me. Mas tinha o meu filho!... Até que a desgraça chegou!... Tanto esperei, tanto berrei que a desgraça ouviu-me, a desgraça está nas minhas mãos. Posso berrar! posso falar! A Candidinha aqui está! Sou eu!...

Toda de negro, com uma crosta de lama no vestido, cresce, batendo no peito com a mão óssea. E outra – é imensa como o ódio.

– Todos se regalarão de fazer bem à Candidinha. Até tua mãe, até teu pai, que vivia de mortos, me matou a fome... Ah! esquecia-me de te dizer que o velho te deu ao desprezo. Tu não és filha dele! De mais a mais não tens vintém. Até esse me enganou!

Também estás pobre – e o seu riso soa mais alto. – Pobre, ouviste? ouviste?... Eu a comer-te por rica e tu sem vintém!...

Despe-se enfim da comédia que representava há tantos anos e fica ódio estreme. Descera às últimas humilhações, embrulhada naquele trapo esverdeado, e agora clama injúrias e pragas. Vingá-se. Era desmemoriada e estúpida e não há pormenor da sua vida abjecta que tenha esquecido. Sai da humilhação e rompe do desprezo, encardida de ódio, amarga como o fel, rota, pobre, com o filho querido ao lado, o eterno xale aos ombros, mas podendo gritar e fazer chorar os outros. Secou: as mãos parecem lâminas, a voz soa-lhe como um glácido que se choca. Domina. E prega, cospe, clama o dia inteiro; mistura de gritos, de sarcasmos, de infâmias, de trapos e pormenores que só ela recorda; arrancos que despertam risos e medo e palavras que são pedaços da própria alma.

– A tua mãe!... Há, flor, a tua mãe? São todas o mesmo, minha rica!... Eu tive uma falta, o meu filho, mas a tua mãe foi culpada! Sentia-a ao pé de mim morrer de dor. Nunca a pude ver! desde pequenina que a não podia ver! A morte levou-a esvaziada de gritos... Foi dar de esmola seu corpo aos bichos.

A velha é ódio alimentado hora a hora durante anos. Nunca a desgraça a dobrou; inteiriçou-se. Nenhuma desventura, nem a fome nem o escárnio lhe embotaram o fio ao rancor; pelo contrário, afiaram-lho.

– O meu S. Miguel há-de chegar!

Às vezes voltava para casa sem um pedaço de pão. Tinham-lhe dado com as portas na cara. Ela vingava-se sonhando.

– A minha vez há-de chegar! Tens fome, velha? tens frio? Hás-de regalar-te de gritos e de lágrimas. Deus deve-mo pelo que tenho sofrido.

Mas o pior é que a Candidinha, o trapo, não podia fazer mal a ninguém. Bem architectava catástrofes: a realidade varria-lhas dum sopra. Todas as infâmias que sonhava se desmoronavam logo. Tinha de representar a eterna comédia, cheia de fome e de sonho.

– A esmola! Se eu um dia estiver nos casos de fazer bem aos outros, não lhes faço senão mal.

Ódio inútil gasta. Sonhar uma hora e outra, sem o mínimo clarão, esgota, afunda, amolece. A velha não. E de pedra e ódio. Ajunta minúcias ao seu sonho de ruínas, completa-o, e caída de pobreza em pobreza, de abjecção em abjecção, repete, cheia de fé:

– O meu S. Miguel há-de chegar!

É inteiriça. Não larga o xale nem o quico, para cair como uma nódoa na felicidade dos ricos. Quer ir para a cova com o chapéu desasado e a saia esgarçada – com aquele vestido, com que sofreu tantos anos, dizendo aos outros – Vivam! vivam! – quando tinha a boca cheia de pragas.

– Deus deve-mo! Deus deve-mo!

Mas os anos passaram e o seu ódio era inútil. A desgraça ensurdecera: os outros continuavam felizes, ricos, repletos. Apelara para o sonho, encharcara-se do sonho. Oh! essas esplêndidas noites de pavor e de gritos quem as pudesse fixar! As horas de ódio em que todos nós, em imaginação, mergulhamos, sentindo os nossos inimigos, calcados aos pés, gemer enfim esta palavra: –Perdão!... – A Candidinha enchera-se. Quem na via passar, de xale a rasto e olhos perdidos, seca e enorme, talvez pensasse:

– Pobre velha!...

E com ela seguia no entanto um sonho de pavores em um brasido. A Candidinha via os que lhe davam esmola morrer na infâmia: eram farrapos, gritos, monólogos toda a noite, toda a vida... Toca a rir da velha e a velha sonhava as piores catástrofes.

Sustentava-se de miséria, alimentava-se de dor. Era o seu pão férreo e amargo, mas dum sabor estranho. E seca, desconforme, a boca trémula, as mãos afiadas, o xale achegado ao peito, viam-na entrar, cheia de desgraça e de ódio, dizendo num sorriso estampado:

– Viva! viva quem é uma flor!...

Quando do alto daquele sonho de gritos – régio dom que a natureza, Deus ou o Diabo, repartem pelos desgraçados para os sustentar na vida – a Candidinha topava de súbito na realidade e lhe notavam nas mãos frialdade, e apesar do chapéu depenado e do vestido roto, alguém lhe lia tragédia no desvario do olhar, logo a velha acudia com risos:

– Filhas! filhas!...

E todos concordavam entre gargalhadas que a Candidinha era na verdade uma estúpida. E ela lá partia de novo para o sonho, com o filho pela mão, revolvendo a mesma chaga.

Aí a têm agora patente. E fora essa a sua verdadeira existência, porque o sonho é tudo – é todo o indivíduo muito melhor que a matéria, os gestos, as palavras. O sonho é a única realidade. Essa construção que vive oculta, obscura ou grandiosa, esse perpétuo desfilar de exasperos, de raivas, de meditações, esse teatro só para nós mesmos, onde não há máscaras, e que criamos à custa de sangue, de nervos, dum perpétuo e obscuro labor –deslumbrante ou cómico – é na verdade a nossa alma. Es tu. Ali vive, ali está, disforme ou harmónico, admirável ou vil, bem patente, o teu verdadeiro ser. Espicaça-te a vida por fora, crias logo por dentro. Assim essa arquitectura feita de invejas, de ódios, de pequeninos nadas, era a Candidinha; a outra não passava duma máscara...

Viera a velhice, podia seguir-se a morte embora – que lhe restava o filho, a quem dera o ódio em vez de leite. Criara-o mais do que com amor, com frenesi, para a vingança. E com os anos, mais alto, mais rijo clamava pela desgraça... O seu S. Miguel havia de chegar.

Toda a gente se tinha rido dela, e se ela num ímpeto desvendasse a alma, todos gargalhariam ainda. Diante do ódio da velha haveria risota; aquele oceano tumultuário só despertaria troça, porque era pobre e não se podia vingar. Parecia muitas vezes tonta – quando caía de súbito de tão alto. Riam-se em volta, quando exclamava sem tom nem som:

– Ai, filhinha, que estás uma flor!

Agora cruza os braços, e é ela que ri, o xale sem pêlo tombado

no chão. Ri, resfolga. Parece que se lhe vê, que irrompe e a circunda, o sonho represado. Não pode mais; e aquilo ressalta em babugem, em espuma, em palavras, em fel, em chufas – até que num grito supremo, livre enfim, num grito de ampla satisfação, repete e conclui:

– A Candidinha sou eu! eu é que sou a Candidinha!

E com a bocarra aberta, chega a cara junto à de Sofia, que se ergue num pavor.

– Ouviste? ouviste? ouviste?

Outro grito e Sofia, por entre lágrimas, vê de súbito erguer-se dum canto uma criatura amachucada, em quem não fizera reparo e que, de braços estendidos e com o olhar extático, intercede num arranco:

– Jesus! Jesus! Jesus!

Meia dúzia de casebres, a Misericórdia, a Igreja, a Cadeia, o Hospital, e alguns preconceitos mais inabaláveis que os edifícios denegridos de granito. Isto à primeira vista é vulgar, mas o mundo interior que produziu esta floração de pedra infunde medo e respeito. Para a Candidinha o suportar e não morrer à fome passou transe, como se tivesse diante de si uma camada de aço a furar. Não sabe nada – e tem de comer; não pode atirar fora o quico e ir servir, porque desce da sua dignidade e o seu orgulho é feroz. Há regras indispensáveis a que a Candidinha se adapta: não pode ser criada porque enquanto mantém certa aparência – embora viva de esmolas, embora se sustente de sobejos – a Candidinha pertence à sociedade como as outras: não é uma pessoa ordinária. Adapta-se para que o filho seja como os mais e esconde lá para o fundo o seu sonho. Vive pela abjecção e pela humildade, faz o milagre de viver pela astúcia, submetendo-se e sorrindo. Ela sabe que os ricos a podem matar à fome se quiserem e que a vida pesa toneladas. Não esgana os meninos felizes – e sorri-lhes; entra numa casa e descobre logo pela atitude e pelo olhar duro que a vontade do dono é pô-la na rua – e pouco e pouco com a alma em sangue, consegue atenuar aquela camada de desprezo e ganhar a côdea. Mas ser palhaço com uma alma de ferro é difícil. O destino das almas de ferro se são pobres é acabar na cadeia e o das outras morrer no asilo. Pois a Candidinha, apesar de tudo, come, educa o filho e alimenta o sonho do ódio, cada vez maior, o sonho que lhe enche a vida inteira. Anda de casa em casa; tem dias certos de representar numa a submissão, noutra a fé, noutra a humildade. Nesta passa noites à cabeceira da velha caquética a limpar-lhe a baba; naquela não diz mal de ninguém – é um poço sem fundo; e noutra diz mal de toda a gente; conforme as personalidades, os caracteres e as ocasiões. Estudou tudo e sabe tudo. Conhece a vila por dentro e por fora, e até lisonjeia as criadas – para não morrer a fome. Chega a ser agradável. Só as crianças a não toleram. Por mais festas que lhes faça, desatam a chorar logo que a vêem. Talvez ela as belisque às escondidas ou talvez adivinhem a figura trágica sob a figura pelintra.

A Candidinha é útil. Quando a gente sabe que a velha tem fome, faz melhor a digestão; quando passa ao vento, com o filho a rasto, sentimos mais quente o agasalho dos nossos filhos; e a sua humildade, o seu ridículo dão certa grandeza à nossa vida. – Quem tem muito come muito, quem tem pouco remedeia – diz-lhe às vezes a Patrícia com a barriga repleta. Não só a Candidinha chega a ser útil e necessária como todos os pobres – mas chega a ser indispensável. Se não houvesse pobres que havia de ser do mundo? A vida não era um gozo e perdia pelo menos metade do valor. Que satisfação, quando chove, a gente a coberto saber que a água só cai no pobre... Chove – chove mas é no pobre. E é bem que chova, primeiro pela satisfação que a gente sente em não a apanhar; segundo para que haja diferença entre as classes da sociedade. Há pobres que não dão por isto, mas a Candidinha, que converte tudo em sonho, quando atravessa a praça sob o aguaceiro ate fumege...

Chega o dia em que o Antoninho se faz homem e a vila repele-os. Toda a gente os conhece, toda a gente lhes deu farrapos, toda a gente lhes matou a fome e os despreza. Anos antes a velha e o filho tinham partido para a cidade à busca de fortuna. Na terra diziam dele: – É o filho da Candidinha. – Falavam-lhe com ares protectores e todos sabiam como fora criado. Não andara em vão, em pequeno, de casa em casa a recitar versos para os outros se rirem...

Imaginem a vida da mãe e do filho perdidos num grande centro: a energia

despendida em insignificâncias, e o vácuo à roda destas ambições contrariadas entre a teia de mil tragédias e rancores. Cada um faz por afastar de si os outros. Cada qual cala o seu sonho, a sua quimera, o seu exaspero. Recalca-o e cisma: esconde-o para que o não despedacem. E necessário também não perder tempo; o triunfo depende duma luta sem tréguas, dum pensamento obstinado e de futilidades que contêm infinitos desesperos.

Durante esse tempo, a Candidinha vira o filho casar pobre por esta coisa estúpida – o amor! Uma mulher prendera-lho, apesar dos seus protestos e dos seus conselhos. Levara-lho!... E a velha calou-se metendo para dentro o rancor, passou a ser escrava da *outra*, voltando a sujeitar-se a uma vida atormentada por mil nadas ridículos e ferozes – o frio, a fome, as roupas que se usam, a desgraça surrada, o abraço impalpável dessa figura magra e enorme, sem aspecto trágico, e no entanto horrível, que começa por infiltrar um frio mortal nos que lhe caem nas mãos.

A Candidinha quase não comia, para que nada faltasse a seu filho e à nora. Ele lutava, aos ímpetos, com quedas de desânimo. Intrigava, mentia, sorria – e as suas humilhações eram quase sempre desnecessárias, os seus sorrisos de aquiescência inúteis. Tudo no Antoninho vinha fora de tempo – até a hipocrisia. Diante daquela figura triste, de mãos sempre frias e húmidas, todos se fechavam como se por detrás dela irrompesse outra maior, de xale esgarçado ao vento e sorriso fixo na boca: – Filhas! ó filhas!... – Havia nele um remoto mundo de fome e de inveja que se presentia logo. Soava falso. Nunca se fartara. Os dentes tinham-se-lhe aguçado. No íntimo a mãe pesava-lhe; a Candidinha aguava-lhe a existência. Na cidade proibira-lhe aparecer, com o velho xale e a saia negra desbotada, a quem o procurasse. E ela compreendera-o, e sumia-se. Dava tudo, dava a vida, a velha, para o ver subir como os outros. Era a criada. Servia-os sem palavras de desalento ou de cólera, só para não se separar do filho. Fazia os serviços repugnantes, humilhava-se diante da nora, sorria-lhe para ser agradável!...

Ele fizera a asneira de se casar! E tantas vezes a mãe lhe dissera:

– Não te cases... Mulheres não faltam, são todas o mesmo... Olha que te arrependes... Arranja uma rica. Com dinheiro, filho, tens depois todas as que quiseres – todas!...

Em vão! a *outra* arrancara-lho, e ela sem uma palavra de exprobração lutava pelos dois. Só ela se mantinha de pé ante todas as catástrofes.– Sustentei-te de côdeas!... – costumava pregar. E ele dizia-lhe logo: – Cale-se p'ra aí!...

E a Candidinha calada! E a Candidinha a esfregar – a esfregar e a sonhar! – para que a *outra* não estrague as mãos – e a Candidinha a sorrir-lhe mostrando-lhe os dentes descarnados – e a Candidinha a encostar-se às paredes para que ela passe e se não suje ao seu contacto de esfregão – e a Candidinha à espera!... Porque espera enquanto o filho gosta da lambisgóia. – Atrás de tempo tempo vem... – E leva-lhe de manhã o leite á cama, dizendo lá por dentro: – Repoltreia-te! repoltreia-te nos meus lençóis!

O Antoninho mete-se na política. De botas rotas, calvo, sem preconceitos, capaz de tudo, deita-se a adular o conselheiro, a fazer recados ao conselheiro, a rir-se com baixeza diante do conselheiro. Mas o Antoninho é reles de mais: chega a meter nojo ao próprio conselheiro, – com quem travara relações num teatro de terceira ordem, onde fazia às noites a escrituração comercial. O conselheiro ia por lá ver as coristas... Representava-se ao tempo uma grande revista do ano – o *Pistautira* – com música, versos, piadas chulas, fogos de bengala e rabos ao vento. No corredor, que fedia a urina, passavam mulheres correndo; a orquestra atacava com gana uma música de batuque e o coro de fêmeas caiadas de branco avançava, com trejeitos canalhas e os ventres içados: – «Ó ricocó, ó ricocó, vamos todos à procura do badalo!» A multidão aplaudia. O suor

escorria da calva do maestro, um velho alheado, que tinha a filha tísica á morte. Subia um pano: era o quadro final, quando a grande actriz na apoteose mostrava tudo, entre aplausos frenéticos do público.

O conselheiro entrara no escritório mascando um grosso charuto e uma chalaça. Com as pálpebras cerradas, chupava na folha de couve retorcida, perguntando: – E o pequenname? como vamos de pequenname?

Ia justamente fazer-se uma remonta de coristas a que o Antoninho presidia. Datara dessa época a protecção do grande homem, que o fez entrar como escriturário para um jornal. A Candidinha agarrou-se ao filho: – Adula-o! – E em casa só se falava nele baixinho como num deus. A velha não o conhecia, mas tinha pelo conselheiro uma adoração sem limites.

O conselheiro começa a empregá-lo em diversos serviços, e o Antoninho espera a ocasião decisiva. Cambado e gasto – vê passar na sua frente uma singular caravana de figuras abjectas; uma galeria de ambiciosos célebres, à sombra da qual triunfam os medíocres. Alguns deles conhecem todas as linhas com que se maneja o homem – e todos são correctos, gelados e cépticos. O conselheiro, gasto por todos os gozos, lembra um cadáver, dentro da magnífica sobrecasaca debruada de seda. Restam-lhe poucos pêlos na cabeça; a fisionomia parada não tem expressão, nem brilho o olhar indiferente. É um homem que se sente desprezado. O bigode caído, a pálpebra cerrada, a cor esverdeada, o charuto enorme nos lábios grossos – dizem a sua sensualidade, as suas infâmias secretas. Não recua nunca; um dia descobre a mulher do Antoninho e cobiça-a... Começa a protegê-lo mais eficazmente, poisando-lhe a mão protectora sobre o lombo... O Antoninho aproveita. Depois vem um negócio político, uns papéis de que ele precisa absolutamente, da companhia africana onde empregou o Antoninho. Ei-la – enfim! – a ocasião, a sorte grande esperada com ânsia. O Antoninho tem medo e hesita. A Candidinha diz-lhe:

– Agora ou nunca! Faze-lhe tudo o que ele te pedir, mas joga pela certa, filho! Estamos ricos!...

E a velha trágica esboça um passo de dança.

Num terceiro andar da Baixa. O Antoninho escreve. Ao lado, na mesa, está poisada uma ponta de charuto apagada. A mulher cisma ou chora, com a cara escondida entre as mãos. Ele, remexendo uns papéis, diz:

– Nem um pataco! Enchem a gente de ilusões p’ra quê! Deviam pregar-nos desde pequenos: Só há o dinheiro! O dinheiro dá tudo – consideração, poder e honra. Eu nasci para ser rico, para dominar, para mandar, e afinal... Tu que dizes?

– Nada.

– Ah! nada? Bem... O mais que pode acontecer é despedirem-me da companhia. E agora?... Não dizem uma palavra e ha dois dias que lá não vou. Naturalmente não deram pela falta. Imaginam que estou doente... Um inferno! um verdadeiro inferno!...

– Que desgraça! que desgraça!

– Lamúrias! palavras! De que serve isso agora?

Ela explui em lágrimas; ele ergue-se e contempla-a:

– Ah temos lágrimas... Fazes bem!...

Vai para a janela e assobia. Ela, passado um momento:

– Deixa-me chorar.

– Pois chora para aí à tua vontade. Se isso te alivia, chora...

– Roubar!...

– Roubar, não! Foi um desvio... Não sou um ladrão. Toda a gente faz o mesmo.

Mas quando era preciso dinheiro em casa, quando tu querias dinheiro para trapos, para futilidades, para gastar, não me perguntavas, não me perguntaste nunca, donde ele vinha.

– Eu... mas eu podia lá supor!...

– Está claro que não podias supor nada. Querias dinheiro. Já agora que nos pomos a falar em coisas tristes, escuta... Então tu, que gastavas cem mil réis por mês, quando eu não ganhava trinta, donde diabo imaginavas que me vinha o dinheiro, hã? Que ingenuidade a tua!

– Mas eu podia lá pensar!

– Pedias-mo, não era?

– Mas vivêssemos pobres...

– Isso! Vivêssemos pobres... Eu estou farto... Um idílio numa água-furtada, *O Trabalho e a Honra?*... Na desgraça deu-te para seres romântica! Não te faltava mais nada. E tudo isto são palavras. De que servem, não me dirás? O pior é que por causa duma miséria de duzentos mil réis, que tencionava repor, estou perdido...

– Como há-de ser?

– E dizer que estava próximo do triunfo... Um punhado de oiro e era a salvação. Pudesse eu impor-me ao conselheiro... Arranjem-me uma mão-cheia de oiro, que eu faço a maior infâmia deste mundo, até um crime, se se não souber.

– Cala-te! Ao menos finge.

– Tenho lá tempo para isso!

A Candidinha entra sorrateira com uma carta. Ele rasga-a, lê-a apressadamente, enquanto a velha sai.

– Sabes o que é?

– Eu não. – E no seu olhar há ansiedade.

– Descansa, não é ainda a policia. Ameaça duma penhora. Parece que pressentem quando a gente cai. A desgraça clama em altos gritos pela desgraça!

– Que importa! Já não me importa!

– Os brutos! Que penhorem. Tudo isto é falso. Que levem as mesas de pinho. Só a minha ambição é que é verdadeira. Se não triunfo – é por causa do dinheiro... E tu és tão culpada como eu.

– Mas eu nunca te pedi...

– Nunca me pediste?... Mas tu que querias?... Andar com um vestido roto, coser toda a vida os teus trapos, ter no fim do mês trinta mil réis e a fome? Já te não lembra o que passámos durante dois anos? Era isso?

– Antes isso.

– Palavreado. Se nos não fingíssemos ricos – desprezavam-nos. Tudo são aparências: a honestidade, a virtude e a honra. Tudo aparências. O que é real e feroz é a pobreza. O pobre pode ser um santo – é calcado; pode ter génio – é logo posto de parte... Lembra-te! lembra-te!...

– Apoiado! apoiado! – exclama a Candidinha.

– Antes um pedaço de pão...

– E uma cabana, não?... Se tu soubesses as aflições que tenho sofrido, os desesperos, os cálculos por terra, as noites sem sono a architectar sobre o bico duma agulha... O quê? Projectos para enriquecer, para mandar... Tem-me caldo tudo por terra, por falta de base sólida, de oiro, filha – do oiro omnipotente.

– E valia a pena ter todas essas aflições?

– Sei lá se valia!... Há um tempo para cá, passamos por ter dinheiro. Pelo menos vivemos como quem o tem, que é o que o mundo quer. Em casa não há um pataco, mas eu rio-me, tu ris-te. Eu falo despreocupado e trago o inferno aqui dentro. Letras a pagar,

dividas, o diabo... Caminho sobre o fio duma navalha. Se dou um passo em falso é uma queda mortal. Palavra, não sei como não tenho uma lesão no coração. Ainda se tu me ajudasses!...

– Mas como? Bem sabes que te amo, amei-te sempre. Somente não posso com esta vida. Eu era mais feliz se tu quisesses...

– Ser pobre? Obrigado. Não, antes quero morrer... Se tu quisesses, se tu pudesses... A mulher moderna precisa de ajudar o homem na conquista da vida, saber dissimular, saber sorrir. Tem de ser falsa, de fingir, de rir até quando tem vontade de desatar aos gritos.

– Não posso...

Ele mais baixo, com uma voz diferente:

– Vem aí logo o Meio... Se tu quisesses...

– O quê?

– Arranjavas-mo...

– Mas aonde aonde?

– Oh filha, é preciso que compreendas bem isto. Eu estou perdido se se sabe. Bati a todas as portas. Ou entro até amanhã com o dinheiro no cofre da companhia ou dão pela falta. Sou preso, agora que ia ter diante de mim a vida assegurada. É a desgraça, a humilhação, a fome.

– Meu Deus!

– Nada de frases, não temos tempo para frases... Digamos as coisas como elas são, impiedosas e secas, nítidas. Os minutos são preciosos. Eu amo-te. Provei-to sempre.

Ela soluça. Ele cala-se um instante.

– Bem, tu exasperas-me. Como se tivéssemos tempo para chorar!

Passeia dum lado para o outro. Depois, chegando-se a ela, baixinho:

– Eu posso ser deputado amanhã se tu quiseres...

Silêncio embaraçado. Ela fita-o nos olhos e pergunta com receio:

– O quê? o quê, dize?

– Agradar ao Meio.

– Oh!

– É só agradar-lhe, sorrir-lhe! Que diabo te custa? Choras? Deixemo-nos de frases e de lágrimas. Não há tempo a perder. E preciso ajudares-me, filha... A mulher hoje é um grande auxiliar do marido. Um sorriso, e temos tudo na mão! Ele gosta de ti... Que diabo te custa? Todas fazem o mesmo... Mais lágrimas? Com lágrimas não pagamos nada a ninguém... Ele tem-me nas mãos –ouves? – tem-me nas mãos... Vá, não chores... Tu bem sabes que gosto muito de ti... Então?...

– Não, não posso...

A Candidinha – que escuta sempre às portas – entra. Ela enxuga as lágrimas.

– O sr. Melo procura-te, filho! É o sr. Melo!

A Candidinha fica à porta, encostada à porta, à escuta e à espera. Espera sempre. Essa figura trágica tem-se sujeitado a tudo à espera...

Já pode outra vez alimentar o sonho nas noites de solidão e de frio, arder e reentrar no seu esplêndido domínio. Mete a boca para dentro. Ninguém lhe ouve mais uma palavra – e sonha. Espera e sonha... Está pronta para tudo: para ir aos pregos, para se levantar de noite, para passar fome, contando que a deixem sonhar. Inventara até uma maneira de ganhar a vida. Não dormia! À noite aquela figura impiedosa fazia caixas de papelão para as lojas de modas, com um oceano na alma, cismando no futuro do filho, a soprar de quando em quando as mãos geladas. Três tesouradas no papelão – uma morte... Dois pontos para fechar a caixa – uma desgraça... E na noite imensa, na noite gelada, sozinha na água-furtada do prédio, toda ela era um brasido – uma pincelada de

cola e cisma... E o olhar perdia-se-lhe no vácuo com a caixa terminada nos gadanhos hirtos de frio.

Durante meses, seus olhos irradiam felicidade contida e a sua voz tem tremuras. Baixinho diz constantemente de si para si –Enfim! enfim!... – É que, ao mesmo tempo que vê a sua ambição prestes a realizar-se, a Candidinha assiste à degradação da *outra*, que nunca deixou de odiar. A *outra* que lhe roubara o amor do filho, de quem foi criada, e que se lhe refastelou nos lençóis. Não a pode ver – não a pode ver porque se meteu de permeio entre os dois. O seu filho foi ela que o sustentou e o criou, não só de pão e de bafo, mas das noites em que repartiram febre e sonho. O filho é dela. Agora exulta: – Não recuses nada ao sr. conselheiro, filho, mulheres há muitas... Agarra a sorte pelos cabelos... – Deixe-me! – Mas ambos vivem extáticos, à espera. Passaram tantas horas a ruminar no triunfo – e vêem-no agora ali ao alcance!... A vida fora uma luta cruel, um exaspero contínuo. Para arranjar dinheiro para o dia seguinte gastavam tanto cérebro como para arquivar um poema. Isto não se conta. São coisas sórdidas e miúdas: uma batalha travada todos os dias com a realidade, os credores, a miséria, a vergonha... E tudo mudara logo. Durante meses enchem-se; a Candidinha compra um xale novo e rico – mas não o quer usar. Tem-lhe medo. – Mais tarde! mais tarde! que a desgraça pode tomar... – Fecha-se no quarto, abre a arca e fica horas. a contemplá-lo deslumbrada. O Antoninho pede dinheiro ao conselheiro. Mudam de casa... Mas o pior é que aquele enlevo dura apenas meses; de repente o conselheiro aborrece-se: – Homem, você não se farta! Agora não tenho dinheiro... – E um dia, inesperadamente, diz-lhe, quando ele menos o espera, quando se sonha inabalável, deputado em breve, em breve rico: – O meu amigo não me torne a procurar... – O Antoninho ri-se. – Você ri-se?... – O Antoninho faz-se branco: – O senhor bem sabe o que me deve. – Bem sei, mas já lhe paguei. Paguei-lhe de mais, despeço-o – declara-lhe o outro friamente. – O senhor tem-se enchido à minha custa. Pode-se ir embora. – O Antoninho lívido, com tremuras de cólera na voz, avança: – Tenha cuidado, eu tenho provas, tenho cartas... – O outro ergue-se e torna-lhe sereno: – O senhor é muito pior canalha do que eu imaginava. Provas? que provas? Sirva-se das provas da sua infâmia, se quiser. Se o meu amigo não fosse um imbecil mandava-o meter na cadeia! – E ri-se. – Precisei de si, deitei-lhe a mão: É-me inútil, boto-o fora. Creia, nunca há-de fazer nada na vida, digo-lhe eu. Nem ao menos soube aproveitar-se da sua situação senão para me arrancar dinheiro. – E com desprezo termina: – Pode retirar-se...

Vingar-se? Sobre ele pesa uma espessa camada impossível de furar. E inútil o seu desespero. O outro está muito alto, inabalável como a Força, onipotente como o Oiro. O Antoninho tem medo. A verdade irrecusável e nítida é que o desprezara e escarnecera. Sonha as piores infâmias, as mais amargas vinganças – mas fica-se só com o sonho e o amargor das coisas irrealizadas. Anda desvairado pelas ruas, intriga, fala, escreve-lhe cartas com ameaças – e com súplicas por fim. Tudo inútil. O silêncio é uma abobada espessa entre ele e o seu inimigo. Depois caem-lhe todos em cima. Desprezam-no. Do passado resta-lhe a Candidinha, a mulher – e a sua abjecção, as dívidas, o escárnio e as piores humilhações. Arredam-se dele. O Antoninho fizera inimigos – só por estar quase a vencer. Paga caro o seu insucesso. Fingem que o não vêem. E por último vem a doença. Afundam-se então todos três na pior das misérias, na miséria amalgamada em exaspero. Corre tudo, experimenta tudo. Só a velha o alenta ainda: mas agora o seu ódio contra a *outra* não tem limites – e não necessita contê-lo. Diante dela exclama: – Casasses rico! Eu bem to preguei! E como ela envelhecera, ele abandonou-a. É – enfim – a nora. Pode à vontade maltratá-la. – Se não fosse ela, o meu filho tinha casado rico. Não estava agora na penúria... – Contra ela voltam-se todos os rancores. A

Candidinha vinga-se de tudo o que lhe sofrera, dos dias em que se calara muda como as pedras e das horas em que trabalhara como uma escrava. Pior: atribui-lhe todas as desgraças sucedidas ao filho. Ela é que fora o tropeço. – Ai a tens agora!... Até te enganou!... – A *outra* ouve mergulhada numa dor donde não saem nem palavras nem gritos. Tanto chora que pouco a pouco perde a luz dos olhos. Primeiro são os ditos, os chascos, as palavras más, os repêlões. Depois exasperando-se um ao outro, num crescendo, acusam-na pela sua queda, pela sua infâmia, pelo dinheiro do amante. A Candidinha transtornada ameaça-a e ela, com cabelos brancos e trémula, encolhe-se. Não sai da cozinha. Sente um frio interior que não lhe passa e acocora-se a um canto, com os olhos extáticos, banhados de lágrimas... – É para o que servem as mulheres pobres... Eu bem to preguei. Agora atura-a, até cheira mal!... – A *outra* geme. – Geme... chora p'ra aí o *destes!*... – E dia a dia a velha vai lançando veneno naquela ferida.

– Uma mulher que te enganou... – Já se não recordam que foram eles que a impeliram para a infâmia. Ambos exasperados, ambos trémulos, ambos mergulhados na miséria, só a têm a ela para se vingarem. E vendo-a chorar ele grita-lhe: – Estou farto de lágrimas!... – E a Candidinha, a passear de cá para lá, barafusta, monologa, invectiva: O amor! Ora aí está o que é o amor! Ó anjo! ó querida! ó sonho!... Poesias! Toma! que eu bem o preguei, bem to disse: Casa rico! casa rico! casa rico!... E tu acreditaste nela, tu deixaste-te embair por essa lambisgóia – que te falava de amor... Olha para ela, olha agora para o amor! Amor com uma velha rica que te desse o futuro e a consideração. – E a velha conclui numa risada: – O amor sabes o que é? O amor é uma pombinha; voa a pombinha, foge o amor...

Por fim, quando o Antoninho começa a tossir, os médicos mandam-no para a terra. Ele também já perdera todas as energias. Só na velha a fé resta imutável; só ela não vacila nem mesmo diante do destino. Quando o vê doente, limita-se a dizer. – Vamos para a aldeia... e lá veremos! Nunca de lá tivéssemos saído!... Ainda hás-de ser rico ou não há Deus! – E enorme, hirta, embrulhada no xale esfarrapado – bem não quisera pôr o outro! – sacode a poeira dos sapatos ao deixar para sempre a cidade.

A CANDIDINHA DO AVESSO

– O céu é de todos e este mundo de quem mais apanha!

Gostava imenso de tomar rapé, mas habituara-se a fungar às escondidas, depois que a Felícia lhe dissera com severidade:

– Os pobres não podem ter vícios!

– Quem me dera ter uma criada... – suspirava.

– P'ra quê, Candidinha?

– P'ra quê? P'ra isto: para mandar à minha vontade. E não tinha contemplanções! Oh quem me dera poder dizer: – Faça! vá! ande! rua!...

Era muito gulosa. Essa velha cheia de tragédia passava horas e horas a cismar em ninharias grotescas, em lambarices, no café que gostaria de tomar muito forte e muito doce... E com a ponta da língua humedecia os cantos da boca encortiçada.

Tinha uma habilidade singular para remendar farrapos. Apontando a saia dizia desvanecida

– As coisas no meu corpo duram anos.

Conversa surpreendida entre a Candidinha e uma amiga íntima:

– ...Já não tenho forças. A desgraça pode mais que a gente.

– Goza a vida, filha, enquanto é tempo, e nada de aflições... Quantos te hão-de por aí dizer que és bonita?

– Oh isso não! Morrerei. As forças vão-se-me nesta luta de todos os dias. Ele nem se importa...

– O teu homem?..

– Despreza-me. Mas não posso mais! Sinto que não posso mais...

– O que tu sofres já eu sofri, ou pior. Os homens são todos o mesmo. Neste mundo de enganos, só há dor e vaidade, filha. E ainda tu – e aponta-lhe a cara – tens isto que nada paga...

– Isto quê?

– Esta frescura da mocidade. Mas deixa-te ir para velha e verás. É pior do que trazer uma pedra no coração sem se poder arrancar. Toda a gente se ri de nós... Mas não chores, filhinha, que as lágrimas põem a gente feia. É para o que servem. A mim já não há desgraça que me arranque uma lágrima

– O meu comer são lágrimas. Choro noites a fio – quando me deixam chorar. Por isso, às vezes, cuido em me deitar ao rio...

– Também eu na tua idade pensava o mesmo e olha que tenho muita pena de não ter tido coragem. Acabava-se tudo, tinha sido melhor. Sabes lá o que eu passei!... Pior do que tu. Fui como tu espancada, batida, servida. Na tua idade, flor, o meu homem pôs-me na rua como quem escorraça um cão. (Era mentira, mas a Candidinha começava a fazer drama, a misturá-lo à realidade, para se engrandecer.) E sem uma côdea p'ra boca. Depois habituei-me, mas olha que tenho pena de não ter morrido. A água fez-me sempre um medo!...

– Então a gente só nasce para ser desgraçada?

– Só. Quem é pobre é para o que nasce. Depois vem a velhice e inda é pior. A gente pede pão – dão-nos escárnio. Eu ainda tenho experiência da vida, que é o que me vale. Olha, vou-to dizer porque sou tua amiga... Eu tenho-lhes ódio, ouviste? Odeio toda essa gente rica que me faz bem e que me dá de comer. Eles dão-me de jantar, mas é por vaidade, para dizerem lá consigo: «É por caridade, é por esmola. Cá temos a Candidinha por esmola.» Eu abaixo a cabeça e humilho-me: quem quer bolota trepa... Mas se tu soubesses a inveja e o ódio que lhes tenho! A Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastos como a cobra. Um vestido de seda, um chapéu, os regalos que elas têm, as suas felicidades as maiores e mais somenos, tudo lhes invejo, tudo!... Às vezes, de tanto invejar, fico com uma dor aqui... Até me vem a palpitação. E como eu me alegro, quando há desgraça numa casa...

– Não diga isso!

– Digo, digo!... Pois quant'él!... Então tu pensas que posso ver alguém feliz, eu, que nunca tive senão desgraças? Eu, que nunca comi à minha vontade e que ando assim vestida de trapos, quando nasci para trazer vestidos de seda como as outras? Eu cá, ainda que possa, não faço bem a ninguém. Com que cara triste entro numa casa onde aconteceu desgraça! Se tu visses!... Mas cá por dentro vou a dizer: – É bem feito! é bem feito!... – E a minha vontade era dizê-lo cara a cara aos berros... Mas não posso: a Candidinha vai, a Candidinha vem, de rastos como a cobra. Até fico doente quando as coisas lhes correm bem. Ai, minha rica, mas que se há-de fazer? A gente precisa da côdea, senão rebenta p'ra aí como um cão. Nós que nascemos para a desgraça, temos de nos sujeitar...

– Mais vale afinal morrer...

– Pois mais vale, filha, mais vale. Os homens!... os homens o que querem é fazer-nos mal. Engana o teu, mente-lhe e ri-te. O meu homem!... Também eu dizia o mesmo no meu tempo. Hás-de ter o pago que eu tive. Qualquer dia põe-te na rua como o outro

me fez.

– Acabou-se! acabou-se!... Quando não tiver mais forças, morrerei...

– Fazes bem. E com esta, adeus. Tenho de ir ainda a casa da Patrícia, das Teles, das Fonecas. Que sejam todas tão desgraçadas como eu fui. Adeus, filha, este mundo é um mundo de enganos. Adeus. E segue os meus conselhos: quando ele te ameaçar, bate-lhe o pé. Não te deixes calcar, que é pior...

A esmola não ta agradeço. Se pudesse mordida a mão que ma dá. Dás-me os teus restos, o que te não serve, o que tu desprezas, o pão duro que não comes, o cobre que consideras inútil para o teu gozo. A esmola dás-ma – porque te alimenta a vaidade. O teu orgulho aumenta. Engrandeces-te. Dás-me metade do teu pão e metade da tua alma ao menos? Não – sobejos. Em paga, odeio-te. Humilho-me, mas odeio-te. Se eu pudesse dava-te esmola a ti, para me vingar. Sentas-me à tua mesa, expões as tuas pratas, a tua abundância, o teu ventre repleto. Matas-me a fome e inchas o teu orgulho. Fartas-me e fartas-te. Ao mesmo tempo humilhas-me – outro gozo.

Era isto que a Candidinha sentia.

Ao começar a falar, saía-lhe da garganta um som raspado – rr... rr...

Antes do filho, a Candidinha só tivera uma ambição: ser rica, ter vestidos de seda, lambarices, consideração, deslumbrar as outras mulheres da vila provinciana. A sua vaidade era desprezível e imensa – e fora a vaidade que a perdera. Abandonara-se ao primeiro homem rico que lhe aparecera – para ser mais que as outras. Entregara-se não por desvario, mas por vaidade.

– Ninguém se há-de rir de mim!

E toda a gente se ria da Candidinha.

Um dia, ao ver um saco de dinheiro nas mãos da Felícia, a Candidinha não se conteve que não exclamasse:

– O que aqui está dentro! E pesa!... Não sei que impressão faz ter a gente tanto dinheiro ao pé de si!... O que aqui está dentro! Vestidos de seda, riquezas, lambarices, coisas boas... Aí, deve ser um regalo ter dinheiro! Até parece que dá calor! Ter dinheiro para mandar os outros... E dizer que está aqui dentro – eu sei lá!... –tudo!... Regalos, considerações, o mundo todo...

E pousando o saco, tornou a suspirar:

– Ai, deve ser muito bom ter dinheiro!...

A Candidinha não dava pela sua abjecção. Vivia em tal atmosfera de ódio e de sonho, que a realidade não existia para ela senão como um motivo para se exasperar. Escarneciam-na e maltratavam-na. Disso se sustentava – era o seu amparo.

Tinha uma doença a que ela chamava – a palpitação. Quando lhe vinha quedava-se horas e horas com os joelhos à boca, com esta única ideia fixa:

– Que Deus não me leve sem os ver a todos desgraçados!

Notem: a Candidinha não dava pela sua grandeza. Mataria toda a gente – para ver o filho rico. Mas o seu ódio era ao mesmo tempo disforme e mesquinho, a sua felicidade suprema seria parecer-se com a Felícia; ter a corte das outras velhas, andar com um vestido de seda lustrosa. Havia sobretudo uma saia de vidrilhos e franjas, que rugia ao arrastar no chão, que lhe dera noites e noites inteiras de cobiça. A Candidinha era, afinal, uma mulher ávida de consideração.

Além da vida material, há uma outra que todos nós construímos, maior e mais verdadeira, apesar da sua irrealidade. É a que nos custa deixar. Por ela tudo sacrificamos. É um mundo ilusório, ao qual todos nós subordinamos a existência prática. Essa vida era enorme na Candidinha.

Não imaginem, porém, que a Candidinha calçava sempre o coturno trágico... Sentia uma grande consideração e respeito pelos imbecis. Os homens gordos e palavrosos impunham-se-lhe. Essa velha que alimentava um oceano de ódio, perdia-se, por exemplo, de admiração por um criado importante e estúpido que enriquecera a emprestar dinheiro a juros. Nas casas de fora, onde o sr. Caetano ia servir conversava muito com ele.

Os dois estão sozinhos no bufete. Fora ouve-se o piano e o sapatear da dança. Eles dispõem a ceia na mesa.

– Vamos lá nós ao nosso trabalhinho, sr. Caetano. Os ricos gozam, é isto que se vê... Música e deleites... Os pobres são escravos...

– A *chacun*... a sua obrigação, como se diz no estrangeiro.

– O que me vale é ter ficado com uma pessoa com quem gosto muito de conversar.

– Favores!...

Ela, oferecendo-lhe doces numa bandeja:

– Vai um docinho?

– Por ora não. O meu estômago não comporta especiarias antes das duas da madrugada.

– Ao que isto chegou! Quem vê estes lagalhés e quem os viu como eu... Ele está rico como um porco... acho que se tem governado...

– Rico, não; mas remediado. Lá chegará. Um rapaz de cabeça e meteu-se na política...

Ela rancorosa:

– Ó sr. Caetano, aqui para nós, a mulher é que o tem ajudado muito... Quem os conheceu como eu... O sogro até quebrou há três anos.

E com um risinho de satisfação e maldade:

– Ela é que o tem ajudado muito...

– E então?

– Uma imoralidade!...

O sr. Caetano, severo:

– A senhora não sabe nada do mundo. Olhe que eu aqui onde me vê, antes de chegar a esta posição, corri muita casa. Passei-as amargas. Isto hoje é uma luta e a mulher tem obrigação de ajudar o marido a trepar. Está tudo muito mudado depois que veio a liberdade. Então a senhora que imagina? Há outros princípios. É o que nós chamamos o positivismo.

– O quê?

– O... – Depois dum momento de hesitação, pensando que a Candidinha é muito obtusa, explica: – Veio a liberdade, e as falcatruas com que engrolavam a gente foram todas a terra. Então a senhora que pensa? Agora já não há Deus nem há nada.

– Chi!...

– Agora é cada um por si. São outras bases. O mundo marcha, senhora Candidinha. Essas coisas antigas eram endrôminas que os frades metiam na cabeça da gente, para só eles gozarem a vida. Até tinham túneis por baixo da terra para irem ter com as freiras.

– Chi!... Mas como é que o sr. Caetano sabe tudo isso?

– Tenho estudado muito... Está tudo mudado. Porque não sei se a senhora sabe

que o princípio – note bem – o princípio da felicidade dos povos é a imoralidade.

- Sempre este homem fala muito bem!
- Entende? Imagine que a senhora era nova e bonita... Andava com esse vestido?
- Isso não, não andava!
- Então aí tem. Se não houvesse imoralidade era uma desgraça para as lojas de comércio – e o comércio sr^a Candidinha é o sangue duma nação.
- Muito catita! Olhe que não é por' estar presente, mas o senhor fala melhor que muitos ministros de Estado.
- Falo o meu bocado, falo o meu bocado. Gosto de conversar com pessoas de reconhecida inteligência.

A Candidinha, deslumbrada, faz-lhe uma mesura.
Este homem teve uma larga e nefasta influência na vida da Candidinha.

Tudo quanto nela se prendia a este sentimento, o ódio, era na verdade enorme; no resto daquela alma só havia banalidade, estupidez e velhacaria.

Relembrava – e logo dos arcanos mais recônditos da alma saía-lhe uma baforada que a transtornava, pondo-lhe chispas de ódio nos olhos. Endireitava-se, formidável, como o seu sonho de desastres. O ridículo desaparecia.

E ela não procurava esquecer. Pelo contrário, revolvía a chaga. Repetia incessantemente: – Fizeram-me isto! Mataram-me a fome! Deram-me esmola! – para ter o gozo de se sentir traspassada de ódio e para que o seu sonho lhe surgisse inteiriço. Imaginava torturas para os outros: levava dias a escolher pormenores, com uma regalada minúcia. Eram essas as melhores horas da sua vida. Inventava as piores catástrofes, as maiores ruínas. E via os outros, sacudida de riso e com os braços cruzados, gritar num clamor: – Perdão! perdão!...

E no entanto a Candidinha gostava que lhe dessem. Andava dias de olhos espetados num trapo, numa renda, numa banalidade. Não podia dormir até alcançar o que desejava. A Candidinha tinha já entranhado o hábito da esmola. Só depois se enfurecia, só mais tarde se enraivava...

NOTAS DUM AMBICIOSO

Este homem vê o mundo em verde. É ambicioso e capaz de tudo para conseguir os seus fins – mas só em imaginação. Todo ele é labareda, mas não queima. Arde sem alumiar. Não tem nem a grandeza, nem a energia da mãe. Procede por ímpetos: num momento de exaspero é capaz de tudo, depois tomba num aniquilamento.

Tudo nele se faz por saltos bruscos – e como passara pela pior pobreza e pela humilhação sempre ávido, sempre friorento, sempre mesquinho – fica com uma timidez enorme, que lhe provém dum insensato orgulho. Os dentes afiam-se à espera do gozo; as mãos contraem-se-lhe quando passa uma soberba mulher, ou entrevendo de relance uma mesa triunfal e branca como um altar... Tem o mesmo sonho da mãe – mais escasso – mas o sonho não lhe basta: o seu apetite é devorador. Perante as humilhações exalta-se em raiva inútil – mas não é por comédia, por se exasperar, que se rebaixa, é por necessidade e por adulação. Tem na verdade uma alma de escravo. A mãe, se deitasse as mãos ao oiro, se triunfasse, passaria como uma devastação: era capaz de tudo: possui grandeza no sonho e no mal. Ele não é insignificante:

treme diante dos ricos, respeita-os, bajula-os e admira-os com servilismo.

Numa, na mulher, a capa de matéria cobre uma quimera desmedida; no outro

infâmias, exasperos, restos... Para o arrancar às quedas, aos desfalecimentos de todos os dias – é necessário a energia inquebrantável da velha, que lhe insufla alma e vida. Dentro desse homem esguio, calvo e verde, a quem a roupa cai mal sempre com joelheiras e um eterno sorriso na boca, existe outra Candidinha mais reles: uma imitação apoucada: figura que dá vontade de a correr a pontapés.

«Falo pouco, é certo, mas dentro em mim referve o desespero. Esta capa de frialdade encobre uma figura estranha, de histrião, uma ambição desmedida, uma sede insaciável de mando. Isto não é pautado nem medido: não é um método, é um desespero.

Vencer! à custa seja do que for – de hipocrisia e de infâmias!

Talvez eu antes quisesse ser uma figura que impressionasse e afligisse os outros, uma grande figura. De pé gritaria ao mundo a minha ânsia, o meu desespero, estatelaria diante dos homens atônitos todo este sonho. Ei-lo na sua aspereza, na sua hediondez, em toda a sua grandeza. É meu, gerei-o! Talvez eu preferisse dizer isto e morrer à fome... Mas não posso. Curvo-me, sou desajeitado, submisso, incapaz dum arranco. É talvez a diferença que existe entre o meu ser exterior de pulha, e a minha alma onde o desespero se agita, que faz de mim um tímido. Sorrio, com as mãos enormes pousadas sobre as joelheiras das calças: sinto-me frio, tolhe-me o frio desde pequeno. Nunca me passou. Tive sempre as mãos geladas. O frio entranhou-se-me decerto com a pobreza.

E os olhares intimidam-me: desvio logo os olhos. Ouço toda a gente dizer lá consigo: – É o filho da Candidinha. – Os desgraçados deviam ser sozinhos no mundo. Para mãe basta-lhes Desgraça.

O quê? A Vida?... A Vida reduz-se a isto: ser rico ou pobre. Mais nada. A ter oiro para todas as saciedades.

O que custa romper, sair da pobreza! Toda a gente nos empurra. É uma luta sem tréguas. E no entanto há homens que logo triunfam. A beleza, por exemplo, possui o quer que é de misterioso rodeia-se duma atmosfera de simpatia, que ajuda a vencer. Certos homens estão sempre à vontade. Aparecem e dominam. Mas há uma classe de pobres que trazem frio consigo. Gelam os outros. Esses é que são verdadeiramente filhos da Desgraça. Podem ter génio embora, nunca triunfam. Toda a gente os desdenha, toda a gente os acotovela, toda a gente lhes foge. São marcados para a pior das indiferenças, para a pobreza perpétua. Podem lutar com ânsia, usar embora da hipocrisia, da infâmia, do talento – ficam sempre acorrentados à Desgraça.

E é tão fácil triunfar pela lisonja! Toda a gente tem vaidade, toda a gente se leva pelo orgulho. Pois a mim até essa arma simples se me quebra nas mãos inábeis. Digo uma frase e sai-me gelada, tortuosa e parecida comigo.

Oh e que noites! que espectáculo o da minha alma. Pudesse eu narrá-lo!... Um orgulho exagerado e imenso, ruínas, a raiva do triunfo – e tudo por terra! Ímpetos de desespero – e tudo por terra! Tenho envelhecido à espera...

Parto desaustinado, cheio de cólera, mas hasta que alguém me fale de alto, com superioridade, para que eu sinta um medo ignóbil, um medo de escravo. Tive sempre medo. Medo dos outros e medo da vida. E toda a cólera se volta então contra mim como uma espada nas mãos duma criança.

Metesse eu os braços até os cotovelos no oiro, pudesse eu mandar até ao domínio, que talvez me transformasse. Passava-me a gaguez, a fealdade, o ridículo. Seria outro. O ser curvo, mole e trôpego que eu sou deixaria de existir, como um vestido velho que se deita fora.

Ensinam-nos tanta coisa inútil, enchem-nos de ilusões, para quê? Pois não era melhor dizer-nos logo em pequenos: – Só o oiro dá a felicidade, o resto são tropeços? Não era melhor secarem-nos o coração, torcê-lo, deixá-lo como uma pedra e encherem-nos a alma de coisas práticas? Dizer ao pobre: Adula, não percas um minuto, triunfa, apesar de tudo. Só o oiro onnipotente existe. Apressa-te a gozar, senão arriskas-te a topares com a cova, desesperado e iludido. Quando acordares do teu sonho, étarde: foste ludibriado!

Tenho rido tanto sem vontade de me rir, que já me surpreendo a sorrir sozinho, por aquiescência comigo mesmo.

Deus é uma mentira que muitas vezes nos faz recuar; o amor e outra; a outra é a honra. Estas coisas nos grandes homens são as máscaras e disfarces para enganar os medíocres, ou palavras para que a turba lhes não roube aquilo de que se apoderaram pela manha ou pelo combate.

A lisonja, que arma! Ninguém lhe resiste, lembra-te bem. Os mais endurecidos gostam de ser lisonjeados.

Há criaturas das quais emana um eflúvio que não está ainda estudado. Conquistam homens, dobram-se perante elas as coisas, não lhes resistem as dificuldades. É talvez a esse eflúvio magnético que se chama Sorte.

Há homens, como disse, que triunfam à primeira vista. Os outros sentem logo ao vê-los que estão diante duma força.

Não se deve lisonjear sempre, nem sorrir sempre como eu sorrio. Os outros, diante de mim, retraem-se. O meu riso soa falso. Nenhuma roupa me cai bem e naturalmente sobre o corpo. Tudo em mim parece emprestado.

E, no entanto, do que eu seria capaz! De tudo! Que força eu sou para ser empregada por um homem de génio, para completar outro homem. Sinto em mim o génio da intriga. Nunca recuo, não tenho preconceitos... Quem me quer comprar?»

VI

Morto o Anacleto a Joana andou de casa em casa chorosa, falando sempre da sua menina. Por fim lá deu com ela, mas expulsaram-na. Queixou-se. Ninguém fez caso e voltou para a serra. O mundo indiferente continuou a mourejar: – a mesma banalidade, as mesmas dores, risos, hábitos e o eterno burburinho sem fito sobre a cabeça dos que dormem para sempre no seio da terra.

Em frente da vila cresce em degraus a serra, grande, severa, descarnada e pobre. São montes sobre montes erguidos com majestade até o céu, em sucessivos recortes: primeiro atropelados e ásperos, com fragas acasteladas nos picos, cariadas e negras; depois violetas e diáfanos. É um prodigioso cenário, uma convulsão momentaneamente petrificada que nos aproxima de Deus: gargantas aspérrimas e vales pacíficos: o caos e a mansidão: o infinito, o silêncio e uma humildade que penetra e comove. Por cima da pedra o côncavo imutável do céu. Os montes vêm do alto esfarrapados e nus, com calhaus incrustados na pele rugosa. Mas a certa altura a água borbulha e tudo se transmuda: é a vida: é a emoção que brota fio a fio dos peitos rígidos da montanha. E logo a doçura se alia à grandeza. Nos fundos enxergam-se retalhos de milho, cabanas colmadas e escuras, póvoas isoladas no ermo.

Ali em qualquer dessas casinhas do monte se criou a Joana: tem a pele gretada e áspera como a crosta da terra e a alma divina. Participa da serra pela bruteza e pelo sentimento.

É resignada, humilde, e faz-se sempre pequenina. Aquela gente habitua-se a aceitar tudo, até a desgraça, das mãos de Deus, com uma fé enorme: acodem-lhe à boca sempre as mesmas palavras: – O Senhor lá sabe! – Sobretudo as mulheres são heróicas. Seguem pela vida fora, sem desesperos nem gritos. Vem a maternidade, as aflições; falta-lhes o pão – é necessário arrancá-lo à terra ingrata, disputá-lo aos invernos bravios. Em volta a serrania convulsa, os vagalhões de pedra; no alto o céu infinito e recurvo. Tudo ali comunica com o eterno: os seres, a pedra e a árvore que pelas raízes toca o coração da terra, pelos ramos o céu, pela alma o infinito – só as criaturas parecem submersas e perdidas num mar bravo de fráguas. Ninguém lhes conhece a história e elas próprias ignoram a sua grandeza. Sofrem, sacrificam-se, anulam-se, desaparecem. Ninguém dá pela existência dos que choram e cumprem o seu destino sem frases. Não importa. Não é coisa que se conte a vida duma árvore – e uma árvore frutifica, dá sombra e lume, sustento e amparo: é o nosso tecto: é nossa amiga. O que é grande, simples e profundo passa despercebido. E essas mulheres são como as árvores esplêndidas, que, vivas ou mortas, nos acompanham até o túmulo. Melhor que as grandes figuras sabem realizar na terra a missão que a natureza lhes impõe. Lá se amparam umas às outras. Ai dos pobres se não fosse o coração dos pobres!...

Toda a sua vida é simples emoção – e a emoção não se narra: pega-se. Esta frase diz tudo: a Joana nasceu para os outros. Aos dez anos era uma mulherzinha, de olhos límpidos e muito tristes! E tão feia!... Magra e sobre a pele curtida um cascão de terra, da terra nossa mãe. Deu-se como a água, – a água nascida no coração dos montes –, que todos aproveitam e desdenham: a Joana criou os irmãos mais pequenos, repartiu a sua afeição pela família no casebre meio aberto na fraga, onde havia um cavador e seus filhos. Foi mãe desde pequena; e era do tamanho do irmão que trazia ao colo. Onde lhe veio aquela tristeza e o olhar sério e profundos já com raízes na dor, estranho nessa rapariguinha de dez anos? Fealdade? – fealdade e alma, como certas plantas desprezíveis e hirsutas, que se cobrem de milhares de florinhas – miúdas e tantas! – talvez para que lhes perdoem a sua fealdade e segura. Lidou, cavou: a pele enrugou-se-

lhe, as mãos puseram-se-lhe nodosas; e sempre os mesmos olhos límpidos e tristes numa carinha inocente. Cresceu, chegou aos dezoito anos e amou. Casaram-na... Olhou extasiada o homem e fez-se ainda mais pequenina. Toda a sua imensa fealdade nesse momento sorri: lembra uma fraga que, à força de mistério, se desentranha em flor. Negra e encardida como a terra pedregosa, revolvendo-a continuou seus dias. Do empalidecer das estrelas até à noite fechada, remexia na terra numa labuta eterna. O homem batia-lhe, bebia, tratava-a com desprezo. E a Joana, mesquinha, sem uma queixa, mais denegrída, e, se é possível, mais feia. Quando via uma criança, sorria num enlevo: todo o seu ser se revolia: bulia-lhe no seio a maternidade. Nascera para ser mãe – e não tinha filhos’ As vezes pensava: – Quem me dera ter um filho! ainda que andasse tudo sujo, farrapo para aqui, farrapo para acolá, não me importava limpava tudo. – Um dia o homem desapareceu para sempre; e a Joana ficou outra vez sozinha no casebre, com os irmãos já crescidos e a serra formidável e austera, murada entre aquelas paredes impenetráveis, onde crescem os calhaus e o piorno. A existência ali é tão dura como a própria serra. Essa gente é pobre entre os pobres. Às vezes, no inverno, falta o pão, e a tempestade desaba num perpétuo clamor.

Num inverno assim um pastor, rotinho e magro, desses pequenos sem ninguém que guardam as ovelhas na solidão da serra e que a serra bruta cria, desceu até o povoado e parou à porta do casebre a olhá-la. Não disse nada, que a sua figura e os seus olhos estarecidos tudo exprimiam.

– Pão também não tenho – respondeu a Joana depois de se contemplarem em silêncio.

E assim se quedaram, ele encostado à porta, ela dentro, no escuro, com os olhos cheios de lágrimas. Foi ao forno juntar umas migalhas, deitou-lhes um fio de azeite da almotolia. O pequeno esperava. Era ao crepúsculo. Deu-lhe as migas e ele comeu-as com sofreguidão; depois juntando as mãos magrinhas, olhou para ela que pensava:

– Se fosse meu filho!...

Só isto. Não se tornaram a ver.

De outra vez recolheu na cabana uma rapariga, que o pai, ao vê-la grávida, expulsara de casa. Dormia no monte, dada ao desprezo, encostada às ovelhas, para se resguardar do frio, e chegou a andar tão rota que a sua figura fazia aflição. Recolheu-a, agasalhou-a, e como estivesse gelada como as pedras, dormiu com ela para a aquecer sob a mesma manta no fio. A Joana nunca amamentara filhos – mas a piedade é leite que não seca. Naquela alma espessa de trevas a humildade e a ternura nasciam como a água nasce nas rochas. Por isso a comparo com a serra – e nem dela posso separar esta imagem: a mesma aspereza, a mesma emoção que bole no coração dos fragedos escuros. Grandeza e fealdade: monótona, esfarrapada e denegrída como os montes, humilde e imensa. Como aquelas linhas negras e sucessivas ela inspirava comoção, assim feia, calada e rústica, vestida de estamemha escura, os braços cascosos, as mãos grosseiras de cavar e os olhos duma tristeza quase desumana! Dentro dessa fealdade havia uma ternura inesgotável. Mas a bondade ‘era nela tão natural como os frutos nas árvores. Imaginava a existência assim de sacrificio e piedade. Peito raso, olhos pequeninos na pele rugosa, e dentro, uma perpétua primavera, que é a primeira a vir à superfície nas plantas bravas – tal era a Joana. Mesmo diante da desgraça habituara-se a dizer com admiração estas palavras resignadas e simples:

– Sempre o Senhor é muito nosso amigo!

Era feliz. Bastava-lhe a sua fealdade e a serra, a choupana de pedras toscas e colmo e os irmãos. Enche-se à noite o céu de estrelas, que brilham no alto como vidro moído entre as compactas muralhas de granito, tão formidáveis e espessas que amedrontam. Ela olhava-as e reviam-lhe lágrimas os olhos pequeninos. Naquela solidão

as estrelas têm outro brilho: são diferentes destas que vemos: parecem espreitar-nos também na ânsia de comunicar connosco. E falavam-lhe, sem que as compreendesse, à piedade que trasbordava da sua alma. Só elas sentiam talvez a sua história de tristeza e sacrifícios.

E a serra também. O colosso de terra, de penedia descarnada e abrupta, não dá só piorno bravio – mas imensa e prodigiosa vida. De inverno rasgam-na as águas, desaba a tempestade e o tumulto, dilacera-a o raio, mas depois desse diálogo travado entre a montanha e o inverno, a vida ressurge, a serra acorda. Anda ternura no ar, desponta a primeira flor na raiz duma fraga. Cheira a neve perfumada e ao hálito inocente dos montes.

Foi com lágrimas que se arrancou à serra para ir servir na vila: o pão no casebre não chegava para todos. Ia ganhá-lo para os irmãos mais pequenos. Até a serra a enfeitava!

Anos depois a Joana volta, bem apalpada pela desgraça. Está mais velha, seca e feia. Tem os cabelos todos brancos e o mesmo coração. Caminha todo o dia e só ao crepúsculo chega diante da cabana de seus pais. À volta as lombas escuras parecem mais crescidas; imensas as solitárias montanhas de granito...

A casa é da cor do monte plúmbeo e quase se confunde com ele. Foram à pedra viva e escavaram-na: roeram-lhe as entranhas. No alto uma trave e colmo, à volta paredes toscas. O casebre tem dois compartimentos: a cozinha térrea e a barra, para onde se sobe por dois degraus. Basta um tronco de castanho arrumado à fraga polida e escura e meia dúzia de pedras soltas para abrigar aqueles seres. Dentro arde o lume: a lenha chia, os canhotos estilam água, choram. Um velho, uma figura óssea e enorme, curva-se sobre o lar tendo a seu lado uma criança, um pastorinho. Há horas que assim estão imóveis, sem trocarem palavra, o velho e o pequeno. É noite de Inverno – noite de tanta tristeza...

– És tu, irmã?

Abraçam-se os velhos, olham-se num espanto mudo ao clarão da fogueira. A vida amolgou-os, a desgraça ressequiu-os. Têm rugas, cabelos brancos, pele áspera, mãos toscas: são dois trapos. Há muitos anos que se não vêem e nada dizem um ao outro. Mal se reconhecem. A criança ergue-se, olha. A noite cerra-se de todo.

Ei-los perdidos no vasto universo, entre os vagalhões de pedra, na serra submersa pela noite. Ninguém sabe que choram naquele buraco escavado na frágua. Na realidade só a noite imensa, que os traga, existe.

A Joana vai direita ao escabelo onde se sentava em pequena. Pesa um silêncio enorme. Fora começa a cair o nevão...

Os pobres têm muito que dizer – mas não o exprimem com palavras. Têm a alma cheia e não sabem falar. Nem precisam. Não é com palavras que comunicamos o que em nós há de melhor. Sentam-se um junto de outro.

Tudo aquilo é esfumado, escuro, sem relevo, o homem, a pedra, a velha, o casebre – mas uma grande ternura liga os seres e as coisas. Parece que desaba sem ruído sobre a fraga compacta que dum lado fecha o casebre um dilúvio de lágrimas. O pastorinho de pé, magro e triste, escuta... E entretanto os dois olham-se e calam-se. Ele põe as mãos nos joelhos e curva-se derreado, como se sentisse o peso de toda a sua vida de cavador; ela limpa as lágrimas ao canhão do casaco; e a criança olha-os sem mostrar surpresa.

– A minha menina! a minha menina, para que sorte foi criada! – exclama por fim a velha.

Migado o pão repartem a ceia. A tempestade abala o tecto, mas a rocha firme

sustenta-o. Serve-lhe de raiz e amparo e livra-os dos desabrigos do inverno. E repartida a ceia, começam a partir a piedade pelas desgraças alheias – não se lembrando da própria desventura.

– A minha menina, que desgraçada sorte a sua!

É ridícula com os cabelos brancos e a boca entreaberta. Conserva intacto o pão que lhe coube e as lágrimas em fio caem dentro da tigela que segura nas mãos trémulas.

– Todos no mundo têm a sua cruz – diz o Fortunato.

– Aquela menina que eu criei! O que ela tem chorado!... Um ‘ror de lágrimas! Os soberbos!... Oh lembro-me quando ela era pequenina e se deitava no meu colo e não posso! não posso!...

Sufoca. O Fortunato ergue-se, deita um fio de azeite nas migas.

– É a nossa ceia.

Mas a Joana não atende:

– Já não tem ninguém no mundo!...

O vento lá fora embate sobre a fraga – *u-u-u* – temeroso como um oceano revolto. Os canhotos ardem; o velho volta e senta-se mais curvo e minguado. É uma figura óssea e tisonada: a terra entranhou-se-lhe nas mãos, o sol gretou-lhe a pele: sem dizer palavra, espera que a Joana narre a história. O pastorinho abre os olhos, sumido no escuro. Passos ecoam no lajedo lá fora, o rafeiro ladra. Aquela hora não anda ninguém pelo mundo senão os desamparados. O nevão arrastado pela tempestade engolfa-se nas gargantas aspérrimas, vai levado pelos ares, some-se nos abismos álgidos de treva. Batem.

– Entre quem é...

A porta abre-se e uma figura de mendigo surge – barbas brancas, em farrapos, órbitas cavadas e olhos tão fartos de chorar, que já não têm expressão.

– Santas noites – diz.

– Deus lhas dê, irmão. Chegue-se para o lume.

Poisa a sacola e o pau, arranja os farrapos e espera. Ninguém se lembra de ter visto aquele pobre tão velhinho. Dão-lhe caldo e pão.

– Sempre há gente muito má por esse mundo – continuou a Joana.

– Neste dia, tudo se deve esquecer.

– Tudo – afirma o pobre.

– Entre palhinhas nasceu o Menino numa estrebaria...

– Jesus! meu rico Menino!

– ...para nos salvar!

As lágrimas cobrem-na e ela diz a sua dor em palavras desconexas, aos arrancos...

– Levaram-na e eu fartei-me de chorar!

A tosse cavernosa do pobre interrompe-a, as lágrimas sufocam-na.

– Um dia teve as dores e a velha levou-lhe o filho debaixo do xale. – O meu menino! o meu menino! – gritou a pobrezinha.

– Nasceu morto – respondeu o soberbo.

– Tinham-no matado? – pergunta o Fortunato.

A Joana nem sequer responde. Diante de seus olhos embaciados surge uma figura ressequida pela dor, com o vestido roto e colado ao corpo, e exprimindo tal desgraça, olhos de tanto espanto

– que parece arrancada a um rio de brados, toda encharcada de lágrimas.

– Levaram-na! levaram-na!... Vi-a sofrer... e não se me partiu o coração. Vi-a chorar horas e horas a fio, naquele desamparo – e tive coração para tanto!... Porque fui eu que a criei...

Um silêncio profundo: fora uma calma na tempestade, no tropel de rolos negros

que a ventania amalgama e dispersa no ar. A lenha chia e o fumo sobe direitinho para o telhado: parece que sabe o caminho. As barbas do pobre em farrapos, suas órbitas fundas – uma cabeça de santo – as mãos de Joana, a figura tisonada do homem, a criança adormecida ao pé da lapa disforme – e fora a noite quieta e concentrada. Depois a ventania desaba – *u-u-u* – e abala a pedra até à raiz. O pobre ergue-se. Deram-lhe pão – comeu-o, e agora fita-os com uns olhos onde há luz através de lágrimas, claridade coada por amargura. Estão ali à volta dum tronco em brasa, bem palpados pelo infortúnio, três velhos – um cavador, uma mulher, um pedinte das estradas: está ali também junto ao coração da serra, abrigada pela pedra e o colmo – inesgotável piedade. Todos em volta do lume comem o pão negro. Chegam-se mais uns para os outros: é que vão chorar. – E o pobre diz:

– Todos no mundo têm a sua cruz...

Tem os olhos cheios de lágrimas e talvez se lembre duma filha morta. Chegam-se mais para o lume. A reunião dos seres á volta do lar, quando tudo se esquece e sentimos Deus presente, era quase impossível sem o fogo: – um pedaço de raiz basta para que as almas se entendam.

A brasa apaga-se, a escuridão come as figuras, e um grilo pardo como um flocozinho de cinza põe-se a cantar num buraco da parede. Na realidade só a noite imensa existe... Um momento único e mais perto se sentem umas das outras almas, que melhor comunicam no negrume. As nuvens rolam em desalinho pelo céu, o vento ulula, as árvores bracejam no escuro, o aguaceiro desaba e o enxurro rasga a pele áspera e pedregosa dos montes. A noite de tempestade pesa, esmaga e afunda na treva compacta casebre perdido no mundo, onde três velhos choram... Quando, horas depois, a Joana ergueu a cabeça, O mendigo sumiu-se. Ainda ecoam seus últimos passos no lajedo da eira. E ela diz baixinho e a medo para o irmão:

– Assim andava o Senhor pelo mundo!...

VII

Naquele inverno juntam-se a piedade, o ódio e a aflição dentro dos quatro muros da casa perdida na serra. Fora é o caos: a tormenta, baforadas de nuvens, o raio a estalar na fraga acastelada e a corda ininterrupta dos montes – uma desolação – colossos sobre colossos que, ao descerrarem-se os crepes de névoa, se avistam até o fundo do horizonte, sob o côncavo severo do céu. Dentro um inferno – exasperos, risos, a dor. A velha não cessa de pregar:

– Ódio! tenho-te ódio!

Depois, durante muitos dias, que parecem uma eternidade, a Candidinha cala-se – e elas estão sempre caladas. É pior. A velha anda de cá para lá, muda e enorme. De quando em quando estaca de repente em frente de Sofia e diz-lhe: – Olha para mim! – E lá parte outra vez do corredor para a cozinha a rir-se. Silêncio e uma gargalhada. Silêncio e as duas mulheres transidas e quietas, presas àquela avantesma que roda sempre no mesmo espaço, numa absorção que mete medo, só interrompida de quando em quando por um riso baixinho de gula ou por uma risada de escárnio.

A noite pesa, o silêncio esmaga. As duas mulheres são como títeres amachucados nas mãos da velha. De que valem gritos? Tomara ela gritos! Aquele sonho, que levou anos a gerar, só se alimenta de lágrimas. A velha escancara-se de riso, ao vê-las trémulas como figuras nascidas da aflição.

A Cega nem se queixa. Passa os dias com as mãos estendidas sobre a mesa e o olhar estoirado e quieto, indiferente como se tivesse atravessado o inferno ou a houvesse petrificado a dor. Mas Sofia não. Oh, as primeiras noites em que ela olhou cara a cara a desventura! Nem um rumor. Fartou-se de chorar, cansou-se de chorar – e pôde depois olhar de frente essa figura duma impassibilidade de pedra que nem os gritos comovem e com quem tem de viver para sempre comendo juntas o mesmo pão. Ali está a seu lado. Sente-se tocada pelas manábulas de chumbo. E o silêncio redobra: nem uma palavra, a escuridão, as horas eternas e a frialdade do desamparo...

Emagreceu. Pôs-se uma rapariga só olhos e boca enorme – só olhos espantados para a desgraça. Não sabia nada da vida, aprendeu num momento tudo da vida.

Uma noite, em que tomba esvaída, exausta, já sem gritos na boca, sente poisar-lhe na cabeça uma mão leve como penas.

– Quem é? – pergunta baixinho, num pavor. E baixinho ouve no escuro a voz toldada da Cega:

– Sou eu. Não chore, minha desgraçada.

– E a senhora que lhe é?

– Sou sua mulher.

A Cega emudecera. Fora tanta a desgraça que a transira. Agarra-lhe nas mãos e põe-se a dizer frases descosidas:

– Tenho um poço de gritos aqui... As lágrimas só aumentam a sede... Parece que bebi o mar salgado... Duma vez deram-me terra a comer...

E pára suspensão, a reconstruir todas as suas dores. Depois conta-lhe a sua vida:

– A minha história é uma história de lágrimas. Pouco mais tenho feito do que sofrer e chorar. Primeiro chorei baixinho para mim só... Sou uma criminosa!

Parece um farrapo. Alta, trôpega e curva, com os buracos dos olhos erguidos, à procura da luz. Vive num túmulo – emoção emparedada na treva: a dor cega, a aflição sem olhos para fugir, o remorso enclausurado. Não grita, não pede – cala-se. E o mundo exterior entra-lhe pelos ouvidos num jacto de luz.

– O que eu sofri! o que eu sofri!...

Aos tropeços, sequiosa de dor, a Joana resolve-se a ir de novo procurar Sofia. Não pode passar sem ela.

– Porque não fui eu sua mãe?

E parte. Grandes montes desolados e nus entaipam a casa solitária, toda construída de pedra em osso. O céu pardo e baixo parece abobadado de granito – e os dias aflitivos e monótonos sucedem-se lá dentro. Fora é um mar bravio – dentro a desgraça que gela e afasta, porque a pobreza e a desgraça pegam-se.

Entra e da porta diz a chorar, com os cabelos todos brancos:

– Aqui me tem outra vez, minha menina!...

Aperta-a nos braços, de encontro ao peito, mistura as suas lágrimas com as de Sofia. Não se farta de sofrer. Tem assim andado pelo mundo, de aflição em aflição.

– Aqui me tem para chorar consigo!

Beija-lhe as mãos e diz:

– Tanto frio e com este vestidinho tão roto!...

Sofia une-se-lhe com desespero ao peito e chora. É um arrimo

– tosco, bruto, áspero, mas um arrimo. E a Joana balbucia:

– Eu não tenho mais ninguém... Nunca tive mais ninguém... A menina lembra-se quando fazia escárnio de mim por eu ser feia? Mas eu não me importo... Aqui me tem a seu lado, sou tão sua amiga!...

– Oh Joana, sempre fui mais desgraçada!

– Desgraçado é o diabo! Olha os soberbas!...

Tanto faz: a Candidinha maltrata-a, berra, injuria-a, mas ela não se tira dali. Calase e sofre, rota e descalça, com um ar desorientado e uns olhos rasos de lágrimas. Escuta às portas, e a pieira aumenta-lhe na garganta num ralo de aflição.

– Que anda a velha a espiar?

– Manda-a embora.

– Não vai. Temos de sustentar a besta à argola. É capaz de ir dizer mal de nós. E cheira mal que tomba!... – E como a Joana entre: – Vossemecê que quer? Olhem p'ra aquilo, que propósito! Parece uma rodilha e sempre a tossir como um cão!... Vá tossir lá para dentro.

E ela vai sem palavra, curva, cheia de lágrimas represadas, com os cabelos em desalinho. Só se farta de chorar.

– Senhor, leva-me e leva-a para ti! – exclama de rastos na escuridão do cubículo. É em vão que brada: – Senhor, escuta-me!...

As horas são eternas. As duas mulheres uma em frente da outra, esvaídas, enregeladas ambas pelo mesmo frio, já se parecem. A desgraça iguala: a água come as pedras, as lágrimas molham e desgastam as criaturas. Se dialogam é por monossílabos. Sofia tinha-se feito desleixada. Treme de medo e de frio.

– Nunca foi feliz? – pergunta duma vez à Cega.

– Nunca fui feliz... É a minha sina.

– E como cegou?

– Chorei tanto que ceguei.

E com as mãos unidas, extática, absorta no passado, que decerto lhe ressurgiu de entre a escuridão compacta – conclui com serenidade:

– Comecei a ver tudo turvo e depois ceguei. Os dias parecem-me séculos e sempre escuridão, sempre lágrimas... Vivo, espero...

– O quê?

– A morte...

Fazer mal enraivece e a maldade redobra: o exaspero nasce muitas vezes do próprio exaspero. A Candidinha e o filho vêm diante de si todos os sonhos por terra, e pior, a condenação perpétua à pobreza. Fazem sofrer às duas mulheres, não só o que sofreram, mas a inutilidade de tanto esforço vão. A Candidinha é outra: estão prestes a sair-lhe cá para fora os gritos sufocados, a fúria represa trasborda – tudo o que trouxe durante anos e anos escondido na alma, amargor e quimeras uma a uma derrubadas e escarnecidas – a feroz realidade enfim. O sonho interior explui e ela surge encardida de exaspero e a escorrer grandeza. Dia a dia se transforma e cresce. Como a cobra, acabou a muda no silêncio: vai largar a pele. E isto aumentado pela poeira de tanto sonho vão, por ter caído, dum mundo caótico mas esplêndido de ódio na fria realidade, com o filho doente, o filho que ela queria engrandecer, embora tivesse de se sumir para sempre. O Anacleto não deixara pataco. Em vez de oiro – Sofia herdara uma loja atulhada de caixões. Por isso a velha rebrame e depois fartam-se nas duas mulheres.

Numa noite põem-nas fora à chuva. A ventania clama, e a treva é tão espessa como a própria morte. Agarram-se uma à outra na escuridão, sob o dilúvio, chapinhadas pela lama, cuspidas pela lufada, como naufragos. A água sufoca-as, o nordeste apupa-as e, quando as tiram da noite, é como se as arrancassem das profundas da desgraça. Fazem rir, com o olhar espantado, os farrapos pegados ao corpo, o cabelo em pastas. E a velha prega:

- Por tua causa fui escarnecida... Tua mãe desprezou-me. Tenho-te ódio, ouviste?
- E como outrora, há muitos anos, numa certa tarde, curva-se e repete:
- Ouviste? ouviste? ouviste?

Por que é que não fogem aos gritos por esse mundo fora? Sei lá! Talvez a desgraça tenha um certo sabor...

É inútil fazê-las sofrer, bem o sabem os dois, mas esse mesma inutilidade os enfurece. Ele tosse, doente, quando o contradizem babuja e fica vesgo e trémulo. Ela, se o encara, dá logo com outra figura temerosa ao pé do filho...

É preciso não esquecer que esta mulher arquitetou, embora sobre uma base falsa, o ódio – uma catedral em que as pedras são vivas, palácio tenebroso e confuso, amálgama de sentimentos contraditórios, de infâmias, de comédia e de inveja, mas de dor no fundo – e também de desmedido amor. Sofreu tudo, abaixou-se a tudo – para criar o filho. Aceitara, ela que era de ferro, a esmola, o escárnio, com a boca bem espremida – para criar o filho. Enganara, mentira, adulara, fingira-se estúpida – para sustentar o filho. Pelo filho dera a carne, a vida, a própria alma: quisera servir-lhe de pedestal. Durante anos apagara-se: fora submissa como os escravos, sorrira para a nora que odiava: até diante dela, essa figura de aço se dobrara para que o filho trepasse. Nos dias de desânimo e de fome, reanimava-o, ia buscar dinheiro ao inferno. Sofreu tudo e nunca se queixou. Viu as amigas de vestidos de seda, falarem-lhe com piedade, a irmã feliz, as velhas aduladas – e ela, gasta e calada, estúpida, com o eterno estribilho na boca: – Filhas! Filhas!... Durante esse tempo – só a tinham deixado à vontade sonhar. Só de sonho se fartara. Enchera-se. Quando não comia sonhava, quando a escarneciam sonhava: sonhava sempre. E tanto maiores eram as angústias, as desgraças, a miséria, tanto mais ela se atascava em sonho. – Amanhã! amanhã!... – Caiam sobre ela, escarneçam-na, calquem-na embora! Digam-lhe tudo o que quiserem – que tudo são materiais para ela construir um estranho edifício de revolta e de assombro.

E tudo lhe desaba. Pior, um dia tudo isto ameaça aluir de vez, quando o filho lhe cai doente. A velha de súbito bate de encontro à realidade. Suspeita-a, arreda-a, foge-lhe. – Não pode ser! não pode ser! – E ri; diante duma catástrofe iminente, aquela alma

de ferro ri – desafia-a. É lá possível!...

Talvez só nesse momento contemple inteiramente a vastidão do seu sonho; aviva-lho a dúvida, alumia-lho a Morte. Só então calcula o que lhe custou de sangue, de vida, de aspirações e de ódio.

Ambos juntos, mãe e filho exacerbam-se. É necessário ainda, e mais que nunca, triunfar depressa. Ambos o sentem. A morte pode vir: ambos eles, sem nunca falarem nisso, a temem. Dinheiro! oiro para subir, para calcar! E dos seus infindáveis diálogos descem do sótão para maltratar aquelas mulheres. Deixem passar a Candidinha! Ao pé dessa figura desmedida, as outras são mesquinhas como a terra... Olhem-lhe para o vestido: é o mesmo, nunca quis mudar: aquela saia é eterna, aquele xale tomou parte em todas as suas angústias. Não o tira do corpo: recorda-lhe o passado, dá-lhe fé e nervos. Está destingido e gasto, vê-se-lhe o fio e as costuras: não é um vestido – é uma pele.

De borco sobre a arca a Joana assiste à farsa, obrigada a sufocar os gritos: grita de si para si, grita para dentro, olhos de pasmo, revolvida e tonta. Noite – e há que eternidade a Candidinha prega, livre enfim, transfigurada:

– Eu sou a Candidinha, eu sou a Candidinha...

E bate no peito raso como as tábuas.

– É preciso que se saiba que a mim ninguém me faz o ninho atrás da orelha. Ninguém se importou nunca comigo... Tinham pena: davam-me desprezo, davam-me esmolas... Gostavas de me dar esmola também a mim, à Candidinha, hã? Lembras-te? lembravas-te quando eu entrava em tua casa, a fingir-me parva e tu me davas um bocado de pão, de propósito para me rebaixares?

– Mas eu...

– Não admito réplicas! Eu não nasci ontem! Pudesse eu e tornava a meter-vos as esmolas em chumbo derretido pela boca abaixo!

Só uma Candidinha resta – e essa verdadeira, real e feroz. A outra surge por vezes no meio do monólogo, recordada por uma palavra, por um pormenor esquecido. A Candidinha irrita-se – e de entre as suas palavras de cólera transparece então uma figura cómica, que já não existe, de que ninguém se lembra, murmurando – ó filhas! ó filhas!... E a *outra* Candidinha assim evocada por esta faz recuar de espanto.

São vómitos. Faz esgares, dizendo coisas ao mesmo tempo estúpidas e trágicas. Pára, recua, avança, traça o xale com um riso de gozo. Não se cansa. Tem-na nas mãos – fâ-la sofrer por todas as outras.

– Ri-te, ri-te de mim. Ah, agora choras? Choras por um olho azeite e por o outro vinagre!...

Às vezes cala-se e ruma. Põe-se a rir baixinho ou fica minutos concentrada e rígida...

– Pudesse eu e fazia ressurgir da cova a tua mãe para te ver nas minhas mãos.

A Joana sufoca e, sem tirar os olhos dela, hipnotizada, desaperta com a mão trémula a camisa de estopa para poder respirar. E a voz da desgraça continua:

– Cem anos que eu viva não me esqueço. É pior, é até pior!... Tinham pena de mim, por trazer este xale rapado e esta saia no corpo, por me terem roubado... Eu não preciso da vossa piedade para nada!

Avança. Chega as mãos à cara de Sofia:

– Ninguém te arranca das minhas mãos!

A Joana não pode. Ergue-se, é outra. Mergulharam-na em dor e tiram-na para fora a tressuar de agonia.

– Acudam! acudam!

A velha dirige-se-lhe, deita-lhe as mãos ao pescoço e larga-a desamparada sobre a

arca. Depois abre de estação a janela:

– Grita aos montes que te acudam! grita às pedras que te acudam!

E no outro dia põe-na na rua.

– Pegue na trouxa e andar. Estou farta de espiões.

Já as três mulheres têm o quer que é de desumano. Parecem deslavadas pelas lágrimas.

Nessa noite, altas horas, Sofia acorda, sentindo no silêncio um resfolegar ansioso. Alguém deita-se devagarinho a seu lado, pega-lhe nas mãos e molha-lhas de lágrimas. E toda a noite as duas mulheres soluçam baixinho, nos braços uma da outra.

– Minha menina! minha menina! para sempre!...

Na antemãã a Joana parte, depois de a Candidinha lhe remexer nos trapos, com os olhos enevoados de lágrimas e a trouxinha encostada ao peito. Pára, olha, sem ver, a corda infinita da serrania, colossos sobre colossos, donde apenas irrompe a secura das fragas.

Tinta espessa e negra como o pez. As duas mulheres estão sentadas uma ao lado da outra – e na noite da lufada, trágica e deserta, ouve-se uma voz pregar na escuridão:

– Quem se importa com a desgraça? Empurram a gente, magoam... A gente só serve para ser enganada.

E aquilo irrompe aos uivos do negrume.

– A vida é uma mentira, a vida é um escárnio, Senhor! Por quem há-de a gente gritar se todos nos atiram para a desgraça? Quem se importa com o mal que acontece aos outros? quem se lhe importa? Tiraram-me tudo! despiram-me de tudo! Foi pior que a morte. E quem se importa? quem?

É aos gritos de aflição que as palavras surgem da noite aziaga.

– Enganaram-me e ficaram-se a rir. Parece-me que os vejo rir. Tiraram-me tudo! levaram-me tudo!

Não se vê a figura de tragédia. É da ventania, do escuro e do frio que sai aquela voz? É da noite ou da desgraça? Os gritos enregelam e o redemoinho leva-os pelos ares.

– Trouxe-me consigo, fez-me amargar os meus dias, comer sal de ressalga, até este desespero, até me pôr mais rasa que a terra. Não há sítio no meu corpo que não tenha sido espancado e ainda tenho vivas nos olhos as lágrimas que chorei. Passo todas as fomes e não nas sinto, sou pior que um trapo e não grito. Eu já não choro!...

As palavras vêm às golfadas, arrancadas, raspadas como gritos de alguém a quem sucedeu desgraça. Traga-as a escuridão, arrasta-as a lufada e assim se distanciam como os últimos roucos dum afogado.

– Quem se importa com a desgraça dos outros?

E depois duma pausa, baixinho, a outra voz resignada conclui:

– Deus a ampare! Deus a ampare!...

Há a desgraça e a dor. A dor, às vezes, salva: passa como um cataclismo e redime; a desgraça não, a desgraça pega-se e transe.

A desgraça é uma treva condenada, onde a mão que busca amparar-se só encontra o vácuo. Grita-se? Só a desgraça nos ouve. Dá um frio característico, interior, de morte – o frio da desgraça. Usa e gasta. Quem mora com a desgraça, dia a dia perde certa afeição individual: e daí vem que todos os desgraçados se parecem. A catástrofe, às vezes, enrija, ao contrário da desgraça, que amolece. É talvez um hábito; mas, quando se diz de alguém que tem o hábito da desgraça, esse está afundado e perdido. A desgraça dá a resignação. Pode derrocar-se o planeta embora – que o desgraçado não protesta: por fim é capaz de aceitar com humildade a esmola do que já foi o seu melhor

amigo – e acha até certo gosto ao amargor das lágrimas...

De súbito largam-nas: a Candidinha e o filho fecham-se a sete chaves. Quedam-se as duas sem gritos na boca, suspensas de espanto. Nem um rumor, nem uma palavra, um silêncio enorme – o Silêncio maior, mais absoluto, e as duas mulheres esfarrapadas e atónitas. Escutam, esperam... Antes a desgraça, a catástrofe que cai e prostra, que esse desconhecido oceano que sobe sem rumor e as sufoca. Aquilo assume proporções de pesadelo. Falta a respiração e vai-se bradar. Para quê? É inútil. O silêncio é irmão da treva. Mesmo de dia empareda e isola. Começam a falar baixinho, para o não despertarem. Os seus ouvidos afinados procuram e só se lhes depara na casa enorme de traves descamadas o absoluto silêncio. Pelos vidros amarelados coa-se uma claridade escassa e fria, e lá fora avista-se uma lomba solitária entaipando o céu. Perderam a noção da realidade e da vida. Alta noite, acordam de chofre ansiosas e ficam à espera atentas, com as mãos enclavinadas no peito.

Um dia Sofia desata a chorar.

– Chiu... – diz a Cega.

O tempo inalterável – e o coração estala-lhes. De repente uma noite os passos da velha ecoam lá em cima e nunca mais cessam regulares e eternos. Até o riso acaba. A Candidinha maquina – e elas sentem sobre o coração ir e vir, noite e dia, aqueles passos pendulares e monótonos.

A CANDIDINHA NO SÓTÃO MONOLOGA:

«Desde pequena que sinto isto aqui a remorder-me, sem descanso, dia e noite, sempre. A inveja é um veneno que me tem azedado toda a existência: é um veneno amargo e sem o qual eu não posso passar. A inveja derranca-me e excita-me, revolve todo o meu ser e faz subir à tona de alma a lama esquecida: exaspera-me todas as feridas: põe-mas em carne viva. Faz-me bem. Desde pequena que toda a gente tem pena de mim e me despreza. Sou assim velha desde pequena: aos onze anos, já era reflectida e má como as cobras. – É tão feia, coitadinha! – E esta estúpida piedade acompanhou-me – cresceu comigo, pegou-se-me e queima-me com um vestido de fogo.

Toda a gente tem tido pena da Candidinha!

Já em pequena trazia este mesmo xale, este mesmo trapo, que foi crescendo comigo. E não creio – nunca cri em Deus, no Deus dos pobres, no Deus que recomenda a desgraça, a humilhação, a esmola, no Deus que aconselha a resignação e a fome. No Deus a quem as velhas ricas fazem lausperenes e rezam ladainhas; no Deus que as protege – e que elas têm em casa em ricos oratórios, entre lamparinas e velas de cera, pregado na cruz, com resplendores de brilhantes.

Elas mandam nos padres, confessam-se, vão às missas com vestidos de seda a rugir, dispõem do Crucificado, ao qual desde pequena me obrigam a rezar, com os joelhos de rasto nas lajes, doridos e inchados de frio... É desse tempo que data o frio que se me coou até os ossos e nunca mais me deixou.

O meu filho?... O meu filho alimentei-o com ódio – criei-o à custa de desgraça. Preguei-lhe todos os rancores, todos os exasperos, tudo quanto sofri. Mostrei-lhe a minha alma e a alma dos outros. Fartei-o de Verdade. Disse-lhe, é certo, que neste mundo só o dinheiro vale, e que os pobres são sempre desprezados e calcados. Os pobres nunca têm razão: quebra-se sempre pelo mais fraco. O meu filho qui-lo à minha imagem e semelhança; desejei insuflar-lhe isto que sinto; livrá-lo de ser escarnecido e pobre; de viver de esmolos. Quis que o meu filho *fosse* eu. Muitas vezes vi surgir na

minha frente a sombra austera da Morte e olhei-a tolhida de medo. O túmulo fecharia para sempre esta boca, o negrume abafaria o meu sonho – para toda a eternidade inútil. E já as ouvia à roda do meu cadáver dizer: – Coitada da Candidinha, foi toda a sua vida uma estúpida!...

Mas não! ficava vivo o meu filho para me vingar. Transmitira-lhe desde pequenino o rancor – deixava-o herdeiro do meu sonho. Apagada a minha boca, restava outra para falar. A Candidinha não desapareceria de todo da face do mundo. Cá ficava alguém! cá ficava alguém!...

Rico! o meu filho pode ser rico... Agora eu, nunca!... Se eu quiser... se ele quiser... E hei-de por causa dela, por causa dum trapo inútil, recuar?»

E mastiga, e hesita, e para se convencer, revolve na alma tudo o que passou, tudo o que sofreu, tudo o que sonhou:

«O ódio é pão duro, mas sustenta. Sabe a ferro. Valeu-me nas imensas e frígidas noites de fome; nas horas de desespero e de desânimo. Quando não podia mais, punha-me a odiar – e o ódio dava-me forças.

Vinha-me a atroz amargura à boca, quando olhava a esmola que trazia apertada na mão. Mas punha-me a odiar e tudo esquecia. Construía fechada no meu quarto. Às vezes com o bafo aquecia os pés do meu filho, que adormecera depois de tragar uma côdea amarga, e, sobre a sua cabeça, tecia um palácio de esplêndidos horrores. O ódio é pão duro, mas sustenta...

Pior que o desprezo, pior que os maus tratos é a piedade. Ouvir dizer, com a barriga a dar horas e um inferno na alma: – Coitada! – transtorna-me. A cólera ergue-se dentro em mim e por pouco que não berro: – Coitada de quê! Cuspo na vossa piedade! – Mas todo esse jacto que me subia à boca, tinha de recalá-lo logo escondendo-o.

Mas nem piedade nem esmolas caíam em saco roto: transformava-as imediatamente em ódio... o ódio é o pão duro – mas sustenta. Amarga como o ferro, mas seu sabor estranho engrandece e conforta.»

E no silêncio, de cá para lá, a velha cresce como um fantasma – a Candidinha parece o próprio sonho embrulhado num farrapo a cismar, a rondar...

VIII

Mas o tempo passa e o filho piora. Um temor que se insinua, um inexplicável frio transe a Candidinha, dá-lhe à voz tremura, hesitação e dúvida ao olhar, que nunca se desviou nem diante das piores catástrofes. Surpreende-se, de mão no queixo, a cismar, fixando com espanto uma Sombra temerosa. O frio que anda espalhado na casa apodera-se de todo o seu ser – e ela, que pisou aquele chão como dominadora, anda em bicos de pés...

Depressa! a Candidinha não perde um minuto, vai à vila para realizar o seu plano e toma em aflitivas correrias, a pé, através da serra. Mastiga palavras, monologa e cisma. Pela primeira vez a Candidinha desvia o olhar duma figura que avulta a seus olhos. Pela primeira vez na vida, a Candidinha duvida: precisa da realidade imediata: o sonho já não basta. Quere-lhe dar corpo antes que lho tolham. Depressa! depressa! porque tudo se lhe pode converter nas mãos em pó inútil.

– Depressa, filho, depressa! Tudo menos pobre, não queiras que se riam de ti!...

– Mas que quer vossemecê que eu faça? Eu estou porventura assim tão mal?

Os olhos esgazeiam-se-lhe, fita-a como se quisesse arrancar-lhe a verdade do fundo da alma. O silêncio é atroz. Há nos seus olhos terror.

– Mãe!

– Que é, filho?

– Mãe... – e hesita – Eu não morro, hã?

A velha encontra por fim palavras. A velha, que sentira tremer-lhe o solo sob os pés, exclama com risos:

– Agora morres, filho! que tolice! Pois tu havias de morrer assim!

E a Candidinha ri-se. Onde vai ela buscar forças para se rir? A que recanto inexplorado, a que âmago daquela alma, tira a velha esse riso sem tom nem som?... E já ele fala apressado – como se quisesse dar razões à Morte, que ambos sabem ali à espera:

– Pobre eu nunca vivi, tu bem sabes! Temos andado a lutar, à procura de subir, de vencer – e eu nunca vivi, tu bem sabes... E foi por tua culpa, ouviste, mãe? Tu é que me tens dito, tens-me pregado sempre, desde pequeno –s precisamos de os calcar e de fingir. Devagar se vai ao longe... Foste tu!

Seus olhos! oh seus olhos acusam-na, seguem-na, espreitam-na, não a largam, cheios de desespero e de dúvida. Investigam, procuram ler-lhe terror na face.

– Cala-te, filho! cala-te! Tu verás! tu verás!

E aí começa ela a pregar para o iludir – e para se iludir; aí começa a velha de trás para diante no quarto, na tinta do crepúsculo, a esbrasear-se e a tolhê-lo, encharcando-o de sonho: a enganar-se e a enganá-lo.

– Tu verás! tu verás! A Adélia está parva, a Teles estica qualquer dia com a lesão. E a Felícia tenho-a aqui, está nas minhas mãos!... Há-de casar contigo.

O Antoninho ri no escuro: arreganha os dentes – já de cadáver

– na boca descarnada.

– Tenho-as aqui a todas, descansa! A Felícia faz tudo o que eu quero, é uma criada. Havemos de a mandar como uma escrava depois de casares!...

– Tem muito?

– Muito. E mandas, ordenas, é teu. O dinheiro roubado, o dinheiro que te pertencia de direito e que te roubaram, filho!

– E a outra?

– A outra... Tudo se arranja, veras...

Cala-se, já cheia de cisma, arredada enfim a ideia da morte. E no silêncio ele torna

daí a minutos:

– Mãe!

– Filho?

– Se eu me vejo rico e cheio de saúde!... Porque eu nunca gozei – e agora tenho um medo de não gozar...

E a Candidinha rindo-se de novo com esforço:

– Não sejas tolo!

– Tu verás... Rico, tu verás, mãe, como toda a gente me liga consideração. Não há nada neste mundo pior do que ser pobre.

– Isso não há!

E respirando fundo, ele repete:

– Eu quero viver!...

Não, ele nunca realmente se atrevera a viver a vida esplêndida – por timidez e por medo; nunca se atrevera a pôr em prática o que criava na alma – pelo terror estúpido da existência. Diante do pélago azul, vivo, cheio de prodígios, o Antoninho deixara-se ficar com joelheiras nas calças, as mãos húmidas, frio, encolhido de espanto. E agora de golpe, ao pé da morte, vê de chofre o que perdera. Antes tivesse praticado um crime; antes tivesse mergulhado as mãos no sangue – mas vivido! É agora que adivinha a existência; é agora com a morte a seu lado, que compreende que não cumpriu o seu destino: que só há uma única vida – e nem um minuto a perder para cada qual ser o que é, sem máscara, e com ferocidade. E nas poucas horas que lhe restam de vida não há existência possível a desenrolar-se. Então a Velha interpõe-se; a velha, desviando com uma das mãos a Morte, apontando-lhe com a outra um mundo imaginário. Mas ele, farto de sonho estúpido, quer realidades, gozar nalguns dias naquele casebre perdido na serra, transido pelo frio da pobreza, comido pela doença, as mulheres sumptuosas, todas as carnes soberbas, todos os tesouros que a vida oferece aos que a sabem domar.

– Mas eu não vivi! eu nunca vivi! E não quero acabar assim. Os outros enchem-se, os outros riem-se, os outros passam e matam – sem olhar para trás, e eu obedeci sempre e nunca me fartei. Desde pequeno que tu me dizes: – Hás-de ser rico! – E eu vou morrer neste degredo! Tu compreendes isto? Eu posso morrer – e nunca vivi! Eu posso ir para a terra, daqui a minutos, para sempre tolhido, sem mais sentir, olhos tapados com terra, boca tapada com terra, – e nunca vivi! Tu é que tiveste a culpa! – Espera! amanhã! Sempre amanhã! sempre a esperar! sempre sonho! sempre sonho!... Tu és minha mãe! Tu tens obrigação!...

– Filho!

A Candidinha atíça-o, açula-o; a velha vai às entranhas do Sonho buscar forças – e tudo no casebre se transfigura. A velha desorienta-se, fala nos tesouros ocultos, no Poder, na Saúde, na Força, no Ódio – a velha reanima-o. E ambos esquecem a figura que os não larga dia e noite; ambos ficam a olhar absortos o mundo que descobriram e criaram, um maravilhoso mundo de gritos.

– Mas então – torna ele baixinho, com a voz de quando era pequeno – que é preciso fazer?

– Eu me encarrego de tudo. Sê rico e nem faças mais caso de mim, se quiseres. Eu não preciso de nada, qualquer buraco me serve para acabar. O que te quero é rico!

E ele, com o peito despedaçado pela tosse:

– Ai torna vossemecê com as suas coisas...

Então a velha, de chofre, chegando-se mais para o filho:

– Podemos-nos encher! – E agita as asas do xale no ar – A Felícia tem arcas de ouro, ouro como terra! A Felícia tem numa sala fechada, barricas de ouro... Não gastou nunca pataco, tem-no ali a esmo. E pode ser tudo nosso! tudo, se quiseres! E ela está

pronta a casar contigo! Tenho-a aqui!... – E fecha o punho, trémula de sonho. – Quando lá estou, vejo na sala, de que só ela tem a chave, as arcas do pão recheadas de oiro. Sinto-o através das paredes. Cheiro-o. Tremo quando me encosto aos muros. Podemos encher!...

E o Antoninho, baixo:

– E esta? – pergunta receoso.

E logo a Candidinha avança sôfrega, e com espalhafato:

– Tens pena da Cega, não é? Tens pena de quem te enganou, para se rir de ti com o conselheiro de borra? Enganou-te!... Mas tu gostas! tu queres ser pobre por causa dela, tu queres ter toda a tua vida fome e necessidades... E queres que te escarneçam! e queres ser o filho da Candidinha, e viver de esmolas!...

– Cale-se!

E a velha mais baixo:

– Se esta desaparecesse estava tudo arranjado... Apanhávamos o dinheiro à outra, que é velha como a serpe. Era nosso o arame! – E com um riso de gula: – Casamento só assim: cem anos e cem contos. Eu bem to preguei toda a vida! Quem apanha mulher assim, campeia... O que eu tenho pena é do que sofri, das aflições que rapei... Queres ficar toda a tua vida com o pé na lama, por causa da Cega, que só estoira quando já não for preciso? A tola sou eu!... Mas eu queria-te rico, eu queria que ninguém fizesse escárnio de ti... Mais tarde torcerás a orelha...

– Mas é um crime... – diz ele mais baixo.

– Um crime é isto... Tu quantos anos tens? Trinta, filho, trinta! E ainda não sabes o que é a vida! Nem o que sofreste te serviu de nada!... O céu é de todos e este mundo de quem mais apanha! Aqui em baixo só há uma felicidade, o dinheiro. O resto são poesias... Tu já viste algum canalha rico que não tivesse razão? A pobreza é a pior das desgraças. Os pobres, de sete em sete, devia-se mandar matar um para que o pão não faltasse na terra... – E mudando de tom, agachada ao pé dele, no escuro: – De mais a mais está cega, é um tropeço... E ninguém sabe que existe. O caso é não se saber...

– A morte!...

– A morte? Que é a morte? e que importa? Um sopro e ela desaparece para sempre... Que nos faz isso a nós? A minha vida e a tua vida é que nos importa. Eu nunca pude ser eu. Porquê? Por ser pobre! A ti, toda a gente te despreza. Porquê? Por seres pobre. É um momento – vou lá baixo, pondo-lhe a mão na boca – e ela sufoca...

– Cale-se! cale-se!...

E a velha segue transtornada:

– E temos logo o dinheiro da Felícia, podes casar com a Felícia!... És logo rico!... Não é por mim que to peço, é por ti. Eu não preciso de nada, não te peço nada, não quero nada... Basta-me saber-te rico, para ser feliz.. Nunca mais me ouves, nunca mais me vês. Desapareço num buraco. Nem preciso de comer. Não é por mim, é por ti. O que eu quero é a tua felicidade. E diante disto, que vale a vida desse tropeço?...

Ele cala-se. Ela avança, depois dum momento de silêncio, sentindo-o já convencido:

– Tu verás, ninguém sabe. – E chegando-se mais para ele –A gente...

– Não me conte! não me conte! – brada o Antoninho frenético.

Não quero saber. Faça lá o que quiser, contando que eu não saiba nada. Isso é consigo. Não quero ouvir.

Então a velha sorriu-se, compreendendo-o, e depois diz:

– Não tenhas medo, filho, eu cá arranjo tudo... Sufoco-a! Ninguém o vem a saber, ninguém sabe que ela existe. E se se souber, tu negas no tribunal e eu confesso tudo – para te ver rico e feliz.

E durante dias passeia no quarto calada e soturna. Esquece as mulheres. Depois, um dia separa-as, fecha Sofia à chave e toma a passear diante do filho absorto, sem dizer mais palavra. Fora vêem-se os eternos montes, o céu baço. Eles olham-se nos olhos.

Mas aquela exaltação não dura muito. Vem outra vez o frio, a dúvida:

– Mas, mãe, eu tenho frio nesta casa maldita, por onde a ventania entra por todos os buracos... Se a gente lhes pedisse...

– O quê? Não, filho, não! Estou farta! Quem muito se abaixa seu rabo se lhe vê. Espera... A gente não pede mais nada a ninguém. Tenho-as aqui...

E aperta a garra.

– Mas eu quero gozar! Eu morro sem gozar. Vivi de enganos e de sonhos e esqueci-me de gozar. Não me fartei... E foste tu! foste tu, ouviste?

– Espera...

– Eu morro sem gozar! Eu não quero morrer sem gozar!

E a cara sua ansiosa, de desespero e de medo, contrai-se-lhe, os olhos abertos num espanto.

É ela quem o sacode, quem lhe dá vida e alma. A sua alma sobra para repartir com ele, para o instigar; o seu sonho chega ainda para o encher de sonho, o seu ódio para galvanizar aquele cadáver, traspassando-o de ódio. Comunica-lhe a labareda que a queima. Filho! E reanima-o. Filho! Vê-o morrer-lhe, pálido e exausto, nos braços, e dá-lhe vida da sua vida, nervos dos seus nervos, ódio do seu ódio. Filho!

– Eu morro! eu sufoco, mãe!...

– Filho!

– Sufoco!... Não quero morrer!

Ela ampara-o, limpa-lhe o suor. Nos seus olhos há uma ânsia: vê a Morte.

– Sossega, espera, filho... Mas quem pensa agora em morrer!

E vai buscar, não se sabe aonde, forças para rir; tira do seu coração de ferro forças para gargalhar!

– Não me enganes, cala-te. Enganaste-me sempre... Tenho vivido toda a minha vida à espera... À espera de quê?... Hás-de ser rico! hás-de ser rico! e morro aqui, como um cão! Tenho frio... Ouviste? tenho frio!...

Vem-lhe outro ataque de tosse: o seu olhar procura o dela para ver se está pior, para ler no seu se a morte que o amedronta está mais perto... E toda ela estremece. Logo se desorienta. Começa a pregar:

– Há os bancos cheios de oiro, abarrotando de oiro! Fazem-se abóbadas subterrâneas de propósito para se guardar o oiro aos montões!... – E seus olhos reluzem, chega-se mais para ele.

– Eu era inteligente, como os mais.

– Tu vales mais que os filhos dos outros...

– Se eu lhe tivesse deitado a mão, tu verias... Mas se eu morro sem ter vivido, sem ter executado o que pensei, o que cismeí... Fizemos todos os sacrifícios... Pensávamos: – amanhã! amanhã! – E por amanhã deixámos tudo!

IX

A Cega habituou-se. Habituou-se à escuridão, a sofrer, a estar sozinha e calada. Apurou-se-lhe o ouvido e o tacto. Com os olhos fixos no alto, percebe que correm os dias pelo sol que lhe passa nas mãos estendidas; sente no silêncio a vida dos montes, e distingue todos os ruídos, e até a luz mais forte da luz mais fraca – o crepúsculo da madrugada. Às vezes confunde a claridade com o som, o canto da ave que ao anoitecer no salgueiro se despede da última gota de luz com o fio de água que o vento balouça e se cala, para logo tornar a cair com o mesmo gorgolejo na pedra como se lhe corresse dentro do peito.

A Candidinha desce com os pés de lã até ao quarto da Cega. Mas não a surpreende. Qualquer ruído a alvoroça. O coração bate-lhe e os nervos vibram-lhe até à extrema dor. Ergue-se logo do leito, com a mão no peito, que lhe estala – e fixam-se, a Candidinha de olhos espantados, e a Cega sem a ver. Às vezes a Candidinha espera, de mão fincada no queixo, encostada à parede. E assim ficam horas. Sente-se no silêncio latejar o terror.

– Ai!... – suspira a Cega.

Entre o projecto e a execução há um mundo a transpor... Quando a Candidinha sai enfim da imobilidade e sobe até o quarto do filho, ele interroga-a com o olhar esgazeado, com quem pergunta:

– Já? – E ela, sem responder, perde-se num fluxo de palavras inúteis.

À roda o silêncio – o silêncio em que se ouve a respiração dos montes – o silêncio em que ela sente o sol correr nas folhas – um silêncio cada vez maior e que lhe pesa como chumbo. Os próprios montes parece que suspendem a respiração e esperam... Um ruído. É o rato que passa no sobrado para ir à arca do pão ou a velha que avança na ponta dos pés?... Uma tábua estala com o fragor dum terramoto... Outra vez o silêncio, e de ouvido à escuta, os nervos todos à escuta, a Cega espera...

Tem medo de adormecer. Só há na sua vida um momento de alívio, a manhã, quando todos dormem em casa. Toda a noite espera pela primeira luz. Sente o sol muito longe, sente a claridade no ar que rareia. E toda a noite aspira pela luz. Logo que o primeiro fio entra pelo postigo e lhe corre nas mãos estendidas cai num torpor, com os olhos cerrados e tão pálida que parece morta.

Os dias passam. Outra vez a velha torna – e não ousa. A Cega sente-a, a Cega vê-a! Seus ouvidos apurados percebem o mais leve ruído: sobressalta-se, senta-se de estação no catre, e logo a outra recua. Ninguém no descampado ouviria os gritos, que à velha se afiguram ir despertar todos os ecos adormecidos. A Cega adivinha. No negrume ouve cicios, palavras, rumores. Acorda de repente, surpresa, com os glóbulos brancos ansiosos.

– Ai...

E aquilo cresce, torna-se palpável, pesa-lhe sobre o peito, oprime-a – sufoca-a. Olha – e só vê treva. Nem um vislumbre. Suas órbitas rebuscam debalde na escuridão impenetrável.

Um ruído baixinho – um ruído que aumenta, um ruído que redobra. Devagarinho soergue meio corpo – espera, com a mão no coração e o ouvido à escuta, para ver.

Com a mão no coração e o ouvido à escuta, a Velha pára também no meio do

quarto... – E as duas ficam assim horas, uma em frente da outra, sem mexer.

Um momento parece que tudo pára no mundo, e o silêncio fecha-se à volta como uma abóbada – e ela sente um contacto que desliza sobre o lençol. Tão devagar! tão devagar!... Passa uma hora ou um século? A mão – é a da Velha? – estaca e depois continua a marcha como uma aranha monstruosa, de patas moles, que caminha, hesita, que volta atrás – e que ai torna direita a ela. Passou uma hora ou um século?

Nessas ocasiões um sopro podia-lhe dar a morte – bastava um sopro. O coração reduzia-se-lhe a cinzas. Era uma mulher? Era um ser sem nome, uma alma torturada pela angústia... Depois uma pausa – um silêncio em que não ouvia nada. Tinha medo de respirar – um langor mortal – um frio de gelo transia-a toda. E de novo o coração lhe começava a bater, a bater desordenadamente até que se sentia morrer pouco a pouco – e os olhos brancos e frios como pedras saíam-lhe fora das órbitas.

O ruído é mais que um som para ela – o ruído toma forma e corpo. Se adormece cai num abismo sem fundo, Esganam-na. Num transe acorda em suores frios, num grito que reprime logo:

– Jesus!

E seus ouvidos distinguem, decifram todos os ruídos da casa: os passos, o estalar da trave, o tecer da aranha, o trabalho inalterável do caruncho.

O ouvido afina-se-lhe até à dor. Sabe tudo o que se passa, até a vida obscura do sótão onde só moram os ratos e a doninha. Sente a aflição da fonte que diminui no verão até chegar a uma gota. – Lá anda o vento nos montes!... – E ninguém ainda o ouviu. Distingue todas as notas musicais da chuva e as do sapo –voz prodigiosa de tristeza, voz quase humana que se queixa da fealdade na solidão da noite. Ouve o caminhar das raízes à volta dos muros e a própria luz chega a ser um som para a sua sensibilidade exasperada.

O curioso é que a Candidinha não se atreve. Encosta-se à parede, estende a garra – e quando aqueles olhos, que não vêem, se fixam nos seus, cegos mas cheios de espanto – brancos mas passados de dor – encolhe-se, recua e de novo, pé ante pé, volta-se e some-se pelo corredor fora. Depois, no alto da escada, respira.

A outra – que fica imóvel como se fosse de pedra – tomba esvaída e muito baixinho suspira:

– Ai!...

Sozinha, a velha enfurece-se. Porquê? Ninguém ouve, ninguém sabe, ninguém suspeita. Põe-lhe a mão à boca, o joelho ao peito – e é com gozo e raiva que sente estalar-lhe os ossos. Aquilo dura um momento – e o tropeço deixa de existir para sempre... Em pensamento já a matou assim muitas vezes; conhece todos os pormenores do crime. Nenhum lhe escapa e dir-se-ia que na palma da mão retém a humidade dos seus dentes e o hálito da sua boca. Mas na realidade não se atreve.

Sozinha, a cega luta braço a braço na escuridão com o pavor. Quer fugir – não pode. Palpam-na, tacteiam-na mãos leves como penas, e sente *alguém* sempre presente no escuro – ali a seu lado. Seus olhos estalam para ver – e ansiosa, boca entreaberta, ouve naquela eterna escuridão um pequeno estalido que lhe põe de súbito os cabelos em pé. Rompe-se-lhe o coração.

E escuta um ciciar de palavras, como se *alguém* a quisesse prevenir, junto aos

ouvidos...

A Candidinha conversa consigo:

– Fui sua criada, sujeitei-me a tudo. Não comi. Noites e noites deitei-me com uma dor aqui. Era fome... Estragou o futuro do meu filho. E tu agora vens... Tu que dizes?

E o seu braço aponta para o negrume, gesticula na escuridão.

– Mas então não havia justiça... Era elas a mandarem, elas a gozarem, e eu calada, eu de rastos, eu a fazer-lhes as vontades.

– E ria-se para o escuro. – Tudo sofri, sofri de mais... Fosse preciso que eu morresse, que me matava logo... E tu vens agora, tu!... Que queres?

Com quem discute a velha? Com a noite ou com a morte?

Debate-se na treva. É uma alma que se dilacera a si própria, que embate contra muralhas inabaláveis e espessas – sem ruído e numa agonia. Um raio de luz! um só raio de luz que fosse – para que ela pudesse ver o fantasma que a atormenta! A Cega vê, adivinha a morte, a Cega sente-a caminhar pé ante pé para ela, suspender-se-lhe sobre a cabeça... A respiração corta-se-lhe, o coração estala-lhe no peito magro – e num torvelinho, com os olhos estoirados e suor frio na raiz dos cabelos, debate-se contra o negrume compacto. Um raio de luz que fosse!... Gritar? gritar para quê? – emparedada naquele túmulo eterno? E suspira baixinho –Ai!...

Mas nesse cicio vai tanta amargura tanto pavor, que a Velha recua, pé ante pé, até a parede. E como se a própria alma lhe escapasse naquele ai de angústia. E a Candidinha fica minutos suspensa a olhar essa estranha figura, toda branca, coberta de suor, de boca entreaberta e olhos atónitos de espanto... Ai!...

Donde vem a Morte? Em que momento preciso vai desabar sobre ela? Não tem um segundo de calma – e não pode fugir nem desatar aos berros. Apenas suspira baixinho:

– Ai!...

E os olhos – os olhos brancos que procuram e se fixam na direcção do ruído, os olhos que querem ver e que num desespero procuram ver, brancos e salientes, líquidos e inquietos, tornam-se expressivos à força de terror.

Passa assim um mês – tem os cabelos todos brancos...

X

Lá vem uma luzinha no monte! Tudo negro como pez e só aquela faúlha luta contra a ventania e a escuridão cerrada...

E a Joana que não sossegou – não pode. Mal chega à porta da cabana cai exausta sobre o pedregulho donde escorre um fio de água. Lá para o fundo fica o largo panorama azulado que a Joana não vê: só há na sua alma um pensamento obstinado – a menina que ajudou a criar...

Está no fim. Feia, rugosa, inútil ela parece-se com aquela fraga que sustenta e ampara a cabana. É um penedo a que nem uma raiz se apega. Sobre ele desabaram em vão os invernos, as levadas, OS clamores. Fraga hirta, sólida e estéril. Mas um dia veio em que a pedra sentiu bulir-lhe no seio a vida. O que fora inerte durante eternidades, estremeceu de assombro. Do fundo do granito partiu um alvoroço que se comunicou a toda a penedia. A Fraga extasiada concentrou-se, dorida e feliz: a Fraga sentiu-se mãe. Passaram-se mais anos – dobaram-se os séculos. O tempo não importa – o sonho das pedras é infinito e uma mealha de sonho alimenta-as uma eternidade. O tempo passou – mas a pedra, apesar da sua imobilidade, existia: por baixo daquela casca rugosa e dura latejava a vida. No ventre do granito o que quer que era remexia, bulia, pacientemente minava, ia subindo polegada a polegada – século a século – para a clara luz. Era a água que escavava a rocha. Até que um dia, depois de séculos de obstinação e esforço, chegou à superfície – para regar as pedras.

Muitos anos se passaram ainda, quando a Joana exausta topou no calhau que serve de amparo à cabana deixando-se enfim cair prostrada, vencida, face a face com a libertação e a morte. Para ela não há lugar na terra – a própria terra a repele. E ao tombar, a sua boca sequiosa, onde se concentra todo o amargor do mundo, depara com esse fio que brota duma fenda e borbulha, escorre à luz vivíssima. Aquele fio de lágrimas, frígido e límpido, levou séculos a minar, a romper a rocha unida e compacta, e vem do coração do globo com este único destino – mitigar a sede das criaturas – de qualquer criatura – de qualquer desgraçado que passe. Também a Joana veio ao mundo com este destino – ser mãe, e ficou estéril. Mas a sua ternura como aquela água corre baixinho e rasa – para toda a gente, sem a mínima reserva. Dá-se até aos bichos.

Entra na cabana, tenta mastigar uma côdea e não pode. Tira o lampião do forno e deita-lhe o último pingo de azeite da almotolia. Fez-se noite. Mas na sua alma não há uma indecisão. São léguas de caminho e sabe que a esperam sofrimento e lágrimas. Está no fim. É o último fôlego que lhe vai dar. Quer defendê-la até à última e morrer a seu lado.

– Não posso deixar a minha menina sozinha no mundo. Volto para lá ainda que me matem. Criei-a. Eu é que sou sua mãe.

Acende o lampião e volta para trás, através da serra e da noite povoada de gritos. A tempestade aproximou-se. Não há estrelas na solidão opaca. Caminha tacteada pela treva, ouvindo o fragor que desaba; caminha na escuridão, calcando o chão bravio – pedra convulsa, sobre pedra caótica. A sua figura parece mais pequena, olhos abertos, boca aberta – espanto e dor – perdida na treva. Os pés negros e descalços escorrem sangue. Tão bravo é o tumulto que lhe escachoa lá dentro que não sente: o fogo interior que a devora e ilumina, espanca para longe as sombras desmedidas. Fora da sua alma só existem trevas sobre trevas condensadas. Mas seus olhos não vêem o céu, quanto mais a penedia inerte! Agarrada à trouxa caminha sempre, a fisionomia devastada pelo sofrimento, sulcada por todas as angústias, os cabelos brancos enrodilhados, os olhos

abertos de pasmo: lembra uma dessas cabeças toscas que os artistas da Idade Média abriam num madeiro bruto. É quase dura a imagem, mas sacodem-na rajadas de dor. Um nada a menos e vai-nos rebentar o riso na boca – quando de súbito a gente se prostra sufocada em pranto.

Quem olha a Joana só lhe distingue amargura na boca e nos olhos cheios de lágrimas – amargura e espanto – mas quem a fita descortina logo uma alma radiosa, como num cantinho de céu negro às vezes se descobre uma constelação magnífica. Tudo nessa figura é revolvido e dilacerado – e tudo no entanto exprime uma ilimitada ternura. Os cabelos estacam-se-lhe; a pieira aumenta-lhe. As trevas afogam-na e diminuem-na...

A Joana resume-se nesta palavra – ternura. Oferecera-se; vivera para os outros, repartira-se por todos indiferentemente. Andara de casa em casa, à procura de afeição, deitando raízes em todas as terras – como se vivesse de dor, como se se nutrisse de angústias. E uma pobre – diziam com desdém – e passavam. Dera-se aos outros, despira-se. Para quê? Em vão procurara para si o maior quinhão de dor; fora em vão que se aniquilara e se sumira, que se tornara humílima. Quanto mais se consumia – mais sofria.

– É uma pessoa ordinária...

E ela obstinou-se em amar. Em amar sem compreender. Em amar para sofrer. Em amar sem tom nem som. Como as mães-d'água dão água – ela dá ternura. Talvez inútil. Talvez sem saber. E gastou-se assim a comer o pão alheio e a amar. A servir e a amar.

Sua existência foi de constante dedicação. Já em pequenina lhe batiam, e seus olhos encaravam a vida com uma tristeza tamanha, que havia no fundo dessa claridade ingênua o que quer que era de desumano: Cresceu. Cavou, lavrou, arrancou da terra ingrata o pão para repartir com os irmãos e os pobres. Foi depois servir: passou pratos; riram-se daquele ser estúpido, cujo coração estremecia ao encontrar crianças. Punham-na na rua. E ela quedava-se sorrindo, com ternura nos olhinhos tristes, o peito raso, as pernas à mostra e uma pieira na garganta. Um dia pegou raízes: deixaram-na enfim criar afeição àquela menina, como se fosse sua mãe. Punha-se diante dela extática, sem saber exprimir-lhe o seu amor. Via-a crescer e só dizia:

– Minha menina! minha menina!

Essa mulher ignorante formou a alma daquela criança. Viu-a balbuciar, chorar, crescer, e uma emoção inexplicável começou a bulir-lhe no peito e nunca mais secou: eram talvez lágrimas represadas. Nesse momento o coração da pobre velha, que desde pequena ouvia dizer: – Uma mulher, para entrar no Céu, precisa de criar, ainda que seja um bicho! – batia em união com o cosmos. Toda a gente acha bem que se sacrifique. Ninguém estranha que dê a sua vida a outras vidas. Ninguém lho agradece. A própria menina arreda-a: – Deixa-me! Aborreces!... – Era sua amiga, mas fugia-lhe aos beijos, que deixavam cuspo, às mãos toscas como pedras, aos vestidos grosseiros e sujos. A Joana compreende-a e receia tocar-lhe.

Caminha e sente um golfão amargo, como se uma barra de chumbo derretido lhe viesse à boca: o travor da desgraça, e uma sede inextinguível, capaz de tragar toda a frescura da terra; uma segura atroz, feita de todas as seguras, de injustiça, de dor, de fel, de amargura. A sede das sedes.

Caminha, caminha sempre, com os cabelos enrodilhados, revolvida, dilacerada e trôpega. O negrume aumenta, o vento apupa-a. Já não pode com aquela jornada de léguas. Mas teima e ergue a luzinha vacilante na mão.

Passa ao pé dos grandes penedos – tão pequena ao pé daquelas formas denegridas que povoam a solidão e que metem medo pela imobilidade e porque as sentimos dotadas duma vida misteriosa. Tão pequena e calada como um fiapo levado pelos

redemoinhos que se formam nas alturas e vão correndo e dançando sem destino. Não sabe nada, não pode nada, vê tudo através dos olhos turvos de chorar. Mas teima. A luzinha lá vem através do golfão...

– Porque não fui eu sua mãe.

A chuva molha-lhe a cara, a tempestade sufoca-a. É um cangalho: as lágrimas esvaziaram-na, já não tem senão ossos – tanta emoção deitou que, como as fontes, extinguiu-se... Mas caminha sem desânimo. Os ramos acutilam-na, o vento apupa-a. Não hesita nem duvida. Alumia-se com o lampião – fio de lá de ovelha, gota de azeite da almotolia. E uma luzinha tão pequenina e tão perdida na serra e no mundo que um sopro a vai apagar. Oscila, perde-se na escuridão cerrada... Mas teima! Vê-se de longe entre aquele caos subir como quem se arrasta à corcova dos montes e levar um tempo enorme a descer. Às vezes parece imóvel. Lá vem, lá anda... A gente chega a ter medo que se apague e segue-a numa ânsia, como se dela dependesse a vida do mundo. E uma luz de candeia, sem ela a terra seria um deserto. Morreu! morreu agora! Tanto tempo passou que decerto morreu. Lá reaparece tremendo à ventania, lá teima trôpega e sempre a brilhar, apesar das trevas que se condensam. O mundo em roda é negro, mas aquela luz pode mais que uma estrela... É a Joana que caminha com o lampião seguro na mão encortiçada. É uma velha carcassa, só ossos e piedade, e no entanto toda a serra bruta se alvoroça. Em vão a tempestade se engolfa nas gargantas aspérrimas e como uma asa desconforme a açouta; em vão a tempestade redobra. A Joana anda sempre, lá vai, lá vai!... Aquilo não é luz – é ternura. E a serra é ferida no próprio coração.

Está quase cega; seus olhos são duas lágrimas. Não admira: a Joana chora desde pequenina. Veio à terra para sofrer. Está afeita. A sua fealdade separou-a para sempre da ventura. A Joana é dos outros. E ao fim da vida forçaram-na a ver a sua menina desgraçada, naquele casebre aferrado às lapas, seis pedras onde a dor e as risadas se misturam.

A tempestade no auge desaba sobre o casebre. Dentro, os gritos eternizam-se, a dor pesa como uma cruz. A Joana, nas sombras que vão estampar-se na parede fronteira, distingue a velha atroz, fazendo gestos, o vulto da cega petrificada, o de Sofia – e logo estremece. Não há redenção a esperar. A dor dura a vida inteira daqueles seres. Ódio e lágrimas hão-de desgastá-las, levando-as de escantilhão até à cova, reduzidas a pó. Chora, revés com a porta: ainda encontra lágrimas que arrancar ao coração; ainda existe piedade dentro dessa ridícula armação de pele e ossos. A tempestade rebrame, o choro encharca-a, a ventania cuspinha-a. Põe-se baixinho a chamar por Deus, como se Deus a ouvisse! E não é por ela, recalcada e rasa, que pede – é ainda pela outra. Dentro responde o mesmo sarcasmo, os gritos, as bocas escancaradas de escárnio – fora o sorvedouro trágico da noite. Um esguicho de ventania apaga-lhe o lampião. Se a suspeitassem ali presente, expulsá-la-iam decerto, e por isso deixa-se ficar, unida à porta, achegando os trapos ao corpo mirrado, por causa do frio: cinge bem a si a minguada trouxinha, com que anda há tantos anos, de casa em casa, de lar em lar, de dor em dor. É sua roupa – tudo o que lhe resta da existência. Estúpido ser! acaso alguém porventura teve um dia piedade de tua nudez? alguém consentiu em misturar as suas às tuas lágrimas? Sê egoísta. Há lume por essas choupanas – aquece-te; deixa a desgraça seguir seu inevitável trilho. Arreda-te, fuge!

– Meu Deus, um milagre, que eu já não posso! Fui sempre tua amiga, bem no sabes!... Por mim não, mas por ela.

E o vento uiva desgrenhando as nuvens, as árvores estorcegam-se nos fundos de treva. Depois uma prostração... – e no silêncio lágrimas... Mesmo cuspidas com uma crosta de lama, com uma crosta de dor, procura na porta uma fenda para espreitar e

torna a esbagoar lágrimas que o frio lhe congela na cara. Põe-se a rezar, a falar baixinho, a dizer palavras sem nexos, e assim fica com a trouxa nos braços, toda molhada de lágrimas.

Chorou e morreu. Viu-a infeliz e chorou: só lhe podia dar lágrimas. Viu-a desgraçada e quis sofrer com ela. Se pudesse tomaria para si o quinhão amargo que lhe coube em sorte. E como já lhe dera o leite, o amor, o bafo – deu-lhe também a vida... Não tinha mais que lhe dar. E assim, enrodilhada à porta, com as últimas lágrimas geladas na cara e a trouxinha encostada ao peito – donde nunca se esgotou a piedade – acaba como um cão fiel.

Alta noite há uma prostração na tempestade, um silêncio estranho que mete medo. E nesse silêncio ouve-se um ruído de lágrimas. – Meu Deus, quem anda lá fora a esta hora tardia?! – a chuva que cai dos beirais. – Não chove. Mas vão ver! vão ver!...

– Não se vê ninguém. Será chuva... – Jesus, quem geme lá fora com este tempo maldito?! – É o vento que passa e a neve que clareia a noite opaca; é a neve que enche a noite de mágoa e amortalha a escuridão... – Ainda se nevasse!... Mas não, não é tempo de nevar; há nesta noite não sei que prostração dorida, fora da compreensão humana... Ouviram? Ouvi distintamente um ai de alma penada!...

É a alma da Joana que não quer partir dali. É a sua alma que se debate na desolação dos montes. No outro mundo também se chora.

XI

A Morte! A Morte durante um longo espaço parece que esquece uma geração, mas de repente intervém e faz um largo serviço:

deita tudo abaixo. Nesse momento a morte passa a ser o grande negócio da vida...

Morto o Anacleto os caixões dispersaram-se. Um credor fez uma penhora – um lote de esquifes coube ao Belisário, que os vendeu ao desbarato em praça. Reuniu o conselho de família, que se desfez logo da órfã com a maior sem-cerimónia deste mundo, nomeando tutora a Candidinha, parente mais próxima. Encargos que os leve o diabo!

Meses depois, também o diabo levou a Patrícia, inchada como uma pipa, sendo necessário fazer-lhe de propósito uma urna de mogno, para apodrecer com certa comodidade no seu jazigo de família. A porta da velha casa incrustada na Sé fechou-se para sempre; os cães de vidro continuaram na sala a olhar esgazeados o pó que se ia acumulando, camada sobre camada; o pequeno caixão, amarelo, com galões doirados, que servia de reclamo, preso à soleira da porta por dois ganchos de ferro, foi apeado pelos garotos – que uma tarde de bruma representaram um saimento fúnebre, com gáudio de certas múmias que deitavam as cabeças de fora das gelosias. Choveu – veio Sol – os lojistas em chinelos sentaram-se às portas nos bancos de pinho negro e puído; em torno os montes recortavam-se com imponência no céu baço... Os mesmos hábitos – que datavam de tempos imemoriais, a mesma vida estúpida e inútil.

Enterrada a Patrícia contemplam-se as velhas múmias e respiram com certa satisfação por terem escapado. Mas quase logo depois estoira a Teles do aneurisma e elas olham umas para as outras com terror. – De quem será a vez agora?... – Com o medo da morte, avoluma-se o medo ao Diabo. Começaram a distribuir muitas esmolas inúteis. Acordadas alta noite – no silêncio da noite que se parece já com o do túmulo – o mesmo drama se repete em cada consciência. Mas eu nunca fiz mal a ninguém... – Nem bem – responde outra voz desconhecida com um riso sarcástico. – Sempre! para todo o sempre na eternidade... – E alguma coisa está presente, presente e inabalável, que as enche de pavor. Só o Belisário, porque tem tudo selado e autenticado, olha para a morte e para o Diabo com indiferença: sente-se seguro neste mundo e no outro.

– Ai! ai! ai!... suspira esta baixinho – Morrer! morrer! – E o que era uma palavra passa de repente a ser temerosa realidade, um negrume formidável e presente, outra vida temerosa e presente onde tudo o que se fez e o que se não fez é pesado e repesado: – Enganei toda a gente – só a Ele o não enganei... Só a minha alma foi enganada – só a mim própria me enganei!... Sinto já o chumbo derretido pela boca abaixo... Ai!...

– A vida, a vida que passou como uma ninharia, a vida que deixei passar como se fosse uma inutilidade, só agora vejo o que ela vale. Que fiz eu da vida? – É outra que fala na escuridão com o Diabo. – Sim, diz-me agora – exclama Ele – diz-me agora aqui sós a sós comigo o que fizeste tu da vida? Só te pergunto isto e não te pergunto mais nada. – E um riso começa, um riso que nunca mais acaba e que soa cada vez mais alto. – Oh! se eu pudesse viver outra vez!... – Mas não podes viver outra vez e tens de me responder a esta pergunta: – O que fizeste tu da vida?...

E a Felícia interroga-se, debate, esfarrapa-se:

– Aqui estou eu ao fim da vida diante da morte e do inferno. Aqui estou eu e peso tudo, aqui estou e só tenho um minuto para me arrepende do que fiz e do que não fiz. Era meu filho e eu não lhe perdoei. Mas se lhe não perdoei foi por tua causa, meu Deus!... É por tua causa que vou para o inferno. Perdoa para que te perdoem, disseste. E eu não lhe perdoei!... Não lhe perdoei por tua causa – ou foi por orgulho que lhe não

perdoei?... Por este orgulho que foi a culpa máxima da minha vida, por esta secura atroz de que nunca me pude livrar e que foi talvez a causa que o levou a afastar-se de mim, e negar-me e a negar-te. Fiz o bem, dei aos asilos, dei aos pobres, mas sempre mirrada como as pedras. Dei por orgulho. Até para os meus, até para aqueles a quem devo a vida, mantive sempre esta aridez. Sou capaz de dar tudo o que tenho – mas tu a meu lado ris-te, tu que já me tens nas tuas mãos pela eternidade das eternidades. Ris, porque eu, por mais que faça, não consigo quebrar este orgulho do inferno que me pertence e que te pertence...

Transfigura-se. Ela, que possui arcas cheias de ouro, vive de pão e água. A toda a hora ronda nas salas sepulcrais, onde dia e noite ardem lumes como nas igrejas. Nem todos os lustres acesos conseguem expulsar a sombra que se agacha nos recantos. Aquilo é fúnebre como um enterro perpétuo – a Morte não acaba de sair daquela casa nem os galegos de arrancar dali não sei que tumba enorme. O seu orgulho mantém-se. Alta noite as criadas acordam ao ouvirem-lhe os gritos e quando entram de rodilhão na sala, apavoradas, encontram-na toda de negro, rígida como uma estátua, entre os candelabros acesos. E, imperiosa, brada-lhes:

– Saiam! saiam!...

Duma vez deram com ela estatelada no chão, com a boca cheia de espuma e os dentes cerrados. Ali estava a Morte! Batia, subia a ampla escadaria, dominadora e impiedosa e entrava pela porta dentro...

Começara sentindo uma vaga tristeza, negrume e uma dor persistente na nuca. Deixou de falar, por penitência lambeu o pó das igrejas, e uma noite viu – na realidade viu – o filho a arder nas labaredas eternas. A culpa é sua! a culpa é sua! Por sua causa se fez ele ateu. E acusa-se de imaginar os pecados. Procura-os na consciência. Investiga, como um inquisidor feroz, com desespero e minúcia, toda a sua vida. Esquadrinha com gozo, e forma tenção de sair descalça, de ir de porta em porta pela vila, bradar misericórdia. Seus crimes redobram e exigem extraordinários castigos. São imperdoáveis. Por sua culpa, fora Nosso Senhor afrontado – e perante as velhas, que se reúnem agora na grande sala onde os lustres ardem dia e noite, prostra-se, bate com o peito no chão.

– Perdão! perdão! fui eu!...

Arrasta-se no sobrado, humilha-se desgrenhada, juntando as mãos trémulas:

– Não me salvo! não me salvo!...

E o círculo de seus crimes duplica sem cessar: ela é a autora de todo o mal que se pratica neste vale de lágrimas; ela, como o Judeu Errante, há séculos que pena, há séculos que se sente devorada pelas chamas do inferno. Cresce. O mundo a seus pés reduz-se a uma insignificância. Ela é o Pecado, a Culpa, a Traição. E a imagem do filho ateu obsidia-a, patente, real, de carne e osso, mais verdadeira que as das velhas e das criadas que a rodeiam. Vai a tombar no esquecimento e no sono, e logo a sua mão a desperta chamando-a do inferno. Arrasta-se com os joelhos no lajedo, que de propósito mandou colocar aos pés do Cristo imenso, e implora frenética:

– Senhor, perdão! perdão! perdão! Era meu filho, mas foi por tua causa! Era um pecador, Meu Deus! Era o meu coração e arranquei-o! Era ateu, Senhor, e eu não tive nem uma lágrima, nem remorso, porque te tinha ofendido. E agora é ele que me chama para junto de si. Arranca-me ao inferno, Senhor!

E mais alto:

– Perdão! perdão! perdão!

Incham-lhe os joelhos feridos e ela não nos sente. Tomara ela sofrer! Deus lhe desse as piores angústias – mas que lhe perdoasse os seus pecados, a soberba, a riqueza, a gula, a abominação!

– Sinto o inferno! vejo o Diabo!

A estas palavras, a Adélia e as outras, o próprio Belisário, deitam a fugir pelas salas fora. Perdem os chapéus, esquecem os xales. Há um redemoinho. As luzes apagam-se. Ouvem-se gritos, clamores, ais. Fecham-se as portas com terror ao Diabo – e ela sozinha cai de rojo aos pés da Cruz, batendo no peito com um calhau.

– Perdão! perdão! perdão! Não me posso arrepender de o ter abandonado. Sinto toda a secura do inferno... Dai-me o arrependimento, Senhor! Dai-me a vossa graça! não me leveis sem a vossa divina misericórdia!

E ainda mais alto:

– Perdão! perdão! perdão!...

Sente uma aridez atroz como se fosse de pedra. Não lhe vem uma lágrima aos olhos secos. O orgulho até no pecado lhe dá grandeza.

– Senhor! Senhor! Senhor!... Não me salvo!

Os padres não têm mãos a medir. A vila está nas mãos do Diabo, que a domina e avassala. Muita gente, com o exemplo, se converte. Regurgitam os confessionários e na vila – afundada entre os vagalhões pétreos da serra – o alvoroço redobra. Uns chamam-lhe santa, outros afirmam que arde viva nas penas do inferno. Devia perdoar ao filho ateu? ou não lhe devia perdoar? Do púlpito abaixo pregam-se penitências e cóleras – e a igreja sacode-se de terror ou explui em lágrimas. Nos altares ardem dia e noite com esplendor centenas de lumes, o Senhor Exposto parece uma prodigiosa constelação. A Adélia não prega olho. Outra acorda alta noite esganada pelo Príncipe das Trevas e alarma a vila com gritos. Em casa do Belisário as portas começam a bater – e passos altas horas ecoam nas ruas estreitas e desertas. O arcepreste é obrigado a exorcismar uma rapariga, que desata sem mais nem menos a falar latim, e o terror alastra na população como uma vasta epidemia. Velhas nas reuniões reviram de súbito os olhos e principiam aos gritos, com espuma na boca: as outras abalam logo ganindo. Começa, apenas vem a noite, a falar-se baixinho, as conversas caem, e no silêncio surpreendem-se a olhar uns para os outros com pavor. O comércio põe os taipais à noitinha. Alguns, mais ousados, atravessam a praça solitária, olhando de soslaio o palácio onde a Felícia, aos pés da Cruz, em vão clama:

– A vossa graça! a vossa piedade! Jesus! Jesus! Jesus, redentor do mundo!...

Julga-se indigna de penetrar nos templos. Nem os padres a dominam. Com o orgulho, um único sentimento resta intacto naquela alma – a avareza. Entre os lustres, no casarão onde os passos retumbam, vai e vem de mãos juntas. Acompanham-na sempre seis criadas, de velas em punho – e os candelabros continuam a arder com o fulgor de sóis. De fora espreitam aquela claridade constante. Tremem. Às seis da tarde, já não há quem se atreva a abrir as portas...

É então que a Candidinha, que nem do Diabo tem medo, desce ao povoado e domina-a como se fosse uma criança, amarfanha-a nas mãos como um trapo. Quando a deixa, a Felícia pede-lhe de mãos postas que não a abandone. É ela quem lhe aconselha, com um supremo regalo, que coma horrores, ervas, restos dos hospitais, migalhas sórdidas. Fá-la andar descalça, impõe-lhe o suplício duma áspera clina chegada ao corpo, e todos os dias o pátio vasto se enche de mendigos ascorosos como numa romaria: são lepras inéditas, cancros, feridas, abominações que a Felícia lava e trata, sem humildade. A Candidinha da janela comanda, e goza. Em vão! em vão! A Felícia não sente resquício de piedade: vai de mendigo para mendigo, de asco, para asco, por entre o rumor dos monstros, que se arrastam no chão como vermes, num clamor infernal!

E expõem os braços, mostram-lhe as chagas, os males, as podridões. Ela baixa-se e beija-as.

E a Candidinha, que a tem nas mãos, avança:

– Tu o que deves, filha, é casar com um rapaz pobre, com o meu filho... Sempre tinhas uma companhia. Restitui! restitui, senão não te salvas! Todos os teus parentes são ricos. Lembra-te que o dinheiro era do meu filho. Casa com ele... é uma restituição...

E a outra a fingir que não entende:

– Tu que dizes? Deus perdoar-me-á os meus pecados?

E logo a Candidinha desabrida:

–E mais fácil um camelo entrar pelo fundo duma agulha, que um rico no reino do Céu! Despe-te das tuas riquezas!... – E noutra tom murmura: – Com o meu filho... – E mais baixo: – que gostou sempre de ti! Mesmo porque eu não posso estar a fazer-te companhia e vou-me embora...

– Não, pelo amor de Deus, não me deixes só! Até as criadas me abandonaram!

– Passa fome, sofre... E restitui.

– Mas se eu não posso! não posso arrepender-me!

– A Deus ninguém engana. Ele vê no fundo da nossa alma. Nada lhe escapa.

E logo a Felícia, caindo de joelhos, amolgada aos pés de Cristo, batendo com o pedregulho no peito:

– Perdão! perdão! perdão!

XII

Giraram outros meses da mesma solidão e desventura. A serra surge despida, maior, numa triste desolação: a serra lembra a Dor. Sofia e a Cega, rotas e esqueléticas, já não podem chorar. A desgraça e o frio empederniram-nas. E se choram, tão monótonas são as suas lágrimas como o desabar do inverno naquelas terras bravias.

Separadas as duas mulheres, a Cega sente-se mais isolada naquela treva pastosa: à sua roda aumenta a camada de solidão e negrume e um bafo envolve-a. Mas já ninguém se debruça sobre ela, só o frio álgido a toma. Bate-lhe o coração com pavor.

Porque é que a velha hesita e não se atreve? Talvez porque se habituou a sonhar e o sonho torna-nos incapazes de acção. Talvez porque não consegue enganar a Cega: por mais devagarinho que avance encontra-a sempre alerta e olhando para ela com os olhos brancos estacados de terror. É um trapo, é um nada molhado de lágrimas – é fôlego vivo que lhe mete medo. E recua. E talvez porque tem medo que entrando-lhe a morte em casa nunca mais de lá saia. E a sua ideia fixa. Fala, age, discute, mas no fundo quando ri, quando escarnece, quando sonha, sente sempre aquele espinho cada vez mais enterrado e mais vivo. A Morte!... Se pudesse trancar todas as janelas e todas as portas!... E de noite, uma em baixo, outra no sótão, ambas sentem rodar o mesmo fantasma, e, com o ouvido à escuta estremecem ao mais leve ruído...

Mas a velha ainda tem um refúgio – sonha e tanto esbraseia o seu sonho, que consegue por vezes esquecer as outras figuras ali presentes. A realidade não existe, nem Sofia, nem o filho tísico, nem a morte. O ódio emerge inteiriço dessa mescla de sentimentos contraditórios, e a Candidinha toda se desfaz em sonho. Há momentos na vida em que o poder do sonho abafa, arreda, some a atroz realidade. Sentimo-la presente? Agarramo-nos com desespero ao sonho, e, à força de o atear, ainda que fique um espinho cravado – amortece-se a dor, finge-se, pode-se mesmo rir... No fundo de seus olhos plenos de êxtase há, sem dúvida, uma perturbação e na alma fel que ameaça trasbordar – mas a teia fúlgida tudo recobre e esconde. Que importa se depois a dor renasce maior, mais forte e implacável?

No sonho não há asperezas, nem contrariedades – o sonho é como um rio imenso que corre e trasborda. Não se lhe opõem diques: não há força que lhe resista. A realidade é cheia de intransigências mesquinhas, de ásperos ângulos, de mínimos e resistentes pormenores.

Cada ser tem a sua atmosfera própria, cada criatura vive rodeada duma auréola de sonho. Todas as almas segregam sonho, como todas as flores exalam perfume. É uma irradiação.

Morre um sonho – outro nasce. Para o construir basta um simples nada – mas sem essa atmosfera é que ninguém pode viver. É muitas vezes feita de penas, de gritos – mas tão indispensável como o pão de cada dia. Há homens que arrastam mantos impalpáveis, esplêndidos – noutros o sonho reduz-se, apaga-se, mas existe sempre, até nas almas rudimentares. Constitui, apesar de não entrarmos com ele em linha de conta, quase toda a nossa vida. Há atmosferas dessas que se ligam – nasce a simpatia; outras que se repelem – vem o ódio. A verdadeira existência, a que mais nos custa a deixar, é essa que nos parece quimérica. E até, se me não engano, a única que existe. As vezes morre, dilui-se: a alma já não exala sonho e o corpo continua a viver – mas em verdade vos digo que o homem a quem isto suceda não passa dum cadáver.

O herói não se esconde nem o poeta. Sentimos logo que está presente um inimigo ou um amigo; até sem o conhecermos. É o fluido estranho que toca o nosso fluido: é a auréola que rodeia um corpo e que é constituída de embriões de sonhos – alma que se exterioriza – que comunica com a nossa alma. Essa irradiação em certas pessoas, já o dissemos, é tumultuária e enorme. Tem um poder singular. Derruba montanhas, como disse Cristo. É a maior, a mais esplêndida força que na Natureza existe. Renova-se constantemente: é feita de resíduos, de aspirações, de harmonia ou de desespero. Mas necessita de alimento. Um nada lhe basta – mas precisa dele: pode construir um palácio sobre o bico duma agulha, é certo, mas é-lhe necessária a agulha. Requer um ponto de apoio por frágil que seja – senão desaparece.

Além disso, o ser que se habitua a sonhar, precisa constantemente de sonho: é como uma fôrnalha acesa: não há carvão que lhe chegue: a mina, ao fim de tempo, passa inteira pelo metro quadrado duma fôrnalha...

E a velha toda a vida sonhou: foi esse o seu alimento. Quanto mais desgraça mais sonho. Sonhou primeiro em dominar e vencer; passou depois, com os anos, o triunfo para o filho e sobre a sua vida construiu todos os castelos do sonho. Sucumbisse ela, ela que fora alimentada de esmolas e de côdeas, mas visse realizado o seu sonho no filho. E agora que o seu plano está quase executado a Morte vem pé ante pé, a Morte entromete-se entre ela e o Sonho.

A morte! Nunca a Candidinha pensara a sério na morte. A morte levar-lhe o filho?... Que se atrevesse! Mas ouve-lhe os passos... Sente um frio envolvê-la: penetra-a, gela-a, enche-lhe a alma de pavor. Em vão desvia o olhar; em vão se atíça de propósito para esquecer: o frio aumenta e trespassa-a. Uma ideia obstinada não a larga, preside a toda a sua vida, pesa sobre todos os seus actos, queira ou não queira, cresce, domina-a, remexe no fundo de todos os seus pensamentos. A velha já não pode olhar para o filho sem terror, embora nem a si mesma o confesse. Surpreende-se a dizer: – E lá possível! é lá possível!...

Arreda-a e ela volta; foge-lhe e ela persegue-a. Pouco a pouco, toda a existência se lhe subordina. A Candidinha sente que já não pode estar a sós com o filho: entre os dois *alguém* se intromete, sempre presente, silenciosa, e de coração mais duro que o seu próprio coração. Finge que não crê: sorri para se dar ânimo. Vê-a ali a dois passos e simula que não dá por ela; toca-a e é como se não existisse; adivinha-a sem átomo de piedade e no entanto ri – capaz de lutar peito a peito com a própria Morte. Para lhe arrancar o filho – o seu sonho – será necessário passar-lhe primeiro sobre o corpo. Nem o inferno, nem Deus! Tem a alma de aço e aquele sonho em brasa levou-lhe anos a gerar. Não, não pode ser; bem vêem que não pode ser! Seria arrancar-lhe tudo, inutilizar-lhe tudo o que construiu à força de sofrer. Já vêem que não pode ser!...

Mas cheira-lhe a morte!... Passa num sopro pela beira dela – ouve-lhe os passos leves – está ali presente. De noite quando acorda e fica horas a cismar, fica horas de ouvido à escuta como a Cega... Não! não! a Candidinha não se submete. Sente-se capaz de disputar o filho à morte numa luta desesperada, capaz de lho arrancar às mãos de ferro. O seu filho é o seu sonho. Não a teme. Pode-lhe passar tudo pela cabeça menos que a morte lho leve. –Tantas vezes a desejei e nunca a Morte me ouviu! Tantas catástrofes sonhei e a Morte passou de lado!... E vens agora – agora!... – E a Candidinha arreganha-lhe os dentes.

Há momentos em que tudo se confunde naquela alma, terror, ambição, sonho desmedido. Tece e retece ao pé da Morte. Depressa! A velha anda, vai da Felícia para o filho, do filho para a vila, do pavor para o sonho, do sonho para a morte. Emagrece. Sente que o tempo passa e pela primeira vez que a vida não é eterna.

É necessário quanto antes arrastar o filho até à vila para o mostrar à Felícia. Ele está pior – depressa! depressa!... A tarde é fúnebre, com pastas algodoadas de nuvens sobrepostas no céu fosco. A luz esguicha aos feixes do alto, e no horizonte uma nódoa baça mistura-se com claridade e cúmulos esparsos. Da profundidade dos vales sobe pelos grandes montes recurvos sob a abóbada de ferro a escuridão transida de frio. Na terra, só cresce, de entre a lava, o piorno – e por momentos, nos redemoinhos que o vento cria na solidão estéril da serra, parece que remexe o próprio terror.

O ar glacial traspasa-os de frio. Na volta, a meio caminho, o filho dobra-se sobre ela, desfalecido, e queda-se logo inerte.

– Filho!

Palpa-o: limpa-lhe o sangue da boca. Repara numa ânsia: o sítio é deserto e pedregoso. Só pedras e céu. A sombra chegou ao alto e toca-os. O silêncio transe. No fundo, muito longe, enxerga-se uma póvoa cor de granito que mal se diferencia da terra. Solidão e bruteza. Ninguém acode: só pedras.

A velha corre numa angústia suprema. Mas não pode assim abandoná-lo ao frio! Tira dos ombros o xale e embrulha-o.

– Filho! Morre-me! morre-me!

Apalpa-lhe as mãos – gelaram. Quer arrastá-lo e não tem forças. Num grito é impelida do alto do sonho que construíra. A sombra já redemoinha nos píncaros e cerra-se de todo. A neve começa a cair com pés de lã. Com o vestido roto e os braços erguidos, a velha corre a clamar. Só pedras, o silêncio, e a noite infinita que desaba. Torna:

– Filho, ouves-me? Filho, escuta... Vai cair o nevão!...

Muito longe, no céu, resta uma claridade aflitiva, que consegue traspasar as pastas de algodão – e as próprias fragas se sentem passadas daquele frio mortal.

– Filho! filho!... E não haver quem nos acuda!...

Corre, grita, despenha-se pelo fraguado hostil. As suas mãos descarnadas e secas palpam a treva; volta e topa com o cadáver já rígido. Expede gritos:

– Não! não!

E depois, num acesso, três vezes suplica:

– Acudam! acudam! acudam!...

Só trevas e pedras: tudo em roda é silêncio. Aquilo passa-se noutra vida – num túmulo. As fragas imensas não têm coração. E das trevas sobre trevas aglomeradas, da escuridade sobre a escuridade, da solidão sobre solidão, sai toda a noite aquela voz amarga – súplicas e gritos:

– Filho, tu não estás morto! Pois eu tanto sofri e tu morres-me! Passei com côdeas para te criar – e tu morres-me! Eu sofri, eu calei-me, eu fingi... Filho! filho!... Lembra-te! lembra-te! O que eu passei para seres rico, para os calcares – e tu agora morres-me! Agora que ias ser rico!... Como as tuas mãos estão frias! Acudam! acudam!... Por tua causa, a minha boca não se abriu para lhes cuspir, por tua causa, ouves? andei de rastos e foi de fel o leite com que te criei!...

Toda a noite ruge na serra. Despe-se para o cobrir. Defende-o do frio com o próprio corpo; deita-se a seu lado, aquece-o com o bafo toda a infinita noite de Inverno. Quer comunicar-lhe não vida – mas ódio. E chega bem para dois...

– Então tu pagas-me assim o que sofri? Por quem me rebaixei? Para que te criei de esmolas, ouviste? Filho, agora que ias ser rico! Acudam! Maldita serra! Tens frio? Filho, responde-me! A nossa vez há-de chegar!...

Encontra de novo o tom de voz com que lhe falava quando era pequenino, nas arredadas noites de fome. A neve revolteia, e engolfa-se no boqueirão infinito da treva. Só a serra escuta aquele infundável monólogo. Desvairada, ali lhe conta outra vez por

miúdo a história da sua vida. Acha pormenores. Nada lhe escapa. Só a serra escuta. E de quando em quando a própria neve hesita e pára como se quisesse ouvir aquela estranha confissão. A serra concentra-se e atende. Depois redobra a folheca na noite tão espessa que dá impressão de nunca mais ter fim, na noite esbranquiçada e imóvel.

De manhã encontram-na e levam-na, muda e impenetrável como as fragas. Diante dos outros a Candidinha não chora. Caminha silenciosa e enorme, toda em farrapos, ao lado do filho, que os cavadores transportam numa padiola. Ainda espera que tenha vida.

Chegam. E enquanto fixa absorta o cadáver, a seu lado a Cega espera. Os gritos não a abalam. A Candidinha sacode o filho, prostra-se – a Cega fica inabalável. Não perde as imprecações da velha. Vem a noite, o nevão; desaba de novo a treva imensa sobre a casa: tudo a noite some – a figura hirta da Cega, a Candidinha, o cadáver. Do nada continuam no entanto a sair palavras, gritos, rugidos sem nexos: é a velha que prega ainda, que ainda tem que dizer. As duas mulheres, o cadáver inteiriçado pela morte – a Cega incrustada na parede, a velha toda ela dor – e fora o silêncio e a serra.

Ninguém a vem assistir, mas a velha sozinha faz o clamor. Duas velas, um caixão e a Candidinha que passeia de cá para lá, que fala alto, que cai sobre as quatro tábuas do esquife, para depois se erguer e recomeçar aquele passeio, num monólogo que dura a noite toda:

– Não há Deus! não há Deus! não há nada! Porque se houvesse Deus tinha de ser justo – porque se houvesse Deus não me levava o meu filho – porque se houvesse Deus não me tirava o meu sonho! o sonho da minha vida! o sonho que teve fome! o sonho que teve frio! Não há Deus... Sufoco! Há terra com que nos encham os olhos, há terra com que nos entupem a boca... E perdido, perdido tudo o que sonhei, tudo o que levei tanto tempo a criar – tudo para sempre perdido! Levam-me tudo para a terra, tanta fome que passei, o trabalho das minhas noites, a humilhação e o ódio, tudo a que dei vida e a minha própria vida. Levam-me tudo p'ra a terra!... Como pode o sol alumiar e os outros viverem – se ele está morto?... Ai o meu filho que mo levam! Não levem o meu filho! o meu filho está vivo! o meu filho está vivo!...

Tudo na vida tem um termo, até a desgraça: tudo cansa, até os gritos. A velha por fim fecha-se sozinha com o filho e fala-lhe baixinho durante horas e horas. Depois põe-na fora, corroídas pela desgraça e gastas pelas lágrimas. São dois trapos embebidos em dor. Quedam-se marasmadas. O ser a quem depois de anos de escuridade escancaram as portas do cárcere, pára estonteado diante da luz.

XIII

Olhem bem... Além do cadáver do filho, está ali – e ela vê-o na noite álgida – um mundo de ódio aluído: o que há de pior na vida – o ódio que se fez sonho, o sonho que se reduziu a pó. A si mesmo se pergunta de que valeram tantas humilhações e tantos chascos e para que representou essa estúpida farsa, donde saiu esfarpada e grotesca. Onde foi buscar forças para aguentar a piedade que lhe ofereciam junto com a côdea? Ao ódio – e para o exacerbar, para tecer – porque esperava um dia estar nos casos de pagar capital e juros. Tudo edificara sobre a cabeça do filho – tudo num sopro a morte tinha varrido. Nele esperava o triunfo, nele a sua amargura transformada em força havia de dominar e calcar... E de tanto sonho que lhe resta agora? Um cadáver. O palácio sem-par da sua alma reduz-se a esse corpo gelado; a arquitectura de génio a matéria inerte. A velha vê seu ódio inútil. E mais que nunca os risos das outras continuam a ecoar-lhe aos ouvidos... De tudo se lembra e repassa como um rosário as humilhações antigas. Estão bem vivas as palavras com que a feriram e sente na boca o fel que amargou quando lhe atiraram com a primeira esmola... O filho era muito mais que um cadáver – o filho era o Sonho. De tanto que teceu ficou-lhe desespero – e as velhas inabaláveis, ricas e egoístas. Tem de lhes pedir outra vez esmola... Sente-se sozinha: nada a que se ater: nem uma ilusão e todos os caminhos da vida cortados. Ela mesma se julga estúpida: começa a rir de si própria, riso atroz que vem de dentro, do fundo dos fundos. Não passa, em verdade, dum ser inofensivo; ninguém mais a pode tomar a sério. É o desespero dos desesperos. Não quis viver – à espera de viver; não quis gozar – à espera de gozar. Tudo sacrificou para chegar a semelhante resultado. Mais que a morte do filho sente a morte do ódio, mais que a dor do seu traspasse sente a angústia de lhe arrancarem o único pão de que se alimentara toda a vida – o Sonho, que lhe deu horas de alegria feroz e que a confortara reanimando-a na maior das desgraças. Construiu sem peias, teceu sem limites, e bastou a Morte para aluir toda essa massa confusa, que à força de paixão tinha chegado ao auge da grandeza. Era viva. Assustava e prendia: sem harmonia, construída nas noites de febre – nas suas melhores noites – de aflição, de exaspero, do desprezo alheio, para assim de golpe se reduzir a pó... Contara com tudo – menos com a Morte.

E a velha formidável contempla os destroços; não desvia o olhar da derrocada. Todos os dias um esforço, todos os dias um fio de alma e um pedaço de sonho – e a estúpida. Morte tudo deitara por terra!...

Ergue-se por fim, traça o xale e caminha direito à vila, que depois de internada a Felícia reentrara no hábito e na regra. Toma uma resolução. Entra pela casa duma das velhas dentro e, cruzando os braços, contempla-as.

– Olhem a Candidinha! – festejam-na logo em risos.

– Já cá fazia falta!

– Então voltaste? Vens ver a Felícia, que endoideceu?

– Não. Voltei...

– E o teu filho, sempre é certo que morreu?... Coitado!

– Está morto... Voltei... Voltei para vos dizer a todas uma coisa que trago aqui... –

E pára sufocada, sem poder continuar, com a mão convulsa no peito – ...que tenho aqui, desde pequena, atravessada. Não quero morrer sem a dizer... Voltei...

As velhas olham-na. Parece maior, mais desorientada: o chapéu é uma pena lambida, o xale um resto, o vestido um farrapo fantástico. Olham umas para as outras. Sentem-na nos melhores dias, quando a Candidinha as faz estostrar de riso.

– Conta lá alguma coisa para a gente se rir um bocado. Sempre temos passado uns

dias mais tristes!...

– Voltei, voltei para isso – para me rir... É a minha vez agora. Voltei, voltei para vos dizer que vos detesto... que não passais dumas estúpidas... O meu filho morreu!... Voltei para me rir, antes de morrer também. É ódio que vos tenho em paga das esmolas que me destes. Sou tanto como vocês... Voltei e meu filho morreu!... Morreu-me!...

E desata a soluçar. Viraram-na do avesso; lembra uma chaga: toda ela sangra. É já loucura – e é ódio ainda.

E sem tom nem som repete o mesmo grito:

– O meu filho morreu! o meu filho morreu!

Anda assim enorme, aos tombos, de casa em casa, de riso em riso, de chasco em chasco. Ninguém a toma a sério. Dão-lhe piedade ainda por cima! riem-se-lhe na cara! É pior. E dizem-lhe:

– Tu não queres comer, Candidinha?

– Não aceito esmolas de ninguém! Não quero esmolas! O que vos tenho, o que vos tive sempre, é ódio!

E o mesmo grito desabrido sai-lhe da boca sem dentes:

– O meu filho morreu!

A pena do quico arripia-se; o farrapo que traz no corpo estremece. Vai bater à porta da Teles; segue incansável para casa da Adélia, numa interminável roda-viva, sem pausa nem descanso, Judeu Errante de saias.

– Eu não quero esmolas! o meu filho morreu!

Às vezes, sucede que as velhas se enfurecem e dizem para os criados:

– Ponham-na lá fora! ponham-na lá fora!...

Em vão espera vê-las atónitas. Ao contrário, escarnecem-na ou – dor suprema – continuam tendo pena dela. Em vão julgara transi-las de espanto com a sua confissão – lastimam-na.

– Está doida, coitada! Foi o filho... Pancada na bola!...

– Morreu-me! morreu-me!...

Descrevam esta figura se podem. É mais trágica e mais ridícula: o desespero feito histrião, misto que se não define de banalidade, de angústia e de sonho. Desperta o riso e impressiona. O xale é um trapo sem nome; o chapéu – o chapéu da Farsa a uivar de fome. Vai e torna com aquela ideia fixa à procura ninguém sabe de quê. Perante seus olhos só se desdobra o sonho por terra e que nenhum esforço humano conseguirá reconstruir. Expulsam-na e escarnecem-na. É curioso: a ninguém incomoda o seu ódio. Pode arquitectar à vontade! pode odiar à vontade! As suas noites são um abismo de cisma e lágrimas. Queira ou não queiram, atiram-lhe a esmola. Tudo se lhe esvai nas mãos com aparência e fumo.

– O meu filho morreu! o meu filho morreu!...

Tenham agora pena dela se querem. Fartem-se. Chamem-na e dêem-lhe esmola à vontade, atirem-lhe piedade e restos de côdeas. A Candidinha é inofensiva; a Candidinha é, enfim – e todo o seu ser estremece até as mais recônditas entranhas – a Candidinha que durante tantos anos representou: – uma velha estúpida. Pode rebramir à vontade: não tem dentes e a gente ri-se-lhe na cara, dos trapos, da figura, do ódio, da ignomínia. Nunca mais pode sair da pele que um dia para si mesma talhou. Vai e vem, de rastos como a cobra, e a máscara, por mais que queira, já não a consegue arrancar. Afivelou-se-lhe para sempre à cara. Seu castigo é esse. Criou aquele tipo – não o pode modificar. E durante noites sem nome revolve, cisma, tece... Uma a uma, tornam-lhe a vir à boca as amarguras passadas. Pesa-as. Lembram-lhe como se fossem punhais que se compraz em revolver na ferida. Vê à sua roda todas as velhas, revive um a um os minutos da existência inteira. Sua alma é uma tormenta. E aos ímpetos torna, cai nas

casas alheias cada vez mais rota, toda ela um farrapo a estremecer de ódio. Seu desespero é enorme, sua dor atroz. Mas as velhas escancaram-se... Ao que ela chegou! Chamam-na e dizem-lhe:

– Conta lá o ódio, Candidinha...

E a Candidinha, sem nexos, clama obscenidades, injúrias, chufas: as noites de tortura: como pensou em encher-se de regalo com as dores alheias, em se faltar de catástrofes. Logo as velhas múmias, com as mãos apertadas no ventre, desatam num coro de formidáveis risadas.

– Conta! conta mais, Candidinha!...

– Esmolas não quero! nem a vossa piedade! Se eu pudesse envenenava-vos!...

As escondidas imitam-na, divertem-se, apontam com piedade a testa e dizem:

– Coitada! endoideceu!

– Desgostos!...

Em vão brada; em vão procura minúcias e horrores; as velhas divertem-se, as velhas estoiram de gozo. Acham-lhe uma graça sem-par. Em vão estatela o seu ódio imenso perante a Teles, a Adélia, as outras. Seu sonho faz rir; seu ódio disforme é motivo para chalaças. Não a compreendem. É em vão que lhes afirma que mentiu sempre, que as enganou durante tantos anos...

– Variou... – dizem. – Conta lá mais um bocadinho.

– Deu-lhe volta ao miolo a morte do filho.

Acham-na mais ridícula e pelintra. Encontre embora gestos terríveis – nem neles reparam; coisas desconhecidas que lhe vêm do fundo da alma – não as entendem. Vai pela rua e aos seus ouvidos ecoam gritos e clamores:

– Fora! fora!

Lá segue sem ver, sem ouvir, com o pedaço do xale a rasto.

– O meu filho morreu-me! o meu filho morreu-me!...

Nessa velha impiedosa só existem ruínas: a fome e a desgraça empederniram-na – e diante de si tem ainda a Candidinha largos anos de vida...

«Vejo-o! vejo-o! Mirro-me, seco-me e não arranco de mim própria esta figura lívida e ansiosa, a dizer-me: – Não quero morrer! não quero morrer!...

Seus olhos sobretudo perseguem-me, cheios de terror e de desespero, seus olhos que me interrogavam, que procuravam ler na minha alma até os mais recônditos escaninhos; seus olhos que tudo exprimiam, sonho, e um apego extraordinário à vida, um medo infinito ao frio eterno, ao nada eterno. Já não falava, já sua boca não tinha forças para pronunciar uma palavra e ainda os olhos, onde a vida se concentrara, diziam coisas inexprimíveis e atroz, as palavras que não se atrevia a pronunciar – e o ódio, o ódio, ouviste? – que sentia por mim: – Enganaste-me e eu não quero morrer. Encheste-me de sonho e eu não quero morrer!

E agora isto – nada. O mundo não existe; só sinto secura e uma frialdade tão grande, como decerto a não encontrarei na própria morte.

Tudo caído, tudo derrocado. E vem-me à boca como chumbo derretido, o que sofri, o que odiei – as horas perdidas a sonhar, as mínimas amarguras, todos os escárnios, todos os desesperos. Não há minúcia de que me não lembre; não há pormenor que não veja; não há desdém que não sinta. Perseguem-me como realidades que não posso afastar. Mas para quê? porquê? Se nem o sonho me é permitido agora – se até esse último pão me arrancaram... Eu já não posso sonhar! eu já não posso sonhar! Vejo tudo, sinto tudo – e sem poder sonhar!

Oh as velhas!... Trago-as aqui, tenho-as aqui! Podem morrer. Seus corpos secos

podem reduzir-se a pó, comê-los os bichos, desfazê-los a podridão, levá-los o vento. Embora! trago-as aqui sempre vivas, a rirem-se, a calcarem-me – secas e vitoriosas... E tudo o que me fizeram, tudo o que lhes ouvi, tudo o que sofri, se desdobra na minha frente, como um drama a que sou obrigada, dia e noite, a assistir... E de que me serve o ódio agora?.

Bem tapo os ouvidos – ouço sempre os mesmos risos! Bem tapo os olhos – tenho sempre diante de mim: – Tu é que tiveste a culpa! tu é que tiveste a culpa! Foste tu! foste tu!... – Fui, sim, e não me arrependo. Pudesse eu e tornava a dar-te a mesma vida, a sustentar-te do mesmo ódio, a encher-te do mesmo sonho!

Eu é que não posso sonhar! eu já não posso sonhar! Porque a verdade é esta: quem me dera a mim sonhar! Quem me dera ser mais desgraçada ainda, mais injuriada ainda, mas poder, como outrora, tecer, sonhar, fartar-me... O pão não me faz falta; os risos, a piedade não me doem tão fundo que eu não pudesse viver; o meu filho – ouvi – podia passar sem ele... O que me é necessário é o sonho; são aquelas noites em que aquecia o meu frio imenso com o imenso e delicioso sonho!...

Que me importava calcar? que me importava afinal ser rica ou ser pobre? Tudo na verdade era insignificante, sem valor, mesquinho e estúpido, ao pé do que sonhei. Reconheço-o tarde...

Um castigo? Foi então justo que toda a gente me calcasse, que me dessem escárnio e esmolas, que eu tivesse sempre este xale e desprezo; que as velhas fossem ricas e eu pobre; que criasse de côdeas este filho e que o visse morrer-me de frio? É proibido então aos desgraçados sonhar, encher-se a gente de ilusões, viver de fome e de sonho, à espera, à espera, sempre à espera?... E que tinham elas mais do que eu? – Sorte? É justo que eu fosse toda a vida calcada e elas cheias de importância se rissem de mim, da minha pobreza, das minhas amarguras? É justo, que eu só para ele vivesse, que por ele desse tudo, tudo sacrificasse – para ao fim o ver morrer como os cães, nas pedras do monte?... Pergunto a Deus se é justo?... Mas eu valho mais que elas todas! e meu filho mais que os filhos das outras! Qual foi então o meu pecado?...

Agora é que eu vejo! Nem aos pobres é lícito sonhar! Nem os pobres se podem fartar à vontade de sonho! Foi com ele que sustentei a vida, foi ele que me ajudou a atravessá-la cheia de fome e de frio, foi ele que me deu forças – e foi ele, afinal, que destruiu toda a minha existência!

O Sonho não há nada que o pague, nem oiro, nem valores, nem ódios, nem gritos. A realidade nunca satisfaz – e de Sonho podia eu fartar-me!

Agora aí tens – a realidade. Sustenta-te! O meu sonho morreu! o meu filho morreu!»

Só ela na vila se atreveu contra um mundo de fórmulas, contra as velhas fedorentas e postiças. Não teve medo nem a Deus nem ao Diabo. Invejou e odiou talvez por um sentimento de justiça... E agora encontra-se diante duma muralha impenetrável que se lhe afigura cada vez maior e mais espessa. Com o filho morto todos os seus sonhos são desconexos. Ouviste? ouviste? ouviste?...

Vê-se de súbito sem base. Sobre a cabeça do filho construía todas as suas quimeras. Ele morto, tudo era inútil. De forma que até esse pão amargo, de que se podia sustentar ainda, lhe arrancaram. Nem o sonho lhe era possível! nem a ilusão lhe restava! E tiravam-no a quem estava habituada a fartar-se dia e noite, à larga, sem medida, a quem costumava encher-se a trasbordar desse rio esplêndido, alimento de muitos seres que só dele vivem – e que morrem contentes e com os olhos extáticos.

Remexe bem, vai até o fundo desta alma e que encontras? Nada. Pior: uma secura atroz. É uma fonte que deitou fel se querem – mas que de vez se extinguiu. Caíram-lhe em cima e ela resistiu. Escarneceram-na e resistiu. Falharam-lhe um a um todos os planos e a alma de ferro da Candidinha resistiu. Morreu-lhe o filho e talvez a Candidinha resistisse ainda, resistisse sempre, se lhe fosse dado continuar a sonhar. Não é a energia que lhe falta a esta figura de ferro. Retemperam-na o amargo, o fel e a própria dor.

Diga-se tudo: – não é o filho que ela chora – o sonho para sempre morto. A perda maior, a perda irreparável e imensa fora essa. E ainda não digo o pior: a velha tornara-se efectivamente grotesca porque todo o sonho inútil é desprezível, todo o sonho impotente só merece chascos.

Domingo. Chove. Ainda há pouco passou na rua, chapinhado de lama, um ignóbil enterro – o carro doirado, os moços de frete atrás, com crepes nos chapéus. As nuvens aglomeram-se no céu, pastada sobre pastada, e envolvem de todo a vila. Cismo mergulhado em tristeza, mas, de súbito, oiço ao fundo da rua um grito e assobios e apupos. Lembra o uivar dum cão entre gargalhadas. Sacudo o torpor que me envolve, e espreito: são gaiatos à volta duma velha. Dois galegos dão-lhes gebadas: em redor dela as fauces arreganham-se num gozo feroz. É talvez uma doida: na cabeça traz um resto de chapéu, na mão adunca meneia com elegância um guarda-chuva sem varas... E uiva: não diz coisa com coisa, entre as risadas, que vão subindo num crescendo. A garotada berra:

– Fora! fora!...

É domingo e ainda há pouco passou na rua um ignóbil enterro. Cismo, e a grande nuvem que envolve de todo a vila pesa-me e abafa-me também...

Não! Essa mulher apupada não é a Candidinha, é o meu Sonho e o teu Sonho, é todo o sonho que não vence e se torna mesquinho. Uma vida inteira passada a sonhar e no fim encontra-se a gente com o sonho derrocado! Ter-lhe dado tudo – e na velhice achá-lo grotesco, quando nem nos é dado sonhar, construir, tecer de novo, tecer sempre!...

Também o meu sonho foi belo e alto, como um mármore – também o meu sonho caiu por terra escarnecido.

...Lá continuam os uivos. Atiram-lhe lama. A canalha em volta berra:

– Fora! fora!...

É sempre o mesmo grito, o mesmo uivo atroz e que me magoa como se partisse da minha alma. Que domingo fúnebre este com luz subterrânea e uma chuva eterna!... Tenho a impressão de que estou cheio de tinta... Tenho a impressão de que se riem de mim. E do meu sonho ou do dela que se riem afinal?

Foi talvez magnético. De seus olhos saía um jacto de fogo que anulava todas as resistências – e quantos não teriam como suprema ventura acabar envoltos na coma dos seus estranhos cabelos. Admirável sepulcro! O sonho é a nossa vida e resume a beleza do universo e a tentação do inferno. – Ou talvez fosse uma figura trágica que nos metia medo. Agora é um trapo.

– Fora! fora!...

De que se riem eles? Riem-se do Sonho, de todo o sonho que não triunfa, do sonho inútil que se reduz a trapo.

– Fora! fora! – brada a canalha. A mulher enorme volta-se. Quer falar, quer protestar – apupam-na. É uma figura de descalabro e de infâmia – é uma figura de sonho. Passou na terra devastando, e sob a sua pele havia um coração de pedra.

Passou e envelheceu. Então todos os que ela fizera sofrer – a fazem gritar. Pior: por dentro daquela pele engelhada, há o mesmo fogo. É como uma estátua soberana e bela que alguém vestisse de irrisão. Por fora velhice – na alma uma labareda. Bem punha flores de papel nos cabelos ásperos e ensaiava atitudes. Seus risos toavam falso. – Por dentro paixão mais viva, por fora rugas e asco.

E a canalha apupa-a (a canalha apupa sempre o sonho) sem que ela se detenha:

– Fora! fora!...

Assim a Velha. Não há nada pior do que a gente habituar-se a sonhar e ver ao fim da vida seu sonho desprezível. Por mais que queira não pode viver depois sem sonho. Por fora mirrada – por dentro o desespero.

– Fora! fora!...

Bem rebusca o antigo refúgio, bem tenta de novo encontrá-lo. Antes lhe tirassem o pão da boca. Parece tonta e é enorme, carregada com aquele sonho grotesco. Ficam-lhe bem a lama, os farrapos, o desvario e não sei que estranha fuligem, que poeira de oiro a cobre apesar da chuva da chuva eterna que desaba do céu. Ficam-lhe bem os apupos:

– Fora! fora!...

Ei-la sem remissão cara a cara com a feroz realidade. Mergulha numa absorção, de que não é possível arrancá-la, e contempla o vazio da sua alma.

A realidade é o nada temeroso. A vida somos nós que a construímos à custa de quimeras, de gritos, de ternura: o mundo pertence-nos: a árvore, a água, o que te rodeia de simples, de belo ou de trágico, o que te faz viver e o que nos faz viver – tiraste-o de tua própria alma. A realidade é o negrume, o abismo donde só sai o silêncio. O sol foste tu que o criaste – porque a realidade é a treva: a luz nasce aos borbotões de teu ser.

Por isso a Candidinha preferia ser cem vezes mais desgraçada e calcada, ver a todas as horas morrer-lhe o filho nos braços, viver sob o domínio e a piedade das velhas – mas poder tecer, poder sonhar ainda!...

É de pedra e ódio. Nunca mais fala. Enorme, vestida de trapos, mergulha na trágica absorção, confundida com as fragas ásperas dos montes. Todos os dias se deita a caminho da vila para o casebre onde o filho morreu. Se lhe falam nem desvia o olhar. Com a mão afiada achega ao peito seco o xale esfarpado, empedernida como se fora talhada no bloco granítico da serra. Tem os cabelos negros. Não morre. Fita um abismo de ódio inútil. Os anos passam e ela queda-se a olhar cara a cara o Destino.

CARTA DA SERRA:

Meu amigo:

Sete horas da manhã. Pela janelinha sem vidro do meu quarto entra uma coluna de sol que empoeira de oiro o sobrado. As pedras de que é construído este casebre são mal unidas e toscas. Dum lado arrima-se aos penedos e sinto palpitar o coração dos montes. Do outro abre para o panorama, píncaros sobre píncaros, fragas revolvidas e um ar tão fino que me não farto de o beber.

Cheira bem. Pela fresta vejo pedras, os montes cobertos de neve, o céu, coisas grandes e eternas... Porque fugi ao ódio, aos desesperos, aos mil nadas que complicam a vida?... Para ter este pão negro, que tão bem me sabe, este ar e esta paz que me penetram. Sou feliz. Vivo!...

Cismo e a paz é tanta neste triste casebre onde o pão não sobra, que o não trocaria pelas maiores riquezas do mundo. O meu sonho corre, incha, trasborda. Ninguém o tolda. Farto-me...

Esta gente que me rodeia, pobres, cavadores, pastores, homens que se parecem um pouco com as árvores pela sua simplicidade e grandeza – e porque dão sombra também – são criaturas diferentes das que tu conheces... Sombra, perguntas? Não é a bondade das árvores – a sua sombra? Nunca sentiste, junto a um velho sobro, a simpatia e a frescura que de seus ramos se exalam?

Pois muitos homens dão sombra como as árvores: acolhem: estendem os ramos, protegendo os que se aproximam: a simpatia que de certas criaturas se evolva é uma frescura só comparável à frescura das árvores.

E que dramas! Há aqui santos, figuras épicas cobertas de farrapos, e heróis, seres da maior ignorância e que convivem com Deus... Ontem, por exemplo, me contaram esta história de duas santas...

Ninguém sabe a sua vida. Apareceram um dia na serra, uma cega, extática, rota, a outra alta, magra, guiando-a, como expulsas do mundo. Tinham decerto sofrido muito. Já não podiam gritar. Uma chamava-se Sofia, a outra a Cega. Mais nada. Sofia, tomando a Cega pela mão, encaminhou-se pela serra.

Parecia que tudo lhes era indiferente. A gente habitua-se até mesmo às lágrimas. Pediam esmola, a Cega, hirta e extática, Sofia, esfarrapada e descalça. Não falavam uma com a outra – porque já não tinham que dizer. Haviam desaprendido de gritar e de se queixar: ficaram mudas e endurecidas para todas as desgraças, para o escárnio, o sofrimento e a fome.

Iam pelas arribanas mendigar. Sucedia no verão dormirem sob as árvores, nos côncavos das fragas, onde calhava, e no inverno, se acontecia darem-lhe agasalho os lavradores, nos palheiros e nas barras. Pegou o povo do sitio de chamar-lhes santas, e talvez na realidade o fossem pelo muito que haviam sofrido. Um dia um lavrador compadecido deu-lhes uma cabana para habitação –meia dúzia de pedregulhos toscos, com umas traves ao alto, sustentando o colmo roído pelo tempo, e aí findou, ao depois, a Cega seus dias e suas penas. O tecto abandonado da Joana serviu ainda para as cobrir.

Foi talvez esse o tempo mais feliz da existência destas duas criaturas. Por suas próprias mãos desbravara Sofia o terreno em redor. Era um chão bravo, pedregoso, constituído pela desagregação das rochas e onde o pão mal crescia; por suas mãos rachava velhas raízes de carvalho, duras como ferro – mas viviam numa paz e numa

felicidade enormes. Quando a fome as acossava, desciam ao povoado mendigando.

Nas noites infinitas de inverno, ardia no lar uma brasa e fora a tempestade abalava as montanhas. Então as duas, sentadas cada uma da sua banda do lume, viam suceder-se as horas infinitas sem palavra que dissessem. Sentiam bem presentes as suas desgraças passadas, e futuro não no tinham. De que serve falar? – Só Deus as escutava, e a esse limitavam-se a pedir-lhe o pão nosso de cada dia. Decerto chegaram a perder a noção do tempo: eram quase irmãs da penedia tumultuária do monte e dos troncos seculares. Pareciam velhas ambas, e ambas se tinham posto grosseiras e feias — dessa fealdade áspera e negra da gente bruta da serra. A sua vida era tão simples, que um mendigo julgar-se-ia rico a seu lado. Eram ambas felizes – talvez pela primeira vez na sua vida.

Um dia a Cega chamou a outra e disse-lhe:

– Vou morrer.

E como Sofia irrompesse em pranto:

– Chiu, baixinho... Temos chorado tanto!... Deus ouviu, enfim, as minhas súplicas. Acabam-se-me os trabalhos. Para que chorar? Que maior felicidade posso esperar nesta vida – do que a morte?

Foi como se uma parte dela abalasse. Sentiu-se sozinha de todo. – Até o que sofremos custa a ver partir, quanto mais um irmão de galés! E da nossa existência não serão realmente as penas, que mais nos custa deixar? – Alucinada, cavou-lhe por suas próprias mãos a sepultura dentro da cabana, para a livrar da chuva, e ela mesma a enterrou. Como aquele lugar era solitário e perdido, e se estava no coração do inverno, dias e dias passou sozinha chorando sobre a terra revolvida de fresco. Depois, aos soluços e aos gritos, internou-se na serra e nunca mais a viram. Que história a destas duas mulheres! que drama para sempre ignorado!... O povo daqueles lugares, como tornasse a primavera sem avistar as *santas*, foi lá acima e só encontrou a cabana tosca, o lume apagado, cinzas e uma pouca de terra revolvida...

Fez-se a lenda. Começou a rezar-se de milagres, e as pobres mulheres do povo, fartas de trabalho e de lágrimas, afizeram-se a vir ajoelhar nas aflições da sua vida naquele cerro da montanha, pedindo às *santas* que lhes valessem.

Mostram-se ainda hoje no lugar as paredes conservadas, a pedra onde ardia o lume, a rocha onde as duas se sentavam, e, como prova de milagre, o fiozinho de água que brota da pedra que esta arrumada à cabana. Há quem diga que as gotas que tombam uma a uma da abertura da fraga são as lágrimas que as duas choraram neste lugar de desterro. É uma água frígida e límpida que apetece sempre beber.

Outubro 1902 – Maio 1903.

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>
